

Bem!

aventurados

os que oram

# Bem-aventurados os que oram...

## índice

|                                       |      |
|---------------------------------------|------|
| Apresentação.....                     | 11   |
| Filosofia Cristã e Espiritismo..      | 12   |
| Ciência e Religião.....               | 16   |
| Uma Ciência maior.....                | 20   |
| A moral do Evangelho.... ; ..         | 25   |
| Entendimento do Evangelho .....       | 31   |
| Evangelho e Higiene Mental .....      | 37   |
| Visão espírita do Sermão do Monte     | 43   |
| Conceitos espíritas e espiritualistas | 49   |
| Pensamento como força.....            | 53   |
| O poder da vontade .....              | 57   |
| Lei de Adoração..... j .....          | 60   |
| Sacrifícios .....                     | 65   |
| Fanatismo.....7.1.....                | 70   |
| Invocação .....                       | 74   |
| A prece.....                          | 1.78 |
| Intenção e disposição..í.....         | 82   |
| Todos devem orar .....                | 87   |
| Orar a Deus ou a quem orar?.....      | 91   |
| A prece tem hora certa? .....         | 94   |
| Deus tudo sabe.....                   | 98   |
| Porque e por quem vamos orar.         | 103  |
| Preces e ensinamentos.....            | 109  |
| A oração dominical .....              | 113  |
| Oração e serviço.....                 | 117  |
| Eficácia da prece .....               | 121  |
| Ineficácia: quando e como .....       | 127  |
| Pretenso poder mágico .....           | 132  |
| Do miraculoso à Parabiologia .....    | 137  |
| Condições em que a prece é feita      | 142  |
| A prece em seu desdobramento ..       | 147  |
| Energias em ação.....                 | 150  |
| Ação direta dos Espíritos .....       | 155  |
| Efeitos positivos da prece.....       | 160  |
| A prece em momentos supremos.         | 164  |
| A casa espírita.....                  | 168  |

|   |     |
|---|-----|
| Cerimonial e oração .....                 | 173 |
| Haverá falsos Cristos e falsos Profetas"? | 178 |
| A oração e o Templo .....                 | 182 |
| Entre o medo e a religiosidade ....       | 188 |
| Reflexões sobre a mediunidade...          | 194 |
| Moisés e a mensagem mediúnica..           | 198 |
| O passe e o impasse .....                 | 204 |
| O círculo da oração.....                  | 21® |
| Oração e idolatria.....                   | 216 |
| Oração e silêncio .....                   |     |
| Orar e vigiar.....                        |     |
| Em tomo da prece .....                    |     |
| Bibliografia.....                         |     |

## APRESENTAÇÃO

Há algum tempo pediram que fizéssemos uma palestra a respeito da prece. Desenvolvemos o primitivo estudo, dentro naturalmente dos conceitos doutrinários espíritas, surgindo assim os capítulos deste trabalho, que oferecemos ao exame e à consideração dos interessados.

Aqui em nossas desprezíveis considerações sobre a prece, se a desvestimos do caráter mítico e o quanto possível do místico, aproximamo-la com isto da racionalidade e dos modernos conceitos de pesquisadores idôneos sem ter em momento algum postergado a importância da fé. E não se nos apresenta por isso menos bela nem menos preciosa, senão que sem os adornos dos mistérios com que de hábito é vista. É edificante e confortador poder senti-la e vivenciá-la pelos caminhos do entendimento que a Doutrina nos permite. E simples, não?

## Filosofia Cristã e Espiritismo

A Filosofia Cristã é naturalmente resultante da essência viva do ensinamento deixado pelo Cristo. Isso parece acaciano. Até aí tudo certo. Contudo, é preciso reconhecemos a existência de questões interpretativas, traduções e interpolações. Considerar a linguagem do Mestre em relação à época em que foram pronunciadas as palavras e o limite de assimilação dos que as ouviam. A pobreza de recursos do idioma aramaico. Avaliar o esforço didático com que procurou exprimir-se junto a um povo e a uma geração marcados por uma cultura diferenciada, de costumes e conceitos característicos. Sobretudo porque a mensagem se iria destinar a toda a humanidade em diversificados estágios, subsequentemente.

\*- Se falo das cousas terrenas e não me compreendem, como quereríeis que vos

falasse das celestiais?" (João III - 1-12). Nem mesmo das cousas da Terra... Ora, Ele veio exatamente ensinar aos homens, e fê-lo como pôde, com sabedoria e prudência, exatamente isso, que a verdadeira vida é a do Espírito. E indicar-nos o caminho que nos conduz a Deus, informando: "- Meu Reino não é deste mundo". Tendo vindo ao seio de um povo de vida essencialmente ligada a tradições de índole religiosa, a sua revelação das cousas celestiais, como dizia, isto é, relacionadas à eternidade da vida do Espírito, haveria de refletir contingentemente o clima psicológico e as citadas tradições guardadas por esse povo. E nem poderiam cingir-se a uma época: "- As minhas palavras não passarão."

Moisés falava de Jeová, ou de Eloin, que era o "Senhor Teu Deus", o Deus de Israel, ainda que único, que protegia os seus exércitos. Diversamente, o Cristo se nos apresentou como enviado de NOSSO PAI, universalizando o conceito que temos do Criador Supremo e nos colocando na posição de filhos - nobres e plebeus, patrícios e escravos... Apesar dos ensinamentos revolucionários do Cristo e como resíduo ainda da velha concepção, as religiões que se organizaram ainda hoje usam uma terminologia daqueles tempos quando transmitem aos profíctes uma idéia menos coerente e assim é que nos falam por exemplo em temor, em temer a Deus, em que devamos ser tementes a Deus... Começamos por identificar aí um posicionamento estranho, filosoficamente considerado, à realidade do ensino crístico. Pois Jesus reunira com maravilhoso poder de síntese todo o Decálogo num só mandamento, o de Amar a Deus sobre todas as cousas. E se esse amor realmente existir na intensidade recomendada, todo o temor que pudéssemos ter passaria a ser um paradoxo. Como temer o Pai, se o temos por amoroso e bom? Deveremos antes temer a nós mesmos por nosso atraso e não a Justiça compassiva das Leis de Deus indelevelmente insculpidas em nossa consciência. O que o Cristo espera com resignada confiança que ainda aconteça é que a Lei do Amor seja praticada em toda a Terra e em sua pureza. É o de que nos fala Kardec, referindo-se ao papel de Jesus e explicando porque a sua palavra não poderia ser propriedade ou privilégio de alguns homens que se arrogassem a condição de donos da Verdade. E acrescenta em "O Evangelho segundo o Espiritismo" que, não obstante o fulgor de suas palavras e o extraordinário de seus exemplos, "sobre muitos pontos o Mestre limitou-se a lançar o germe das verdades que ele mesmo declarou não poderem ser então compreendidas." Literalmente: "Falou de tudo, mas em termos mais ou menos claros, de maneira que, para entender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-nos a chave". Prossegue: "Essas idéias não podiam surgir antes de um certo grau de amadurecimento do Espírito humano. A Ciência deveria contribuir poderosamente para o aparecimento e o desenvolvimento dessas idéias. Era preciso, pois, dar tempo à Gênda de progredir\* (Livro dtado Cap I). Eis que então o Cristo haveria de prometer o envio, em seu nome, do Consolador, que nos ensinaria todas as cousas e nos faria lembrar tudo quanto houvera dito (João,

XTV15-17-25). Temos, a partir de então, a Filosofia Cristã em sua acepção originária, ela mesma sem enxertias e interpolações, mas ampliada - aí sim, ampliada - na medida exata do progresso que a compreensão humana vem fazendo. É a mesma Moral Evangélica, mas são novas as luzes do entendimento. E a Moral Evangélica, que deflui da Filosofia, traça uma ética de vida pelas vias da compreensão em que a Fé passa a ser iluminada pela Razão. Dois mil anos praticamente decorridos não conseguiram fazer a civilização dita cristã viver o ensinamento que, felizmente, nada obstante dificuldades de integral aceitação - as múltiplas correntes de pensamento religioso - sobrevive em teoria. De raro em raro, na prática de algumas poucas almas que nos servem a todos de exemplo. O que é muito bom.

## Ciência e Religião

Habitualmente, um modo de entender que parece a todos muito prático, até muito simplório, costuma separar e colocar mesmo em posições diametralmente opostas como antagônicas e entre si injustáveis Ciência e Religião. Cientistas ou acadêmicos de ciências positivas principalmente, porque prezem essa concepção, porque se prezem, dirão, chocam-se com os conceitos de Deus e de Religião porque elevam à supremacia de suas cogitações o que entendem por objetivo, concreto, comprovado nas disciplinas que estudam, que se resumem por sua vez na matéria. Condicionamento do meio intelectual considera até feio, senão insustentável, qualquer raciocínio diferente. Em profundidade esse preconceito é, na realidade, incoerente, até porque, vejamos, anseiam ambas, Ciência e Religião, pelo bem-estar do homem e pelo progresso da Humanidade; e se o fim a alcançar é o mesmo, aí, de alguma forma, irão encontrar-se, ainda que percorrendo caminhos diferentes. E não apenas têm o mesmo objetivo, o mesmo propósito, de certo modo, como vão ao encontro da Verdade que se coloca mais ou menos distante mas cuja vertente inicial é a causa causaram, onde se encontra, dominando todos os horizontes conceituais, como num descortínio revelador, a idéia de Deus, de um Criador, queiram ou não queiram reconhecê-la. Não falamos aqui de um Deus antropomorfo, é claro. Desse que teria planado nas águas. Não falamos de Religião no sentido extensivo e nesse caso não propriamente de cultos e de ritos em que as crenças se manifestam. Ora, a Ciência se preocupa em chegar às causas dos fenômenos e não deveria, a rigor, desconhecer a Causa Primeira de todos eles. A dificuldade existente é a de como fazê-lo. Removível esse obstáculo, desde que o estudioso, dispensando-se do comportamento fechado do cientificismo ortodoxo, acanhado, também se emancipe dos aspectos particulares com os quais as religiões em geral normalmente dogmatizam por espírito de sistema. É assim que, muitas vezes, conduzem o proficiente, a seu jeito, para o campo místico das crenças onde podem manobrar à vontade teorias, argumentos e sofismas, manipulando o poder

de persuasão, como sempre se tem visto. Ai os dogmas de fé que não se discutem. Reconheçamos, por imparcialidade, que a verdade provisória dos conceitos relativos tem sido necessária, mas o cientista, mesmo em sua posição fria, tem também condições de perceber, em tudo que perscruta, como fez com dignidade Einstein, a presença de um determinismo regedor através de leis universais. Efetivamente, a despeito da presunção dos sábios e dos prudentes, das crenças e das descrenças, como razão de ser de todas as suas conquistas, como dispensador dos recursos da inteligência, está sem dúvida o Supremo Gestor do Universo, dê-se-lhe o nome que se quiser.

A Ciência é definível como sendo o conjunto de conhecimentos sistematizados em que a inteligência se exercita, abrangendo a teoria que surge desta, da observação e da experimentação; e a sua aplicabilidade. Vai às fontes, emancipando-se das cogitações da Filosofia, com que às vezes se confunde, e chega às conseqüências de ordem prática, com que se compraz. Já a Religião percorre as vias da intuição e do sentimento mas não foge efetivamente, ou diremos, necessariamente da razão; pelo menos não devera fazê-lo. E tem por escudo a Moral, a ciência do comportamento e dos costumes. Moral que encerra o conjunto de valores éticos do indivíduo e da sociedade, sem os quais esta se desestrutura. Não há que se admirar alguém de que se coloque a Moral como um ramo da Ciência, porque já o fez Augusto Comte, o criador, por sinal, da chamada "Religião da Humanidade". Moral, a de que falamos, aquela que se mantém íntegra através dos tempos e que chamaríamos a Moral substantiva.

Lemos, há tempos, certo trabalho jornalístico em que se criticava a pretensão de algumas seitas religiosas - assim era dito - de se considerarem científicas. Dentro dessas, certo por desconhecimento de causa, incluía o "espiritismo". Naturalmente por ouvir dizer. O que acontece no caso do Espiritismo - não uma "seita" - é bem diferente. Diferente de querer afirmar-se ciência autônoma ou mesmo que fosse mais uma religião entre as demais, todas respeitáveis sem dúvida alguma, ele comporta aspectos inegavelmente da esfera científica quanto filosóficos pela sua própria natureza, sem prejuízo, aí sim, das implicações que geram conseqüências de índole moral e francas conotações religiosas. Mas não é só isso, propõe-se a se constituir em uma ponte de aliança. Em "O Evangelho segundo o Espiritismo" colocou o Codificador um texto intitulado "Aliança da Ciência e da Religião". E explica: "Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis essas tão imutáveis quanto as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres." Essa noção abrangente impõe se entenda serem correspondentes as leis do mundo físico e as do universo moral. E não há nisso toda uma ciência?

# Uma Ciência maior...

Aprofundemo-nos nas palavras do Cristo: "Não vim destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento." Geralmente se entende que há nesta sentença referências apenas às leis mosaicas, porque pronunciadas com endereço aos judeus. Poderemos ir mais longe se dilatarmos esse conceito e verificaremos seu cabimento em outros sentidos em que se lhe possa alcançar a abrangência. Não investiu o Cristo contra as leis da Natureza. E é nelas que se assentam os instrumentos de observação e de experimentação da Ciência. Ele mesmo buscava sempre nos pequeninos fatos da observação da Natureza os melhores exemplos para comunicar a sua mensagem. Toda excepcionalidade com referência a sua vida e a seus atos fica então por conta da interpretação mística com que lhe envolveram a figura.

Queremos sugerir, desta forma, uma visão diferente de tudo que se relaciona com a presença do Cristo para um reexame junto aos doutos e aos religiosos. Aquela mesma que está em "A Gênese", de Allan Kardec. Sem mistérios impenetráveis. Imaginemos então, para tanto, por mera exemplificação, que certo homem de muita ciência e de muita sabedoria tenha sido enviado em missão especial para transmitir conhecimentos fundamentais, importantes, por norma de conduta, a uma multidão de incientes, de ignorantes mesmo, como afinal sói ser a própria Humanidade. Ora, ninguém poderia esperar que ele dissesse tudo que sabia nem sequer que ele expusesse sofisticados temas acadêmicos do alto de sua Cátedra, que fosse afinal bem compreendido, nem mesmo que o pretendesse, a rigor. Bem se sabe que toda idéia nova, por menos revolucionária, encontra resistência especialmente entre detentores de certa bagagem de conhecimentos, quaisquer que sejam, os quais rejeitam as inovações e os inovadores. Não há dúvida, certa fatuidade e muito orgulho se fizeram em todos os tempos apanágio de pretensos sabedores, alicerçados em suas convicções. No entrechoque dos interesses, sempre a relutância. Não foi portanto sem fortes razões que o Cristo se dirigiu aos simples e pequeninos e se alegrou com isso. A outros tantos, é de Kardec a expressão: "Deus não quer abrir-lhes os olhos à força, já que lhes apraz trazê-los fechados."

E assim se explica a sutileza das parábolas alicerçadas na exemplificação com que o Mestre dos Mestres se houve para trazer-nos os fundamentos de uma ciência maior. Ciência da Alma, é verdade, Ciência que os homens de pronto não teriam facilidade de assimilar como tal. Por isso mesmo predominaria no consenso geral naturalmente o conteúdo por excelência religioso, mais acessível e mais enfático. Pela condição mesma do povo que a deveria receber e dos povos que sucessivamente o fariam. Foi por aí que facilmente se viram capitular no religiosismo e no misticismo. Buscaram o milagre, por tendência natural, em tudo que se lhe referia. Diga-se que ao sabor da índole popular, mas também da manipulação dos teólogos. E logo tiraram partido dessa posição.

Se olharmos para trás, veremos Moisés a seu tempo não somente como líder e condutor mas nas funções de moralista e de sanitarista, antecipando-se aos conhecimentos que surgiriam quanto aos preceitos de higiene e de saúde pública tão nossos familiares. Mas àquela época instituídos como deveres de crença. Caberia ao Cristo trazer-nos regras por excelência relacionadas à saúde da alma, grande psicólogo e grande educador. Chamamos os seus ensinamentos de Ciência da Alma numa forma de síntese. E é aqui exatamente que ela se confunde com Religião por abranger as questões fundamentais do relacionamento do homem, como Espírito imortal, com as suas próprias origens transcendentais e dentro do concerto do Universo. Para isso já não seria tão necessário que a Física Nuclear viesse mostrar hoje em dia a intimidade do átomo e com isso a fragilidade da matéria até antes consistente. Nem que chegasse a perceber, caminhando mais profundamente, algo como se fora a presença de um princípio inteligente povoando as extensões do Infinito. Um pouco de observação dos ilustres cultores do Saber mais categórico poderia ter-lhes feito sentir que não há efeito sem causa e que a grandeza do efeito é proporcional à da causa. Sem necessariamente adentrar-se pelos meandros da Metafísica...

Enfim, outra poderia ter sido a perspectiva de visão dos homens, no entendimento da mensagem do Cristo, se houvera sido racionalmente entendida. Sem que se criassem tantos mistérios. É a quanto se propõe o Espiritismo. Pode dizer-se que há espíritas que sejam místicos, até beatos, impregnados de religiosismo algo fanático. Muitas vezes absorvidos de outras crenças. Uma questão também em si mesma muito individual. Mas não é essa a proposta do Espiritismo. Religião sim, porque se atém aos fundamentos religiosos e morais que governam a conduta humana, que amam a Deus e se voltam para as cousas do Espírito. Mas igualmente Ciência. E acima de tudo a Ciência que abre à Humanidade uma visão dignificante das leis superiores que regem o Universo. E que projeta luzes sobre o ensinamento do Cristo sem as amarras dos dogmas conciliares e dos mistérios impenetráveis.

## A moral do Evangelho

Para que se estudem certos assuntos é sempre bom definirem-se algumas palavras, apesar de muitas vezes conhecidas. É que algumas delas sofrem alterações quanto ao sentido, conforme o emprego que lhes quisermos dar mais especificamente.

Assim, como Filosofia entendemos a teoria geral a respeito dos seres, dos princípios e das causas. Enquanto a Ciência por seu turno quer saber como se dão os fatos, por que se dão e quais as suas decorrências, a Filosofia questiona por que as cousas são como são e não de outro modo. A especulação filosófica difere, portanto, da científica em seu posicionamento, em suas ambições. As formulações



relacionadas às coutas divinas, como a evidência de existir um Criador, um Gestor Supremo e de sua presença permanente em nossas vidas constitui já então a Teologia. A parte da Filosofia que compreende os problemas de conduta e da moral chama-se Ética. Por Moral se entende o estudo da conduta e da prática dos costumes; e essa prática tem um sentido, que é o do respeito de cada um a si mesmo e aos outros. Há toda tuna ciência em seu exercício. Há momentos em que é um tanto difícil afirmar onde ficam as fronteiras dessas áreas. Muitas vezes se fazem especulações a respeito dessa questão. Não é bem esse o nosso propósito.

Há uma diferença entre imoral e amoral. Entende-se por amoral aquilo que não observa nenhum senso moral, a que faltam princípios de moralidade; já agora imoral é o que contraria esses princípios, o que é oposto ao senso moral, que se coloca em choque frontal com as normas vigentes ditadas por esse senso.

A questão 629 de "O Livro dos Espíritos" ensina por sua vez que "a moral é a regra de boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal". Entre então aqui tuna consideração a mais, a da distinção que devemos fazer entre o bem e o mal, subentendendo regras. E diz mais: "Fundamenta-se na observação da Lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a Lei de Deus". E é simples buscá-la. Pois antes, a questão 621 explica onde está escrita a Lei de Deus: Na consciência". Para encontrá-la, todavia, faz-se mister esteja ela, a consciência, desperta e iluminada pela razão e pelo bom senso.

Se bem que a Religião tenha aí um papel muito importante e não há como discordar disso, é claro, fala-se em Deus e em sua Lei, por outro lado não é certo afirmar que a Moral seja, como pode, quem sabe, parecer a algumas pessoas, uma tarefa exclusiva da Religião, uma preocupação exclusivamente dela. Ainda que se fale muito em moral religiosa no estrito sentido de códigos e de dogmas. E foi daí que nasceram os pecados e as penitências. Daí alguns complexos de culpa por delitos sejam os mais brandos e ditos veniais... Importa reconhecer que muitos são aqueles que obedecem a códigos profissionais de ética e a nobres princípios de honra e de civilidade sem ligar os seus atos e o seu comportamento à preocupação vinculada a essa ou àquela religião. A Moral também não é, por sua vez, ou pelo menos não deveria ser um posicionamento típico de aceitação de normas simplesmente pelo medo do castigo divino ou das leis do país, pois a boa qualidade moral que se traduz pelas virtudes deve nascer da conscientização do dever e pela satisfação íntima em cumpri-lo pelo entendimento do que é bom, legítimo, honesto, digno do homem de bem.

Nisto não há apelo ao misticismo, que se definiria como sendo a inclinação acentuada das pessoas por práticas ligadas a crenças, quando predomina a imaginação e menos o raciocínio lógico, onde o bom senso não seja chamado a

decidir. Não confundir então Religião com misticismo.

Nem sempre a lei humana é por excelência moral ou moralizante, o que não passa muitas vezes de um justo anseio. Nem mesmo um plebiscito, por suas decisões, quem sabe esmagadoras, se traduzirá necessariamente por um comportamento ético por natureza, se a vontade expressa pela maioria não estiver ao lado do bom senso, direcionada que seja por uma propaganda que desperte emoções condicionantes que interfiram no julgamento. Barrabás que o diga.

Tudo isso como sendo um longo preâmbulo nos pareceu necessário para chegarmos à Filosofia Cristã e à Moral Evangélica conforme o Espiritismo.

Allan Kardec abre "O Evangelho segundo o Espiritismo" dividindo em cinco partes a matéria contida nos Evangelhos, a saber: (a) os atos comuns da vida de Cristo; (b) os chamados milagres; (c) as predições, (d) as palavras que serviram ao estabelecimento dos dogmas; (e) o ensino moral. Reconhecendo a existência de controvérsias quanto aos quatro primeiros itens acima, considera com propriedade que o ensino moral permanece inabalável, incólume. Aqueloutros, que se prestam a interpretações, que podem comportar diversificações de entendimento e de aceitação, acomodando-se a diferentes sentidos e exegeses, por tuna questão de metodologia de trabalho, são tratados de forma apropriada em "A Gênese". O cuidado de separar bem as cousas fez parte de sua perspicácia. A Moral, contudo, só aguarda do homem e da sociedade conduta ajustada a seus princípios. Passa a ser uma questão não só de aceitação mas de reformulação de valores da vida, em outras palavras, de boa educação. Não é subjetiva nem desemboca na obstinação ou no fanatismo. Com isso permite racionalidade e predispõe a uma opção espontânea.

Ora, o farisaísmo resultou para a religião judaica na supervalorização de certas práticas em prejuízo do sentimento que as deveria motivar, com supremacia das formas exteriores de manifestação. E isso é importante de se considerar.

Pensando bem, a prática moral é, em substância, a mesma para todos os cristãos independentemente de pertencerem a esta ou àquela instituição ou confissão religiosa, embora examinem de variadas maneiras os textos evangélicos. Falamos de Moral e não daquele moralismo flutuante ao sabor dos modismos e convencionalismos onde há hipocrisias de um lado e concessões e liberalizações do outro. E nem se pensam ou admitem concessões a práticas que se tentasse justificar através de tardias e absurdas interpretações escriturísticas face às pressões de uma sociedade inconformada. Honestamente a prática da Moral é a mesma em termos de princípios, a Moral do Evangelho, a Boa Nova em ação. Unicamente o que mudaria para o lado do Espiritismo, como revelação posterior, complementar, em sua visão globalizante, não seria bem a prática em si, mas o entendimento das razões superiores em que se assenta o ensinamento que a embasa. Estamos de comum acordo em termos de comportamento e em termos da lição do Cristo.

# Entendimento do Evangelho

Temos tratado da Moral evangélica conforme a Doutrina dos Espíritos, tomando naturalmente por base "O Evangelho segundo o Espiritismo". Observe-se com atenção que Kardec, na obra citada, reúne as máximas do Evangelho não seguindo a tradição escriturística ou a ordem cronológica das narrativas, como fazem as diversas escolas e as igrejas, mas segundo o seu conteúdo de ensinamentos, obedecendo a uma ordenação de princípios que justifica os respectivos capítulos. É objetivo e sumário nos conceitos expendidos pelos Espíritos e por ele. Fundamentalmente lógico no encaminhamento dos raciocínios. E abre uma perspectiva nova ou uma visão mais ampla e grandiosa no entendimento que nos traz. Tida normalmente como um freio, a Moral, quando assim fundamentada e já não imposta, perde virtualmente aquele caráter opressor ou repressor que lhe tem sido atribuído ao longo dos tempos. Ganha as proporções de um juízo que a própria pessoa forma do que deve e do que não deve fazer-se, criando as condições de um comportamento lúcido. E é esse entendimento que, aliás, bem poderia ser o de todos, que o Espiritismo abona como corolário dos princípios que expõe. E essa visão nada tem a ver com um comportamento beatífico por excelência, se não for essa a índole da própria pessoa que a busque. Não seriam de um místico, na acepção da palavra, pura e simplesmente, os atos que refletem este estado de cousas. E - curioso - é exatamente por esse motivo que muitas pessoas, que desejam expressar-se em termos de cultura, de eruditismo, de conhecimento, que se posicionam contra as devoções e as crenças, escusam-se de qualquer idéia ligada à Religião.

Voltamos aqui às considerações que fizéramos cotejando Ciência e Religião: o Espiritismo, estudado em suas bases, dentro da Codificação, como deve sê-lo, não inclina a criatura a um procedimento desse timbre. Pode afirmar-se, e é bom repetir, que a moral cristã conforme o Espiritismo é uma questão de bom senso, de aceitação espontânea e intuitiva, não um condicionamento dogmático que impõe o cumprimento de preceitos. Fundamenta-se no princípio da responsabilidade. E de uma responsabilidade intransferível.

O Espiritismo nos fala de uma fé racional. Ora, dir-se-ia a princípio que a fé haveria de ser por essência ou por natureza manifestação mística. Não necessariamente, diremos. Fé será também a confiança que se deposita na realização de um desígnio e todos reconhecemos que a vontade é qual poderosa alavanca que soergue e remove as montanhas de dificuldades daquele que sabe o que quer. Tem-se fé no trabalho de um aplicado cientista, um empreendedor em qualquer área de atividade. E ele, por sua vez, tem fé no resultado de seus

esforços alicerçado nas provas de acerto que vai recolhendo. Mesmo assim é preciso não tenha chegado a uma obstinação ou às faixas da presunção, não se faça cego às realidades ao fragor do entusiasmo. Essa fé religiosa, ou divina, se quisermos, quando alicerçada em raciocínios e evidências, não é de outra natureza, é tão positiva e potente quanto a que chamaríamos a fé humana. Também aqui não estaria livre de obstinações que cegam e que não decorrem tanto de sua essência mas das tendências porventura místicas de muitas pessoas. Problema do terreno em que se desenvolva. Fanatismo existe sim, e pode até mesmo ser considerado uma questão de cultura de um povo, um problema de educação, de indução a crenças e a comportamentos exóticos. E isso é bem diferente de fé.

O mérito de Kardec nesse particular, ocupando-se da parte moral por excelência e da forma como o fez, colhendo o melhor do ensino cristão, é o de pisar em terreno seguro, furtando-se a um percurso em que não pudesse firmar-se em boa lógica.

Sem espírito preconcebido, sabendo lê-lo com exame imparcial de seu conteúdo, poderá qualquer um verificar o que estamos dizendo, que o livro por natureza religioso do "Pentateuco Espírita" encara a chamada Religião Espírita as implicações moral-religiosas da Doutrina - com a maturidade e a substância que o compatibilizam com os demais aspectos da própria Doutrina, realizando o prodígio de guardar objetividade, quando tantas religiões tradicionais tecem seus conceitos, sua estrutura e assim sua Teologia na retórica das interpretações.

O que ocorre conosco, graças ao cuidado havido por Kardec de extrair do Evangelho a essência viva e moral do ensinamento para que o Espiritismo pudesse evoluir em todos os seus aspectos, científico, filosófico e moral sem os problemas de entendimento, de harmonização do todo, é bem diferente do que acontece com nossos irmãos de outros credos, para os crentes das diversas religiões ditas organizadas, com dificuldades muitas vezes de compatibilizarem o lado religioso dos textos sagrados com as afirmações categóricas da Ciência. Assim por exemplo, o criacionismo bíblico e a evolução e seleção das espécies.

Embora haja evidente prevenção entre cientistas e religiosos, prosseguindo através dos anos, com suas raízes no distanciamento das respectivas teses, é perfeitamente possível o ajuste em termos de objetivo e sobretudo dentro do contexto doutrinário espírita, mas do Espiritismo em sua estrutura, sem considerar as distorções que em seu nome se praticam por aí. Assim, o Evangelho. Também pode ser reconsiderado, sob um critério definido, como mensagem de um alcance bem maior, examinado em substância.

## Evangelho e Higiene Mental

Insistimos na mesma tecla. Não foi por mero capricho ou ao sabor de uma disposição ocasional que o Codificador colocou exatamente em "O Evangelho

segundo o Espiritismo" - a princípio "Imitação do Evangelho" - o capítulo que se refere à aliança entre Ciência e Religião. A Religião, traçando a conduta moral do homem como filho do Altíssimo - e assim entendida - nada tem a perder em substância por buscar sustentação no conhecimento que enforma a cultura científica. Pois bem, sem maiores esforços de raciocínio tem-se a oportunidade de verificar estreita relação do ensinamento evangélico com os princípios conhecidos da Higiene Mental.

Muitas vezes supomos que, mediante o perdão, beneficia-se por excelência o perdoado; é o sentido da anistia. Antes do Cristianismo a idéia de perdoar era incompatível com a honra, a dignidade, o amor-próprio do ofendido. O orgulho ficaria ferido. Daí tantas deploráveis tragédias, daí o duelo por exemplo. Passa depois a constituir-se na melhor opção, ainda que nem sempre a nossa inferioridade moral, na prática, permita o seu pleno exercício. A misericórdia era sinônimo de pusilanimidade, de fraqueza. Mas chegou o Evangelho para dizer que os misericordiosos alcançarão misericórdia e com isso se reverte o benefício ao beneficiador: "- Também vosso Pai Celestial vos perdoará." E isso é ótimo. O perdão aconselhado a Pedro é um bom exemplo. Se estivermos à altura de realizá-lo, teremos, de certo, no mínimo, uma sensação de alívio, como quem se liberta de um fardo. Mas não é só. Se considerarmos os vínculos mento-eletromagnéticos que invariavelmente se formam nas relações humanas, simpáticas ou desarmônicas, vínculos que ultrapassam os limites de uma existência, perceberemos claramente o alcance da medida. A reconciliação é outro apelo no mesmo diapasão. "- Conserta-te com o teu adversário enquanto estás a caminho com ele para que não aconteça que ele te entregue ao juiz e este ao ministro e sejas mandado para a prisão." A prisão é a da consciência culpada e os grilhões serão os vínculos entre as respectivas mentes. Aí é que surgem os dramas profundos da obsidiação e dos compromissos de reparação que o Espiritismo explica tão bem. Sintamos agora a sensação de liberdade do ofendido que abre mão dos sentimentos de ódio e de vindita e tem um pensamento de misericórdia e de piedade sinceras, sem com isso manifestar uma superioridade ostensiva e humilhante para com o perdoado, o que já representaria em si um falso perdão em realidade. Além do muito comum: perdôo, mas não esqueço a ofensa... Não a lembrança dos fatos ocorridos, quem sabe, o que seria, afinal de contas, de esperar-se em termos de memória atual, do registro de certas ocorrências, mas a dos incidentes, através do ressentimento, do escapar das mágoas. O que estamos querendo explicar não é ainda aqui o que vai de superioridade moral que se expressa na conduta do ofendido que perdoa com simplicidade e boa-vontade, com tolerância, mas isto sim, o fato significativo de que sua mente se exonera de encargos aviltantes, libertando-se das teias enegrecidas dos pensamentos infelizes e isso é, sem dúvida, no melhor sentido. Higiene Mental. Que de recalques, de preocupações, de dores de cabeça para logo se liberta

preventivamente. O prazer do revide tem na realidade o sabor de fel, é doentio e mantém apertados os elos constrangedores do compromisso para mais adiante. Ao dizer que não sairemos da prisão sem pagar à Justiça o último ceitil quis o Cristo falar-nos das vidas futuras e dos compromissos adiados. Toda a ordem de preocupações e de perturbações congênicas, perinatais e posteriores serão muitas vezes evitadas porque o perispírito estará livre do registro dessas desarmonias e dispensado de as transmitir ao novo corpo somático. No mesmo sentido, o Cristo nos recomenda amar os inimigos. Pagar o mal com o bem sem disso esperar nada em recompensa, também sem nos voltarmos para os aspectos da ingratidão e sem constranger o semelhante. Seriam criaturas desafins e ninguém poderia impor o absurdo de uma identificação de sentimentos, o que é diferente. A reclamada conduta é a única libertadora e mentalmente higiênica. Ao referir-se ao que sai da boca por ser em verdade o que faz mal, na passagem das mãos não lavadas, referia-se com eloquência aos pensamentos e às palavras que ofendem e que humilham. E que são a causa de muito desentendimento, com suas consequências naturais. Ao recomendar que o bem seja feito sem ostentação instituiu o amor por disciplina, educando a criatura contra os sentimentos de presunção, de vaidade, irmãs gêmeas do orgulho e do egoísmo.

Ainda agora se descobriu numa pesquisa realizada em universidade norte-americana que fazer o bem faz bem à saúde. Não há nisso para nós novidade, é claro. Mas o que está no Evangelho deixou de ser simplesmente um apelo de sentido místico ou religioso para que sejamos bonzinhos para com os outros, dulcificando os sentimentos, nada absolutamente errado, afinal de contas, e passou ao grau de uma conscientização originada de uma pesquisa, com os fundamentos de uma metodologia científica. Deixou de constituir-se numa crença apenas, é agora experiência. É como se os pesquisadores nos dissessem isso mesmo que já ouvimos tantas vezes: "- Fazei aos homens tudo o que quiseríeis que eles vos fizessem, pois é nisto que consistem a Lei e o profetas." Sem tirar nem colocar. É isso aí.

Está no mesmo entono todo este ensinamento a seguir: "Se lembrardes de que vosso irmão tem alguma cousa contra vós, deixai a vossa oferta, ide primeiramente reconciliar-vos com vosso irmão e depois voltai para apresentá-la." Ou esta: "Se contra vós pecou o vosso irmão, ide fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele..." São normas que visam à sublime finalidade cristã do perdão e da retratação mas também normas de disciplina mental que educam a alma que busca a paz interior, trazendo saúde à mente e, reflexamente, ao corpo.

A alegria da recepção ao filho pródigo, além da beleza da figura, é bem um manancial de vida e de saber. Até porque o retomo do pecador à casa do Pai o exonera de qualquer estigma do passado e isso é um perfeito programa de psicanálise, se assim o quisermos entender. Desequilíbrios e paixões poderão ser controlados se a ambição dos bens terrenos for amenizada

**41** pelas conquistas dos tesouros do Espírito. A grande verdade é que a moral evangélica extratada dos livros sagrados - ela, a Moral em si mesma - revela sabedoria, revela ciência, é a nossa tese. O retomo do filho ao lar é por natureza excludente das afirmações nada amorosas e nada justificáveis da existência das penas eternas. E está de acordo com Ezequiel. E com o bom senso. Com o Pai que o Cristo nos anunciou. E - completamos - vem ao encontro de tudo aquilo que constitui a melhor forma de prevenção dos distúrbios da saúde.

Jesus, o sábio.

Evangelho, lição de profunda sabedoria.

## Visão espírita do Sermão do Monte

Manancial de esperanças e consolações que fizeram dos primeiros cristãos heróis do holocausto, ainda hoje o Sermão do Monte é o condão da fé e o mais belo de todos os poemas que alguém já pronunciou. Gandhi considerava que este sozinho reúne todas as lições, numa síntese magnífica de todo o Evangelho. Mas a rigor não fica na beleza das imagens a mensagem do Monte. Trata-se de um código de Moral de alguém que Conhece profundamente a alma humana, de uma filosofia sublime que revoluciona conceitos, de uma terapia profunda em que o psicanalista é excelso sabedor, apesar da singeleza das propostas, com que se espantam os doutos. E encerra além disso um convite, não fica no vazio das afirmações. Convite singular, um convite ao Reino, à Vida Futura, ao Plano Divino. Outrora os Céus eram tomados pela violência, lição que até ainda há pouco não havia sido assimilada... Ele propunha a conquista pelo Amor.

Diz Mateus que o Mestre subiu ao monte. Foi ao ponto mais alto acessível à compreensão humana. Lucas informa que o Mestre descia. Desceria do imenso acervo de sua sabedoria para o patamar da compreensão das massas.

Se a felicidade sonhada não é ainda deste mundo, Ele oferecia a de um outro. Com isso está afirmando a existência de uma justiça compassiva e impertérrita, uma realidade maior, uma verdade que nos fará livres das peias enganosas dos sentidos e dos conceitos apriorísticos. Onde, afinal, essa vida ulterior, em que ponto geográfico, a que nível de esferas celestes, em que estrela no firmamento bordejado de luzes? Ou na introspecção da consciência de cada um?! Quem sabe, a promessa poderia encerrar três vertentes, a da Justiça Divina, com esta a da Sobrevivência e com estas, por sua vez, as alegrias infinitas da felicidade dos justos. Estaria dizendo, para bom entendedor, que o sofrimento, como experiência de vida, pode constituir-se na bênção do aprendizado. Seria natural que muitos não entendessem de pronto a magnitude da lição. Assim fora com a genitora de João e Tiago. Assim tem sido com os que entendem a divina promessa como privilégio de

crença, beneficiando-os com exclusão dos demais, literalmente o "Crê e serás salvo". É preciso então extrair da letra, no caso, a essência do ensinamento nela contido. O Reino, na verdade, é conquista bem laboriosa e seria ingênuo apontá-lo com o dedo. Se o Cristo nos fala dos que não viram e creram refere-se à questão do amadurecimento; não estaria advogando uma aceitação irrefletida em que se sustentam crenças sem solidez. No apelo à fé não há menos objetividade quando se puder falar de uma fé raciocinada e de uma experiência que a consubstancie. Eis que então a Doutrina Espírita x vem projetar luzes sobre o ensinamento do Cristo fazendo-o entendido já nesse caso sem tantos véus de alegorias e as fantasias da interpretação mística. Pode olhar-se o Cristo de frente e delinear, assim, no Mensageiro de Deus e seu representante na Terra um sábio que desceu do pedestal de imensa sabedoria para sofrer conosco o fruto de nossa própria indigência e nos ensinar como soerguer-nos pelo esforço que cada um de nós desenvolver deliberadamente nesse sentido. Nenhuma salvação automática e pronta, sem esse esforço por merecê-la, antes da reformulação de hábitos e propósitos. Nenhuma salvação pelo sangue derramado por simples efeito miraculoso, pois, se milagre fora, já estaríamos tantos de nós desfrutando do Paraíso...

Por que os mansos herdarão a Terra? Porque um dia ela deixará de ser este nosso mundo de expiações e de provas e os mansos retomarão a ele como herdeiros de abençoadas conquistas feitas. Há nisto um sentido, uma objetividade e não apenas um apelo, diríamos, uma apelação. Por que os puros verão a Deus? Porque, de ascensão em ascensão, nas múltiplas oportunidades, estarão um dia como Espíritos puros em condições de se dizerem um com o Pai. Jesus também proclamou: Sede perfeitos!" Entende mos que não se trataria de uma visão física, desde que não se pode aceitar como lógico, de boa mente, o velho conceito antropomórfico, um "deus" humanizado. E como essa pureza não se conquista nas dimensões estreitas de uma vida terrena, a vida única, fica implícita a certeza que nos dá das vidas sucessivas em diferentes esferas, em busca dos mundos felizes, dos mundos celestes. Em João **1.18** se afirma que Deus nunca foi visto por ninguém, neste caso nem mesmo por Moisés... Por sua vez, a bem-aventurança dos aflitos tem mais do que o efeito de um consolo. Os que têm sede de justiça serão fartos. Com isto não está nem a tapeação generosa nem a esperança vã, mas todo um programa de provas, expiações, resgates e ascensão dentro da Lei do Progresso incessante. Maria Santíssima, recordando o filho amado, costumava dizer: "- Isto também passa..." Passa efetivamente o sofrimento com a reparação porque somos artífices do nosso próprio crescimento espiritual. As mensagens dos Espíritos em seus diferentes graus e condições nos confirmam tudo isso, a crença deixa de ser uma simples expectativa para assumir a condição de certeza. Voltamos à chave de nosso questionamento: Cristo não é simples promotor de bem-aventuranças, é aquele sábio de uma ciência bem superior que nos deu



informações, na linguagem que pôde, das cousas de Deus. E Ele mesmo queixou-se dizendo:

Se vos falo das cousas da Terra e não me compreendeis..." A incompreensão ainda existe caracterizada na multiplicidade dos credos, no misticismo reinante, na ignorância dos homens de ciência.

## Conceitos espíritas e espiritualistas

Tentemos reunir em ligeira síntese e rápidas referências algumas discordâncias entre certos conceitos espíritas e o de outras respeitáveis correntes de pensamento espiritualista em geral, ainda que partamos das concordâncias, por essenciais. Estamos com isso a indicar que não basta aceitar a comunicabilidade dos Espíritos, e ser até médium, admitir as vidas sucessivas, para alguém, sem maiores estudos, se dizer espírita, como às vezes acontece. Muitos são os que, por espiritualistas, e especialmente cristãos, crêem na existência de Deus; na sobrevivência da alma, na prevalência das leis morais e na missão providencial do Cristo. Certo. Aí todos nos encontramos. Pois bem, para o espírita há a partir daí algumas diferenças de entendimento, senão vejamos: Deus não é pessoa, muito menos três, por força de nenhum mistério. Nosso Pai, como o disse Jesus, o Incrriado, Criador de todos os seres e de todas as cousas. Cristo não é Deus, senão o seu mais legítimo representante e guia maior da humanidade. Não veio lavar os pecados do mundo, até porque estes continuam neste planeta-reformatório; mas traçar-nos o roteiro de ascensão infinita. Três são os constituintes do homem: corpo, alma e perispírito. O Paraíso e o Inferno não estão neste ou naquele lugar para onde se vá, são estados da alma. Não existem sofrimentos sem termo, porque Deus quer que todos se salvem, dentro dos atributos de Infinita Bondade, Sabedoria e Justiça. Os textos das obras ditas sagradas são respeitáveis, mas devem ser analisados na beleza dos símbolos que encerram e não na forma da letra, de modo a entendermos o evolucionismo sem os tropeços que repontam ao geocentrismo dos velhos tempos. Não há nenhuma possibilidade lógica de uma suposta rebeldia de anjos - uma vez puros não poderiam regredir, ou Deus teria errado! - nem mesmo que eles tivessem nascido como seres perfeitos, quebrando-se princípios de mérito e de equanimidade da Justiça Divina. O Mal é apenas a ausência do Bem, estágio de sombra, jamais instâncias poderosas em litígio rivalizando com o Criador Supremo. Há outros mundos habitados e é bem maior a parcela dos aspirantes à reencamação que de habitantes no mundo. O intercâmbio entre os seres nas dimensões física e extrafísica é de ordem natural, nem demoníaca nem excepcionalidade. O milagre, se entendido como derrogação das Leis Superiores - e estas devem

necessariamente ser perfeitas e imutáveis até para que Deus houvesse de se mostrar aos homens em seu poder e revelasse preferência por estes e aqueles - os eleitos - em detrimento de outros de seus filhos, é concepção em si mesma insustentável digna da mediocridade humana e não da Justiça Impertérrima. O sobrenatural é apenas a fase de ignorância da Lei por parte de quantos se demoram no atraso na interpretação dos fatos. Ninguém se salva pela graça, ela advém do esforço próprio, da perseverança e da fé, pelos méritos destas decorrentes. Ninguém compra os favores e a simpatia de Deus por atos de simples devoção e propostas de barganha com as cousas divinas.

Inteligentemente, os grandes líderes do pensamento religioso através dos tempos sentiram a necessidade de natureza atávica das massas populares de algo concreto para o fortalecimento das crenças e para isso mantêm ainda hoje modelos até certa forma primitivos de expressão exterior da fé, como verdadeiros arquétipos, por via do condicionamento. Nas cenas cinematográficas representando manifestações de crença do velho Egito arquimilenar, no paganismo greco-romano, nas manifestações coletivas das grandes festas religiosas em toda parte do mundo, a adoração, os sacrifícios, os grandes andores carregados e os delírios e êxtases testemunham hoje em dia, como no remoto passado, os mesmos episódios devocionais.

Dia virá em que uma nova compreensão chegará gradativamente a todos, renovadora e libertária, dispensando a exteriorização do culto, dos ritos, dos ícones. O Espiritismo tem já em sua mensagem esse recado.

Mas o contato vibratório com as faixas superiores do Amor Infinito, este ele não dispensa em momento algum. No decorrer destas páginas, esforçamo-nos em registrar e refletir um posicionamento do espírita coerente com a sua filosofia, sem prejuízo da religiosidade. Com cabimento no conhecimento científico dos tempos modernos.

## Pensamento como força

Antes um pouco de entrar propriamente no tema objeto de nossos estudos, ainda que despreziosos, vamos considerar um de seus elementos e reunir a respeito o que disseram os que abordaram o assunto com muita propriedade: O Pensamento.

Pensamento é força? Em "Pensamento e Vida", Cap V, observa Emmanuel que "pensamento é força criativa a exteriorizar-se da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em círculos de ação e reação..." Ora, há muita gente de quem se diz que tem o pensamento fraco, os desanimados da vida. A vontade não o sustenta. Nem porque isso aconteça poderemos esquecer o potencial de energia do pensamento. E André Luiz, em "Evolução em dois Mundos", pág 100, avança mais;

"A partícula de pensamento, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetória dos componentes que o integram. Passiva diante da inteligência que o mobiliza, do sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, converte-se em fluido mental mas também em imagens, e pela reflexão das idéias cria um circuito de forças". E logo adiante: "E pelo fluido mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado". Em "Nos Domínios da Mediunidade", pág 171, anota-se o assistente Aulus afirmar que "o pensamento exterioriza-se e se projeta formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetos que se propõe atingir".

Voltando a Emmanuel, ele observa mais: "Se o homem pudesse contemplar as correntes de pensamento reconheceria que todos vivemos em regime de comunhão segundo os princípios de afinidade". E ainda: "Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como nós e que se agregam aos nossos". E adiante: "Os censores do procedimento alheio acabam praticando eis mesmas ações que condenam no próximo, porquanto, interessados em descer às minúcias do mal, absorvem-lhe inconscientemente as emanções, surpreendendo-se, um dia, dominados pelas forças que o representam" (obra citada, Cap 8). O pensamento, ainda na conceituação de Emmanuel, é capaz de substancializar as suas próprias criações, imprimindo-lhes vitalidade e movimentos.

Acontece, diz, que "recolhemos de volta os clichês inquietantes que nós mesmos plasmamos na memória do destino e que necessitamos desfazer à custa de trabalho e sacrifício, paciência e humildade..." (idem, Cap 12).

Em "Pensamento e Vontade", Bozzano logo de início conceitua que "a força do pensamento e a vontade são elementos plásticos e organizadores" (grifos do autor). É pela força plasticizante e organizadora do pensamento que Espíritos, na diversidade dos graus evolutivos, modelam o próprio ambiente no Plano Invisível. Mas é preciso não esquecer que todas as conquistas humanas, seus acertos e desacertos, antes de se expressarem como tais, esboçaram-se como idéias, a partir do conhecimento. Antes da planta de construção de uma edificação qualquer ela se forma na mente do projetista.

A grande força das idéias está na capacidade de mobilização da palavra através de veículos de divulgação de massa, a partir do livro, da Imprensa, modernamente do rádio e da televisão. E isto abriria um leque de considerações, não há negar.

Em termos de recepção de uma idéia, de uma onda mental, podemos distinguir a sintonia, quando estamos na mesma faixa vibratória; e a empatia, quando, mais que isso, os sentimentos alheios emocionalmente nos atingem a ponto de nos abstrairmos completamente de nossa própria vontade, de nossa vida interior, para aceitar o inteiro conteúdo psíquico absorvido. Somos estações a um tempo emissoras e receptoras das ondas que sintonizamos, que guardem relação com

nossa faixa evolutiva e com o esforço de aperfeiçoamento. Assim é que, por outro lado, em muitos casos, a mente doentia pode entrar em sintonia com outra insinuando-se, constituindo um ciclo de dependência, criando um intercâmbio prejudicial, a nível até mesmo de cobrança. São as obsidiasões espíritas. Ou de auto-obsidiasões. E sem esse caráter insólito, falemos de passagem da sugestão e subordinação transitória da vontade ao comando mental alheio nos casos de sugestão hipnótica e pós-hipnótica, muitas vezes experimentais.

Kardec, na questão 662 de "O L. dos Espíritos", reconhece que "possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outros é um ato dessa vontade."

## O poder da vontade

"- Faça-se a luz!" - e a luz se fez... Dessa maneira simbólica se revela, numa linguagem essencialmente poética, talvez aquela única concebível de a criatura expressar-se, tentando exprimi-lo, o poder absoluto do Criador, traduzindo a manifestação de Sua vontade soberana. Através dela criou o Universo e tudo quanto nele se contém. Por Sua vontade estatuiu as Leis e criou e continua a criar os seres inteligentes. Porque o quer.

Num segundo estágio em termos de grandeza, André Luiz coloca, na obra "Evolução em dois Mundos", a co-criação em plano maior, da parte das Inteligências Superiores, cumprindo desígnios, daí as habitações cósmicas na rede interminável das galáxias. Co-criador em plano menor, já o Espírito cria o que é finito e de certa forma transitório. Falamos do comum dos Espíritos, que somos nós, enquanto evoluímos. Manifesta-se dessa maneira o pensamento e a vontade. E assim também estaria explicada a afirmação bíblica quando diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus: inteligência que cria.

Comparemos: à noite, à semelhança das estrelas do firmamento, brilha a luz fugidia do relâmpago na floresta inculta. A imagem delas, a luz notívaga do pequenino inseto...

Mas não desprezemos os tesouros que nos pertencem por generosa dádiva, a força do pensamento e os atributos da vontade.

★★★

É importante anotar que, onde estivermos, tudo que nos é dado perceber, tudo que existe é formado, como a luz, de vibrações corpusculares energéticas potencialmente eletromagnéticas, capazes de emitir ondas que então se entrecruzam. A própria matéria densa, hoje o sabemos, é energia vibratória em que os elétrons se condensam. A rigor não deve fugir disso o pensamento, embora a energia da mente se apresente a nível de ações e efeitos energéticos específicos pouco conhecidos até nossos dias em termos de mensuração e análise. Assim, o

campo mental é qual usina de forças a princípio neutra captando estímulos e informações exteriores e gerando sensações respectivas. Essas sensações captadas formam imagens interiores, gerando percepções. Quando as interpretamos, isto é, percebemo-las e as identificamos (cognição) temos aí a idéia, que tanto pode ser agradável, neutra ou desagradável. Começa a partir daí o raciocínio. Com o raciocínio: (a) pensamos (é o entendimento); (b) sentimos (é o sentimento); (c) agimos (expressa-se a vontade). Com esses ingredientes forma-se a corrente mental.

Uma associação de idéias pode até mesmo determinar respostas através de reflexos condicionados. Um exemplo banal: Se alguém muito sensível olhar para alguma coisa que lhe cause asco pode ocorrer, por sugestão espontânea, o reflexo do vômito sem que nenhuma substância emética lhe houvesse sido aplicada. O movimento antiperistáltico nasce, no caso, do pensamento, da imaginação. Hipnótica ou não, sugestiva que seja, a imagem mental reveste-se muitas vezes de objetivação, porventura visível em circunstâncias especiais. Certa sonâmbula hipnotizada, citada por Bozzano, via imagens de cousas ou pessoas em que ou em quem o hipnotizador estava pensando como que projetados no cérebro do referido hipnotizador. Na verdade, o campo mental exterioriza algo de si qual como as notas musicais que saem do instrumento sem por isso desgastá-lo. E que podem ser expressos em palavras, em gestos ou quiçá captadas telepaticamente. Afirma André Luiz em "Nos Domínios da Mediunidade", pág 171: "Evolvemos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados e desencarnados que se afinam conosco."

## Lei de Adoração

Conforme o que se encontra em "O L. dos Espíritos", parte terceira, Cap. II, a Adoração é lei natural.

Uma visão retrospectiva revelará que todos os povos, desde os primitivos, adoraram as forças da Natureza, as representações simbólicas dessas forças, finalmente os "deuses". Já hoje a própria canção popular nos pede "adorar só a Deus". É o sentimento inato de religiosidade que se evidencia através dos tempos por diferentes formas de expressão, na proporção do avanço dos povos desde a noite dos séculos marcando-lhes estágios de evolução moral e social. E essas formas, por isso mesmo, se caracterizam marcadamente por sacrifícios, depois por promessas, oferendas, vigílias, penitências, ex-votos e reclusões; pela oração, pelos cânticos, pelas unções e outros atos devocionais; ou, ainda melhor, far-se-á pela consagração da criatura à prática do bem.

Adoração pressupõe culto. Quem adora cultua o objeto de sua adoração. Esse culto pode ser dito 1. interior - o sentimento; 2. exterior - atos de sua manifestação de alguma forma evidentes. Nesse caso, as criaturas poderão

realizá-lo de maneira ostensiva, levando-se em conta certos condicionamentos, mas, desde que sincero por isso mesmo valioso (questão 653 a, livro citado: "A adoração exterior é útil? - Sim, se não for um fingimento"); ou do contrário por mero formalismo, através de atos mecânicos, com maior ou menor grau de displicência, simulacro e nada mais. Quem o saberia? A intenção é tudo. A questão 655 da mesma obra esclarece um ponto importante: "Aquele que não tem em vista senão respeitar as crenças alheias não faz mal; faz melhor do que aquele que as ridicularizasse, porque esse faltaria com a caridade".

A verdadeira adoração importa fundamentalmente em amar o objeto do culto; no respeito que se tributa a este e aos praticantes do culto; e no equilíbrio maior ou menor no exercício do culto. Respeito que não significa necessariamente temor, em absoluto, ainda que se confundam tão amiúde os dois sentimentos em muitas oportunidades e segundo a maioria deis crenças. Equilíbrio nesse caso é remédio precioso contra exacerbações que confluem para os caminhos do fanatismo, para desvios de toda espécie, a que estamos sujeitos quando confundimos as cousas.

Lembremos que adoração não é apenas um ato religioso, um ato que somente nesse sentido estrito deva ser considerado. É também cívico, quando adoramos a pátria e nos sacrificamos por ela, o que não deixa de ser um idealismo. Mas no primeiro caso mister se faz distinguir religiosidade - sentimento de ordem religiosa propriamente - e paixão religiosa, pois que toda paixão obscurece os sentidos. Distinguir religiosidade e religiosismo.

Recordamos aqui a antigüidade da adoração em "Mecanismos da Mediunidade", de André Luiz: Entre os egípcios e hindus, chineses e persas, gregos e cipriotas, gauleses e romanos, a prece, expressando invocação ou louvor, adoração ou meditação, é o agente refletor do Plano Celeste sobre a alma do homem."

Éxplica-nos "O Livro dos Espíritos", no capítulo relativo à adoração, que aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus porque a sua vida é toda pessoal e inútil para a Humanidade. Isto é muito sério de se considerar. Finalmente nos diz que "a prece é um ato de adoração." E acrescenta: "Fazer preces a Deus é pensar nele, aproximar-se dele, pôr-se em comunicação com Ele." Lembra-nos ainda que para muitas pessoas a prece é uma ocupação, um emprego de tempo, mas não um estudo de si mesmas (grifo do original).

*J±*

É importante, por isso mesmo, orar e servir.

Se pelos atos e pelo pensamento vigilante não testemunharmos a nossa condição de seguidores de Cristo, muito pouco adiantará que o proclamemos com os lábios.

# Sacrifícios

É preciso distinguir também o testemunho de fé e de coragem com que se imolaram os primeiros cristãos em sua exuberante autenticidade. O sacrifício dos mártires em geral em holocausto aos seus ideais maiores. Já não catalogaríamos aqui o caso das impropriamente chamadas guerras "santas" nem justificaríamos quaisquer atos de tortura ou morte das criaturas consideradas ímpias ou heréticas. Da parte delas, de um João Huss, de uma Joanna d'Arc, a bravura, o heroísmo.

Dissemos inicialmente que uma das formas de manifestação do culto se expressa pelo sacrifício, e ninguém de boa mente desconhece isso. Ora, poderíamos nos referir ao sacrifício de nossas inclinações pessoais menos felizes, na conquista de valores espirituais que nos facultassem maiores méritos, a porta estreita, a renúncia. Aqui, porém, trata-se de sacrifícios de outra ordem, não apenas dos interesses e dos gozos terrenos, mas os da própria vida dos animais e do homem.

Referimo-nos especialmente aos atos de culto. Eram primitivamente praticados em homenagem aos deuses para agradá-los e conter-lhes muitas vezes a ira. A liturgia cobrava o sangue dos animais tingindo os altares e o cordeiro foi um símbolo nesses espetáculos; ou mesmo de vidas humanas, e para recordar isto temos a prova de fidelidade por que passou Abraão. Reminiscências dessas práticas subsistem. De um modo geral, o sacrifício de vidas humanas foi substituído, é bem verdade, por penitências, reclusões, autoflagelações ou outros cilícios. Quanto a estes últimos dizem os Espíritos de sua total inutilidade -: "Todo o sacrifício à custa da própria felicidade é meritório quando constitua a prática da Caridade" (questão 951 de "O L. dos Espíritos"). E dizem mais: "Se quiserdes um cilício, aplicai-o à vossa alma e não ao vosso corpo; mortificai o vosso Espírito e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho; recebei as humilhações sem vos queixardes; machucaí vosso amor próprio; insensibilizai-vos para a dor da injúria e da calúnia, mais pungente que a dor física" ("Evangelho seg. o Espiritismo").

Por falarmos em sacrifício como cerimônia de culto, nossos irmãos católicos referem-se ao que chamam, em seu simbolismo, que respeitamos, o sacrifício incruento do sangue e do corpo de Cristo celebrado no altar. Chamam a isso transubstanciação. Ainda uma vez vale a fé, vale a intenção, vale o pensamento fervoroso dos que se dispõem a orar. Menos fácil de entender é como, em nossos dias, até na faixa de pessoas esclarecidas, ainda se façam promessas, pretendendo-se pagar o favor dos santos de suas devoções por alguma graça pretendida. Longe vai o tempo em que se compravam as bem-aventuranças do Reino à custa das célebres indulgências.

A maior manifestação de religiosidade que podemos oferecer a nós mesmos perante a própria consciência será consagrar-nos à prática do bem. E, em nos

melhorando, estaremos contribuindo para a melhoria da própria coletividade que integramos. Se pretendemos dar um testemunho material, palpável, ainda aqui teremos a oportunidade de materializar os impulsos de nossa gratidão de uma forma utilitária junto àquelas criaturas mais carentes do que nós, seja de recursos físicos seja de solidariedade fraterna. Todavia, sempre que o fizermos de coração voltado para o bem, estará em princípio descaracterizado o aspecto de sacrifício. Quando nos habituarmos a isso.

Ao invés de se encherem santuários de réplicas, de cruzes, de imagens, que sei lá, embora em testemunhos de fé e como prova de gratidão, pensando melhor, exaltemos essa gratidão às forças do bem - como as quisermos chamar - com atos que espelhem junto ao próximo o verdadeiro Amor. Em breve chegaremos lá.

O sacrifício mais agradável a Deus está no Evangelho, todos o sabemos: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário; amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam e caluniam, orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; perdoai para serdes perdoados; restitui o mal com o bem."

Quanto às oferendas, explica a questão 673 da obra basilar, "O L. dos Espíritos": "- Haveria um meio de tomar essas oferendas mais agradáveis a Deus consagrando-as ao amparo dos que não têm sequer o necessário?" Resposta: "- Deus abençoa sempre os que praticam o bem; amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de homenageá-Lo. Não vos disse, por isso mesmo, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis para as vossas preces, pois há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. O homem que se prende à exterioridade e não ao coração é um Espírito de vista estreita; julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que com o fundo." Ainda na questão 951 e na mesma ordem de idéias: "- Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a prática da lei da Caridade."

Atentemos para o fato de que estes conceitos não são piegas ou edulcorados de sentimentalismo puro, mas objetivos e práticos, enfim, positivos.

E porque estamos terminando o capítulo dos sacrifícios como forma encontrada de agradar a Deus, ou aos deuses, numa visão geral, muito de passagem nos lembremos, para não nos culparem de omissão, que era com rezas, cerimônias e cantos sacros que muitos condenados foram encaminhados ao suplício. Tempos aqueles do crê ou morre...

## Fanatismo

Fanatismo é o zelo excessivo por uma idéia religiosa, política ou de outra natureza. Esse apego predispõe aos maiores sacrifícios, nem sempre conseqüentes. No caso de fanatismo religioso, a criatura se investe muitas vezes numa missão ou -se acredita inspirada por forças superiores, perdendo contudo o



contato com a realidade. Apaixona-se. Caracteriza-se o quadro pelo temor da divindade e pela obediência cega a certos ditames ou a seus líderes carismáticos. Os exemplos são muitos. Lembra-nos de Antônio Conselheiro no passado. Komeine, ainda há poucos dias. Muitas vezes o fanatismo pode ser fruto da ignorância em que são mantidas certas pessoas, propositadamente, por seus dominadores. E a isso se aliam normalmente condições mórbidas predisponentes. Entretanto, fanatismos já se observaram em povos cultos e os extremismos políticos são disso expressivo exemplo. O nazifacismo o mais evidente.

O fanatismo responde pela fascinação, que obscurece a razão e deforma o sentimento. Comportamentos decorrentes do fanatismo temos o misticismo acendrado levando a certas formas de beatitude, podendo gerar práticas até irracionais que imponham tratamento especializado. Levam ainda, por exemplo, a êxtases místicos e até mesmo a estágios de beatitude em que ocorrem fenômenos anímicos, tais as soinatizações. Outro aspecto é a idolatria, com os riscos de monoideísmo; e por outro lado a reação contrária, a iconoclastia. E outras formas de intolerância religiosa. Caso especial seria o farisaísmo, nascido do orgulho religioso. Não cuidamos estender-nos no assunto.

Ora, ao falarmos de passagem em fanatismo religioso - e muito se poderia dizer ainda - estamos sugerindo que nos mantenhamos em guarda, por se tratar de uma deturpação dos sentimentos. Todo excesso é lamentável. Todo descaminho é de se lamentar. Isso, porém, não poderá justificar que nos coloquemos em posição diametralmente oposta, condenando atos de fé, em absoluto. Seria errar em sentido oposto.

A disciplina dos sentimentos à luz do esclarecimento preciso nos levará a um grau de maturação que nos permita alcançar um estágio de libertação espiritual, fazendo de nós criaturas de índole religiosa sem perdermos contato com a razão. Aliás, por outro lado, é de ver-se que os conceitos do Espiritismo a respeito de sobrenaturalidade, práticas mágicas, milagres, exorcismos, çousas que tais, são exatamente os de uma doutrina que, estudada devidamente e seguida em sua orientação, desestimula quaisquer tendências que as criaturas tenham em si em termos de fanatismo religioso, embora, reconheçamos, tendências como essas, em princípio doentias, sejam inerentes à formação das pessoas que as abriguem. Nesse caso a força da compreensão doutrinária funciona como verdadeiro e poderoso antídoto.

Ainda uma observação simples de ser entendida: Não confundamos a dedicação a uma causa com o fanatismo propriamente. Há diferenças sensíveis de comportamento num e noutro caso.

Diz bem Allan Kardec no capítulo II de "O L. dos Médiuns": "O Espiritismo não é mais responsável pelas extravagâncias que se possam cometer em seu nome do que a verdadeira Ciência pelos abusos da ignorância ou a verdadeira Religião pelos excessos do fanatismo." E ainda, com muita felicidade: "Julgar o Espiritismo pelos

fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e desvalorizar por completo a sua opinião."

É claro, o fanatismo leva habitualmente à intolerância, um mal ao outro, dilatando-se as conseqüências. Assim é que se tem visto não apenas práticas até certo ponto risíveis ou constrangedoras, que causam pena ao se verem, difíceis de se abordarem em termos de alerta, de ajuda, como essas pessoas mesmas querem forçar as demais a seguir-lhes as seitas e as práticas de todas as formas, tomando-se agressivas para com os que não pensam pela mesma cartilha. Nem medem a extensão do absurdo a que se entregam, auto-imbuídas do propósito de aliciamento como salvação à força de ofensas e até de desforço físico contra o que rotulam como "as forças do mal..."

Um Centro Espírita muito antigo, no Rio de Janeiro, foi compelido a transferir a sua sede para local bem distante da perseguição de irmãos nossos que se haviam instalado na vizinhança. Nenhuma idéia de ecumenismo e convivência pacífica. Isso também acontece. E... em nome do Cristo.

## Invocação

Uma das formas de adoração é a invocação do objeto cultuado ou das forças que o representam. Toda invocação é uma força, a força do pensamento dirigido a um alvo. Ela é então dirigida ao objeto do culto ou a seres de diferentes naturezas e graus de hierarquia. Não descuremos dessa força, haja vista o seu potencial e os seus efeitos. Os antigos dirigiam-se às potências da Natureza. Hoje nos dirigimos a seres espirituais.

Atentemos para dois termos parecidos: evocação e invocação. Invocar é chamar; invocamos as forças do bem a favor de alguém que delas necessita. Os dicionários registram: Chamar em auxílio por meio da oração. Implorar. Suplicar proteção. Evocar é lembrar, recordar. Também diz o dicionário: Ação dos médiuns pela qual chamam os Espíritos... Acontece que quem lembra, de alguma sorte, é como se procurasse trazer a si o objeto das lembranças. Talvez por essa razão os dois termos tenham certa equivalência no caso.

Por falar nisso, é oportuno anotar esta afirmação constante de "O L. dos Médiuns", Cap XXI, que serve para nossa meditação: Toda vez em que os homens se reúnem, há entre eles uma reunião oculta de simpatizantes de suas qualidades ou de suas imperfeições, e isso sem qualquer idéia de evocação." Será por isso que Paulo de Tarso se referia ao que denominou "uma nuvem de testemunhas."

Porque falamos em força, poderemos efetivamente identificar-lhe os elementos, que são a intensidade, a direção e o sentido.

A intensidade é decorrência da maior ou menor vibração originária, da conjugação de forças com que a invocação é feita. Entram aí ingredientes de segurança, de convicção, de fé, de vontade. Não, certamente aquela vontade

tímida e insegura, titubeante, fraca.

Por vezes esquecemos de que a invocação, em princípio, nem sempre é um ato sublime. Isso está na dependência de quem a formula e de a que ou a quem se dirige. Uma questão de sintonia. Uma invocação pode dirigir-se: (a) a DEUS, o Sumo Bem; (b) aos Espíritos Superiores e aos intermediários; (c) a pessoas do nosso plano de vida; (d) a falanges inferiores que manipulam vibrações energéticas de baixa frequência. Os que perseveram no mal despertam forças tenebrosas. Estamos generalizando, falando genericamente de invocação, caminho para chegar aos nossos objetivos. Isso é a direção.

Quanto ao sentido, uma invocação pode incluir, na mesma ordem de idéias, (1) adorações inferiores (sintonias e vinculações barônticas, desejos subalternos, compromissos espirituais penosos com que se identificam as forças liberadas, daí obsidiasões; (2) sentimentos, ainda que menos grosseiros, mas em que haja muita materialidade, envolvendo interesses imediatistas, pelo menos sem perversidade; (3) num gradualismo ascendente, disciplinação dos impulsos até às mentalizações elevadas; e finalmente (4) a verdadeira sublimação, o um com Deus.

Recomenda André Luiz na obra "Entre a Terra e o Céu" (pág. 11):

Abstenhamo-nos de empre

gar a palavra PRECE quando se trata de desequilíbrio."

Ao nos referirmos às invocações, essas e aquelas, ao chamado que fazemos, e porque invocamos naturalmente as forças do bem, e esse chamamento parte de nós, é bom referir-nos ao permanente chamamento que também de nossa parte estamos sempre recebendo. Em qualquer invigilância nossa, sintonizamos os que se afinizam com o erro, que da parte deles nos invocam o concurso. Enquanto os bons Espíritos, embora respeitando o nosso estágio evolutivo e o nosso livre-arbítrio, estão a todo momento desejando entrar em nossa faixa de sintonia para induzir-nos ao bom caminho. Os que adoram fazer o bem, no cultivo das boas obras.

Atentemos ao que se diz na questão 466 de "O L. dos Espíritos": "Deus deixa à nossa consciência a escolha da rota que devemos seguir e a liberdade de seguir a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós."

Também se diz que a sementeira é livre, mas que a colheita é obrigatória.

## A prece

Uma das espécies de invocação, a mais elevada, é a PRECE. É mais que simples invocação realmente, pelas características próprias. Em "O L. dos Espíritos" define-se, como já o fizemos, como um ato de adoração. Lá se esclarece: "- Orar a Deus é pensar nele, é pôr-se em comunhão com Ele. Tirar a prece é privar o homem de seu mais poderoso suporte na adversidade. Sem a prece, seus pensamentos ficam na Terra, ligam-se mais ou menos às cousas materiais."

A palavra oração significa súplica. Nem sempre necessariamente é uma prece

dirigida a seres espirituais. Ruy Barbosa escreveu a sua célebre "Oração aos Moços". Meimei escreveu uma "Oração à Mulher". São cognatas oratória, orador.

Voltando à obra máxima da Doutrina, leiamos -: "- A prece é agradável a Deus sempre que ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível à que possa ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, fervor e sinceridade." Deolindo Amorim esclarece por sua vez: "- Muita gente confunde prece com a simples reza, recitação trivial de palavras decoradas, rotina das práticas devocionais. Que é a prece senão a projeção do pensamento? ("Reflexões sobre a prece", Desobsessão set/76).

Em "Boa Nova" Humberto de Campos-Espírito, opina: "- Por prece devemos interpretar todo ato de relação do homem com Deus. Como expressão de agradecimento ou de rogativa, a oração é sempre um esforço da criatura em face da Providência Divina." Roque Jacinto, em "Passe e Passista", diz que a prece "é vibração profunda da alma, e quanto mais espontânea, ditada pelas circunstâncias e pela afetividade, maior teor vibratório alcança e mais energias soma."

Amélia Rodrigues-Espírito, em "Crestomatia da Imortalidade", afirma: "- A oração é couraça de luz que defende por dentro, imunizando por fora."

Na "Revista Espírita" de **07/1861** há um belo texto de Fénelon, por via mediúcnica, do qual extraímos o que se segue: "- E a prece que deve proteger os homens contra o fluxo desse oceano cujo seio encerra os monstros horríveis do orgulho, da inveja, do ódio, da hipocrisia, da mentira, da impureza, do materialismo e das blasfêmias. Mas... como é restrito o número dos que oram bem!"

André Luiz em "Os Mensageiros" considera que "a oração é compromisso para com Deus, compromisso de testemunho, esforço e dedicação aos superiores desígnios. Toda a prece deve significar, acima de tudo, fidelidade de coração."

Há algumas manifestações poéticas sobre a prece, e sem perder a objetividade. João de Deus- Espírito, in "Parnaso de Além-Túmulo": "A prece, água de amor, pura e divina/Que suaviza os rigores da existência." Irene Pinto diria que "Toda a cólera é doença/E aquele que se enraivece/ Solicita o pão e a prece/Do socorro fraternal."

Em "Pensamento e Vida" diz Emmanuel: "A oração é divino movimento do espelho de nossa alma no rumo da Esfera Superior para refletir-lhe a grandeza." E Joanna de Ângelis, através de Divaldo Franco: "Orar é mais do que abrir a boca e pedir. É comungar com Deus, banhando-se de paz e renovação íntima."

Colhemos de Alfredo Miguel em "Apologia da Prece" a citação de Machado de Assis in "Helena": "- A prece é a escada misteriosa de Jacó; por ela sobem os pensamentos ao Céu; por ela descem as divinas consolações."

E Agostinho-Espírito, em mensagem recebida em Paris em **1861**: "- A prece é o orvalho que suaviza o excessivo calor das paixões. Filha predileta da Fé, leva-nos ao caminho que conduz a Deus."

Aureliano Alves Neto traz para nós o conceito tirado de Lacordaire: "A prece é o ato poderoso que coloca as forças do céu à disposição do homem. O céu é inacessível à violência; a prece o faz descer até nós."

Ouçamos ainda o que nos lembra Thereza de Brito em "Oração em Família", na obra "Vereda Familiar", pela antena mediúnica de José Raul Teixeira: "- Ensine aos seus que a prece não é um instrumento para barganhar com a Divindade, num regime de troca infantil. A prece é uma forma de comunicação. Quanto mais honesta, mais alta. Quanto mais alta, melhores os seus resultados."

## Intenção e disposição

Com certo esforço, poderíamos alinhar o que seriam elementos integrantes de uma prece: a intenção, a forma, a fórmula e os acessórios.

A intenção é tudo, diz o "O L. dos Espíritos". A intenção que tenhamos é naturalmente fruto de um sentimento, de motivação, de uma vontade direcionada, de uma disposição pessoal nesse sentido. Podemos, numa chave, dizer que são três, em resumo, os propósitos de uma prece, como está na Codificação: louvar, pedir e agradecer. Ver questão **659** de "O L. dos Espíritos".

Por que citamos forma, quando diz "O L. dos Espíritos" que "a forma nada significa, o pensamento é tudo"? E explica: "Cada um ore de conformidade com as suas convicções e de maneira que mais lhe toque o íntimo." A referência aqui é feita às diferentes maneiras ou formas de a pessoa comportar-se durante o ato. No estudo que estamos pretendendo fazer, queremos, no entanto, falar aqui de dar forma à idéia na invocação. Por isso mesmo é que nos diz a obra fundamental que "um só pensamento partido de um coração sincero é mais depressa ouvido." O pensamento é que dá forma à prece em si mesma. O pensamento de Deus criou o Megauniverso e todas as cousas e os seres. E continua criando. O pensamento do homem, do ser inteligente, cria também, em ponto menor. Cria condições. Pensamento é energia, classificada por alguns estudiosos como força óbica, energia mental. E que pode chegar mesmo ao chamado pensamento-forma ou forma-pensamento.

Vejam os em que consiste a fórmula. Quando uma idéia nos ocorre à mente e toma forma, então formulamos palavras que a expressem, mesmo que não as pronunciemos oral ou graficamente. A idéia como que sai da abstração para uma existência definida em nosso íntimo. Toma até mesmo a sua feição idiomática, por que se expressa. Formulamos um pensamento. Mas se esse momento é importante, também não são as palavras que se fazem dotadas de virtudes. No Cap XIV, questão **176** de "O L. dos Médiuns" se esclarece: "- Só a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras. Entretanto, pode acontecer que, para certas pessoas pouco esclarecidas, o emprego de uma fórmula contribua para lhes infundir confiança. Nesse caso, a eficácia não é da fórmula mas da fé que foi aumentada

pela crença no uso da fórmula."

"O Evangelho segundo o Espiritismo" nos diz que "nenhuma fórmula de prece prescrevem os Espíritos; (porém) muitos há que não acreditam ter orado realmente desde que não formularam seus pensamentos." Essa a razão de existirem nessa obra alguns modelos facultativos de preces a serem formuladas segundo as situações. E "Revista Espírita" (1866) acrescenta: "Preces especiais no Espiritismo não constituem um culto distinto, desde que não sejam impostas e cada um seja livre de dizer as que lhe convier. Tem a vantagem de servir a todos e não chocar ninguém."

Que seriam o que se poderia chamar de acessórios? De um lado, a atitude mental de recolhimento. De outro, atos convencionais ou adicionais que podem cooperar ou facilitar nosso recolhimento. Assim é que, normalmente, procuramos encerrar-nos em nós mesmos, abstraindo-nos do meio exterior e das preocupações triviais do dia a dia. De algum jeito, procuramos criar condições favoráveis. Pelo menos, para tanto, muitos procuram diminuir a iluminação ambiente, pretendendo facilitar essa abstração. Outros apelam para rituais. Em todos os tempos o aspecto devocional da prece exigiu comportamentos e práticas acessórios sob diferentes formas de ritualismo, ou de condicionamento.

Pode acontecer que não nos falte vontade, que tenhamos motivo forte para orar mas não haja condições mínimas para o recolhimento, para o alheamento do meio ou das tarefas em que nos encontramos, nem sequer possamos desviar nossa atenção em dado momento. Pelo menos um pensamento, um apelo íntimo, isso pelo menos será essencial e válido. Lembremo-nos contudo de que o Cristo costumava isolar-se um pouco, diz-se que subia ao monte ou buscava o deserto. Aí orava ao Pai, aí meditava longamente.

A intenção é fundamental. Mas a disposição é importante. Nesse caso, ainda é de reconhecer-se o quanto pode um só pensamento humilde e piedoso dirigido às fontes do Sumo Bem. Essas reflexões, por outro lado, não abonam a pretensão de total isolamento como requisito para a prece. Como, de resto, afastar-nos do mundo a pretexto de adquirir santidade...

André Luiz, na obra "Entre a Terra e o Céu" (pág. 10) ensina que a prece, qualquer que ela seja, é ação provocando reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que é emitida ou eleva-se mais ou menos, recebendo resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima da própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados por almas que se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas..." Também se lerá na questão 619-a de "O L. dos Espíritos": "Aquele que todas as noites lembrasse todas as suas ações do dia e se perguntasse o que fez de bom ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, adquiriria grande força para se aperfeiçoar porque Deus o

assistirá."

O grande Sócrates, cuja filosofia se antecipou ao Cristianismo e ao Espiritismo, ele que nada deixou escrito, já cuidava em reconhecer o valor da prece. Considerando a intenção e a disposição pessoal de quem se põe a orar, teria dito que "pouco valem as preces, se a alma não é virtuosa, isto é, se prefere os prazeres do corpo às belezas da alma" ("A Missão de Allan Kardec", C. Imbassahy pág 13). Imbassahy ainda nos socorre trazendo em "Religião" uma sentença de Cristna para ser meditada: - "Ninguém chegará ao seio de Brama (leia-se, ao seio de Deus) somente pelas preces. Só as boas obras amenizarão nossas faltas, e entre aquelas as mais meritórias serão as que tiverem por móvel a caridade."

## Todos devem orar

Por considerar a prece bálsamo, alívio, tônico, refúgio da alma em trânsito na Terra e do Espírito na Erraticidade, infere-se que todos devem orar, sem exceção, todos os que a tanto se disponham naturalmente, e não apenas os justos ou os militantes das diferentes confissões religiosas. Todos. Orarão os tristes e os que se consideram solitários; os fracos e os pecadores; os aflitos e os sofredores; os desiludidos, os naufragos da vida; os crentes e os justos.

É comum alguém pedir a outrem para orar por ele, pelos seus, e nisto não há nada de errado em absoluto. Mas não deve essa posição isentá-lo de fazê-lo concomitantemente, como se a outorga da recomendação a outrem o desobrigasse de todo compromisso, por uma razão qualquer. Como se a intercessão pedida resgatasse na consciência o dever implícito de pedir o auxílio, de concorrer nesse sentido. De também ajudar. O reconhecimento de nossa inferioridade não é razão para não orarmos. Toda prova de humildade é altamente levada em conta.

Em interessante trabalho - "O Espiritismo e a Prece" ("O Clarim" **15.04.78**) - nosso confrade José Simões de Mattos tem da prece uma imagem muito própria: "- Faz lembrar o carvão negro do arco voltaico que, tocado pela corrente elétrica, despede o clarão branco e intenso que vai perder-se na distância infinita, em etéreas vibrações." Se nos elevarmos na prece todo o negror que porventura carreamos conosco naquele instante se dissipará, iluminando-nos na medida da sinceridade de nossos propósitos. Ninguém há que, por mais infeliz por seus atos, orando intensamente com humildade, por uma causa justa, deixe de obter a devida resposta.

Abramos "Memórias de um suicida" (médiun Ivonne A. Pereira) Cap IV. Lá nos conta Camilo, o grande vate desencarnado, a passagem de Jerônimo, enclausurado na colônia espiritual, no Hospital Maria de Nazaré, quando se dirige ao Irmão Ambrósio: "- Supliquei à amorosa Mãe de nosso Redentor assistência e misericórdia para meus filhos." Dir-lhe-á Ambrósio: Aconselhe-te ainda a orar em conjunto a fim de que tuas forças se revigorem e vantagem ao

calor dos demais." E, em breve, vem a resposta da Amável Guardiã: Fora mandado estabelecer todo um esquema de socorro às infelizes criaturas por quem ele orara e que ele outrora havia abandonado. E mandava socorrer também o infeliz por quem ele não rogara em suas ardentes súplicas, mas que não fora esquecido.

E preciso atentar ainda para o que se encontra em Kardec ("A Prece"): "- Os Espíritos, pela ação fluídica que exercem sobre os homens suprem, se preciso, a insuficiência de quem ora, quer atuando diretamente em seu nome, quer dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando digno desse favor ou quando a súplica possa ser útil."

Em "Vozes do Grande Além" (Francisco Cândido Xavier - Espíritos diversos) está um dos mais belos testemunhos de humildade e reconhecimento. A prece de Cerinto, ao transferir-se de plano mental: "- Senhor de infinita bondade. No santuário da oração, marco renovador do meu caminho, não te peço por mim, Espírito endividado, para quem reservastes os tribunais de tua excelsa Justiça. A tua compaixão é como se fora o orvalho da esperança em minha noite moral e isto basta ao revel pecador que tenho sido. Não te peço, Senhor, pelos que choram. Clamo por teu amor a benefício dos que fazem as lágrimas. Não te venho pedir pelos que padecem. Suplico-te a bênção para todos aqueles que provocam o sofrimento."

Curiosa observação se encontra na Revista Espírita de agosto de **1862**, numa comunicação de Agostinho: "- Perguntas por que os Espíritos preferem pedir-vos preces. As preces dos mortais seriam mais eficazes do que a dos bons Espíritos? Estas têm o mérito das emanções terrenas, que sobem voluntariamente a Deus e que vos aproveita, por virem da vossa caridade e do vosso amor. Para vós orar é abnegação; para nós um dever. Vossas preces são agradáveis aos que as escutam. Eis que os sofredores que vagam em torno de vós imploram as vossas preces. Nós devemos orar, mas vós podeis orar."

Em "O Consolador" Emmanuel como que acrescenta: "- Em todas as circunstâncias, guarde o cristão a prece e a vigilância: prece ativa, que é o trabalho no bem, e vigilância, que é a prudência necessária, de modo a não trair novos compromissos." E em "Ação e Reação", pág **253**, Druso, através de André Luiz, afirma: "- A prece é sempre um atestado de boa-vontade e compreensão, no testemunho de nossa condição de Espíritos devedores..."

Pela razão muito simples de que o ato de apenas pedir auxílio não nos exime do esforço que nos compete, existe mesmo um velho adágio que é incluído no contexto da questão **663** de "O L. dos Espíritos": "Ajuda-te a ti mesmo que o céu te ajudará."



# Orar a Deus ou a quem orar?

Naturalmente, as preces feitas pelo Cristo ou ensinadas por Ele dirigiam-se ao Pai, ao Criador diretamente. E por que seja o Cristo para todos nós o Caminho, fazemo-las também a Ele dirigidas. Ao Supremo Criador e/ou ao glorioso Espírito que deste recebeu a incumbência superior de reger os destinos da Humanidade terrena. Kardec ensinou-nos a dirigir-nos aos bons Espíritos, mensageiros do Amor, intercessores e também igualmente operadores. "- As preces dirigidas a Deus - está em "O Evangelho segundo o Espiritismo" - são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução dos seus desígnios; as que são dirigidas aos bons Espíritos vão também a Deus. Quando oramos para outros seres, e não a Deus, aqueles nos servem apenas de intermediários, de intercessores, porque nada pode ser feito sem a vontade de Deus."

As imprecações dos diversos povos pagãos dirigiam-se aos seus deuses. Evocavam os seus "mortos", os numes tutelares em muitos casos. A instituição do hagiolégio ampliou, para os nossos irmãos católicos, a possibilidade de orarem aos santos, especialmente; os devotos, ao santo de sua eleição. Nada de errado, em princípio. Deles se espera o milagre. Enquanto, mais severos, outros cristãos só admitem a oração diretamente feita a Deus.

Independentemente de credo, a assistência dos Espíritos se faz sentir em função de quem ora e por quem se ora, extremos de uma ponte vibratória; e não esqueçamos que também oram e agem os desencarnados.

Nesse particular, há uma indagação que poderia ser feita, e que vem respondida por Emmanuel em "O Consolador": "- Conhecemos inquisidores, verdugos dos povos e traidores do bem, conduzidos ao altar pelo falso julgamento da política humana. A prece dos devotos invocando o seu socorro, muitas vezes sem se lembrarem da paternidade de Deus, ecoa-lhes no coração perturbado como vozes de acusação terrível e dolorosa, porquanto reavivam ainda mais a nudez de suas feridas." Mas a-prece, enquanto sincera, jamais se perde, tenhamos essa certeza.

Não é nosso propósito discutir aqui o entendimento doutrinário espírita de que o Mestre Jesus, sublime enviado, é um Espírito de elevada categoria, encarregado por Deus de governar a Terra e presidir-lhe ao destino, e não o próprio Deus. É assunto plenamente assentado. A confusão se justificava nos velhos tempos em que Moisés dialogava com o Criador diretamente e até o admoestava por causa de sua ira... Em que mal saíamos do paganismo. E a idéia de trindade, como outras tantas, incorpora teologias de mais remota origem. Adaptações textuais, dizem vários pesquisadores do assunto. E João **1:18** - "Deus nunca foi visto por ninguém." ,

Jesus continua o Supremo intercessor junto ao Pai em benefício da Humanidade. E Maria cumpre desvelada missão espiritual. Nossas orações podem, portanto, ser também dirigidas a esses sublimes Espíritos amigos e protetores.

# A prece tem hora certa?

Em tudo, em nossas vidas, faz-se mister a disciplina. Há sempre hora para o jejum, para as refeições, para o sono, para o banho, para o trabalho e até para o lazer. Temos mesmo o que se chama biorritmo em função de nossos hábitos, que se fazem cíclicos, criando até problemas de adaptação em caso de novos fusos horários. Seria então o caso de nos perguntarmos se deve haver uma ou mais horas certas para a prece. E podemos mesmo convencionar horas regulares para reunir-nos em prece. De um modo geral, todos fazem assim. Os católicos elegem suas horas certas para irem à missa. Os protestantes idem, para os seus cultos. Os maometanos, os budistas, e assim por diante. Criou-se até há pouco tempo um dia especial de ação de graças. Os espíritas também programam suas reuniões. Independentemente disso, porém, falando agora da criatura e de seu contato buscado junto às fontes de todo o bem, na verdade, desde que tenhamos o necessário impulso, não há horas determinadas para a prece em relação a outras em que não se deva fazê-lo. Nem lugar em que, por estarmos ali, não se deva orar. Muito embora, atentemos bem isso, não deva ninguém viver fora da vida normal em posição meramente contemplativa, absorto, o que chegaria às proporções de uma doença, constituindo misticismo e não santidade, e ninguém fica santo por suas exteriorizações místicas, nem adquire valores espirituais em se alheando aos compromissos da vida quotidiana.

Diz-nos Léon Denis em "Depois da Morte": "- Não há horas para a prece. Sem dúvida, é conveniente elevar-se o coração a Deus no começo e no fim do dia. Mas, se vos sentirdes indispostos, não oreis. E melhor não fazer nenhuma prece do que orar somente pelos lábios. Em compensação, quando sentirdes vossa alma enternecida, agitada por um sentimento profundo, pelo espetáculo do infinito, deveis fazer a prece, mesmo que seja à beira dos oceanos, sob a claridade do dia, ou debaixo da cúpula brilhante das noites; no meio dos campos e dos bosques sombreados, no silêncio das florestas, pouco importa; é grande e boa toda causa que, produzindo lágrimas em nossos olhos ou dobrando os nossos joelhos, faz também irromper do nosso coração um hino de amor, um brado de admiração para com a Potência eterna que guia os nossos passos por entre os abismos."

E esclarece adiante: "... o nosso pensamento, quando é atuado por grande força de impulso, por uma vontade perseverante, vai impressionar as almas a distâncias incalculáveis. Uma corrente fluídica se estabelece entre umas e outras e permite que os Espíritos elevados nos influenciem e respondam aos nossos chamados, mesmo que estejam nas profundezas do Espaço." E arremata: Também sucede o mesmo com todas as almas sofredoras. A prece opera nelas qual magnetização à distância. Penetra através dos fluidos espessos e sombrios que envolvem os Espíritos infelizes; atenua suas mágoas e tristezas. É a flecha luminosa, a flecha de ouro rasgando as trevas."

A página de Léon Denis é necessariamente elucidativa e edificante. Valeria tomá-la por inteiro. Que o leitor não se furte a fazê-lo. Importante para o nosso raciocínio ainda estes tópicos: "- Considerada sob tais aspectos, a prece perde todo o caráter místico. O seu alvo não é mais a obtenção de uma graça, de um favor, mas sim a elevação da alma e as relações desta com as potências superiores, fluídicas e morais."

Aura Celeste, em "Crestomatia da Imortalidade" (médium Divaldo Franco), recomenda: "- Louve o Senhor em todos os dias de sua vida, cantando o amor no trabalho venturoso em favor de todas as criaturas." Anote-se: em todos os dias de nossas vidas... E diz mais: "- Não macule, entretanto, a sua oração com os pedidos mesquinhos que nascem da ambição desvairada e se desenvolvem no desequilíbrio da emoção."

## Deus tudo sabe

Emmanuel, na obra "Pensamento e Vida", tem uma imagem muito esclarecedora sobre a função da prece: "- Imaginemos a face de um espelho voltada para o Sol, desviando-lhe o fulgor na direção do abismo. Esta é, em essência, a função da prece."

Isso vem a propósito da tese inadvertidamente proposta por algumas pessoas alegando que Deus tudo sabe e tudo vê. Sendo sua lei de justiça e de bondade, não caberia ação intercessória. Dá-se apenas que uma ação intercessória não vai mesmo comprar a derrogação da lei em favorecimentos pessoais, isto sim, mas o socorro se faz presente em toda parte e nós mesmos seremos instrumentos desse socorro, sendo a prece um dos meios de tomá-lo efetivo pelos recursos que desenvolve. Não há nela apenas pieguismo, sentimentalismo amorfo, não é ela apenas uma tábua de salvação lançada a esmo por desencargo de consciência, aquilo que se faz, como se costuma dizer, por via das dúvidas.

Já ouvimos algures esta comparação: V. está em casa e a noite chega. V. não liga suas tomadas de luz, não toma a iniciativa, porque na usina de força todos sabem que a noite chegou e que V. está no escuro... Ou não pede conserto, quando em seu quarto ou em sem edifício as luzes não se fizeram sentir... Falta a energia. Com nossos gestos, nossas iniciativas, nossos pensamentos, a ação de cada um de nós, participamos nós próprios da ajuda espiritual mobilizada dentro do âmbito da misericórdia divina. Ou, por outro lado, respondemos pela omissão. Mesmo onde a lei, por necessária, exija os mais acerbos sofrimentos, em sua função catártica e restauradora, há sempre uma resposta do amor inesgotável, sustentando-nos nas provas e nas expiações da existência.

Em "O Evangelho segundo o Espiritismo", referindo-se à atuação dos bons Espíritos, encontramos estes esclarecimentos que julgamos preciosos: "- Não é o mal que eles afastam de nós, mas é a nós que eles afastam do pensamento que nos

pode causar o mal; não embarçam em nada os desígnios de Deus, nem suspendem o curso das leis naturais, mas é a nós que impedem de infringirmos as leis, ao orientar-nos o livre-arbítrio." E quanto ao Pai: "- É possível que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade de suas leis, que regem o conjunto, subordinada essa decisão à sua vontade."

Quanto àqueles que rejeitam a prece pelos que hajam desencarnado - para os que não saibam, há também os que pensam assim - vejamos o que nos diz a questão **665** de "O L. dos Espíritos": "- A prece que dirigis ao Criador em favor deles é um testemunho que não pode deixar de contribuir para aliviar os seus sofrimentos e os consolar."

Um pormenor que não pode passar despercebido, como veremos. Pode acontecer que muitos orem, com sinceridade, em favor de alguém, encarnado ou desencarnado. Mas que, nada obstante, esse precisa da prece envolta no halo do perdão, partida daquele exatamente a quem ofendera. Não bastariam terceiros, o perdão deveria ser dado pelo ofendido, ou suposto ofendido, ao que se sente ofensor. Na Revista Espirita de agosto/**1862** o Espírito Agostinho explica: "- As preces dos outros não trazem o selo do perdão." E aspeia a frase, que é de um Espírito comunicante que declara a alguém: "- não tivestes para mim um sentimento de perdão." Prossegue o texto citado em longo estudo sobre o valor da prece, "um orvalho benéfico, que deve tomar menos árida a terra ressequida." Referindo-se ao fato de que os Espíritos pedem-nos preces, continua esclarecendo: "- Se imploram as vossas preces, é porque estas têm o mérito das emanações terrenas, que sobem voluntariamente a Deus e que as aproveitam, por virem de vossa caridade e do vosso amor."

Eurípedes - Espírito, em "Seareiros de Volta", recomenda: "- Não te esqueças de orar por tuas vítimas e nem te negues a perdoar quem te magoa. Não raro, aqueles que nos rogam perdão são aquelas mesmas criaturas de quem precisamos recebê-lo." E isto é muito sério.

Referindo-se à prece pelos chamados "mortos" e especialmente pelos sofredores, "O L. dos Espíritos" acrescenta: "- A prece não tem o efeito de mudar os desígnios de Deus, mas aquele por quem se ora experimenta alívio. O infeliz é sempre consolado quando partilhamos as suas dores. Provoca o arrependimento, desperta o interesse pelos bons atos, o necessário para alguém se tomar feliz. Nesse sentido, portanto, pode abreviar a pena, se encontra ali boa-vontade." E essa explicação deve ser meditada.

Em "A Gênese", Cap XIV/**42** conclui: "- Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra (os propósitos do) Espírito obsessor." E em "O Evangelho segundo o Espiritismo" se diz finalmente que "renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus, é renunciar à sua assistência e ao bem que podem alcançar quem ore e aquele por quem se ore."

Na verdade, como bem o diz Martins Peralva em "O Pensamento de Emmanuel"

("Eficácia de Prece"), "o conhecimento espírita vai, pouco a pouco, corrigindo distorções e arcaísmos, no que diz ao entendimento da prece, seus objetivos e conseqüências."

## Porque e por quem vamos orar

Vimos que os propósitos da prece - e isso está na Codificação - resumir-se-ão em três itens, a saber, louvar, pedir e agradecer. Nossas preces nesse caso serão feitas, então:

- Em louvor e em agradecimento; muitos dizem "ação de graça".
- Pedindo por nós mesmos (forças, inspiração, perdão pelas faltas cometidas) seja nos trabalhos do movimento doutrinário, seja na vida comum.
- Pelo nosso próximo de um modo geral ou particularizando.
- Especialmente pelos que nos tenham ofendi do, com pensamentos de perdão.
- Por uma causa que consideramos justa, como por exemplo a paz mundial.
- Evocando problemas que, embora possam ter algum aspecto material, por sua relevância impliquem em angústia ou assumam caráter vital.- Em circunstâncias especiais (ver referência a preces especiais no Espiritismo).

Naturalmente pediremos pelos doentes, pelos aflitos, pelos obsidiados, pelos obsessores, pelos desafetos, pelos que cometem delitos, pelos que passam pelas provas e expiações, pelos governantes e pelos governados, pelos que nascem, pelos que desencarnam, pelos que ensejam o sofrimento, pelos que se arrependem do mal praticado, pelos endurecidos, pela paz, pelos acontecimentos catastróficos, a benefício das vítimas e assim por diante. Pedimos sempre muito... Pedimos sempre mais. Agradecemos pouco. Louvamos ainda menos, dado o nosso egoísmo e o nosso imediatismo.

Em determinadas áreas do pensamento religioso há quem peça a Deus até pela vitória do seu clube, para passar nas provas sem esforço, para casar com determinada pessoa, para ganhar na loteria. Todos esses certamente ainda não entenderam a relevância e as funções da prece.

Há uma observação importante de Emmanuel (Oração e renovação I "À Luz da Oração"): "- Na essência, não é o Senhor que necessita de nossas manifestações votivas, mas somos nós mesmos que devemos aproveitar a sublime possibilidade, aprendendo com a sabedoria da vida. Em qualquer posição de desequilíbrio, lembra-te de que a prece pode trazer-te sugestões divinas, ampliar- te a visão espiritual e proporcionar-te consolações

abundantes; todavia, para o Senhor, não bastam as posições convencionais ou verbalísticas." Ele mesmo nos observará ainda: - Todos fazemos prece depois que o sofrimento nos convoca à expiação regenerativa, quando o processo de

nossas defecções morais já coagularam em tomo de nosso Espírito o cáustico da aflição com que temos de purificar os tecidos da própria alma. Todavia, quão raras vezes oramos antes da luta, vacinando o sentimento contra a sombra da tentação!..." ("Mãos marcadas").

De Marco Prisco em "Momentos de Decisão":

A oração lhe abrirá a comporta mental para a inspiração, a paciência lhe dará os meios para guardar no ímo a resposta divina."

Na Revista Espírita de dez/1879 (pág 352 da tradução brasileira), de uma carta escrita a Kardec por um protestante, referindo-se ao fato de que muitos não oram pelos "mortos" porque o Evangelho não ensina a fazê-lo, retiramos estes tópicos: "- Quem não desejou, ao orar por um pai ou um irmão falecido, que ali estivesse para escutar o que, quando se dedicava, ali estivesse para ver?"

Em seu Cap V a obra "O Céu e o Inferno", integrante da Codificação, é clara a respeito da prece pelos chamados mortos. O Espiritismo a condena? Bem ao contrário, pois os Espíritos sofredores as solicitam. Faz delas um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem, abreviando dessa maneira os seus tormentos." E prossegue: - Falando à inteligência, o Espiritismo reconduz os incrédulos à fé, induzindo à prece os que dela se afastavam. Mas ensina que a eficácia das preces depende do pensamento e não das palavras, que as melhores preces são as que partem do coração e não apenas dos lábios, aquelas que são ditas por nós mesmos e não as que mandamos dizer por dinheiro."

Atentemos ainda aos esclarecimentos constantes da obra "O Céu e o Inferno" - Allan Kardec - à página 153 da tradução brasileira, 2ª parte, "A transição": "Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela invocação criteriosa, sábia, prudente, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo e, se for sofredor, insinua-se-lhe o arrependimento, único meio de abreviar os sofrimentos."

Admitir portanto que a prece não tenha cabimento em alguma circunstância, ou que A ou B, que tenha, como se costuma dizer por aí, morrido "no pecado", não merece as nossas preces, é um pensamento de total e gritante descaridade. Grande seria a nossa falta de sensibilidade. E de entendimento das supremas Leis de Deus, que não quer a morte do ímpio, a sua perda, mas que se salve (Ezequiel).

O Cap XXVII de "O Evangelho segundo o Espiritismo" é todo ele dedicado ao estudo da prece. Deste se fizeram separatas. Sugere cinco categorias de preces em relação àqueles por quem devemos orar. Fala-nos de preces gerais (para os trabalhos espíritas propriamente), de preces pessoais (pedidos de auxílio, forças para resistir ao mal, resignação etc), de preces pelos outros (perdoando, pedindo auxílio, agradecendo benefícios...), pelos Espíritos (sofredores, criminosos, suicidas, arrependidos etc) e com especial atenção pelos doentes e obsidiados. A primeira das preces formuladas e ali desenvolvida é a oração dominical. Como

modelos de oração, muito bem elaboradas, na verdade não atribui a nenhuma delas poderes especiais. Em qualquer circunstância valem sempre o sentimento íntimo de quem ora, a intenção que o move, a disposição, a firmeza da vontade.

Numa obra de Léon Denis, "Síntese doutrinária e prática do Espiritismo", tradução recente para o português que devemos ao Prof. José Jorge, há uma parte de preces e evocações que o autor sugere, dentro do mesmo pensamento do mestre lionês, servindo como orientação e não como texto obrigatório, e são elas: (a) para uso de grupos espíritas; (b) durante a guerra; (c) para um casamento; (d) por motivo de um nascimento; (e) para um funeral; (d) diante de uma sepultura; (e) finalmente na festa dos mortos. Ali, antes de mais nada, em cada uma delas, uma lição viva do ensinamento espírita.

## Preces e ensinamentos

Quem observar com algum cuidado o rol das sugestões ou modelos de preces que são apresentadas no Cap XXVII de "O Evangelho segundo o Espiritismo" ou nas separatas disponíveis notará, a par da simplicidade de que se revestem, da objetividade e clareza das palavras propostas, dos pensamentos expendidos, este fato singular: as preciosas advertências que prefaciam cada tipo de prece ou de motivação; as verdadeiras aulas de doutrinação que o autor propõe a quem ora, incluído no próprio texto da oração, colocando-as por bem dizer na boca de quem as utilizar. Enquadram-se, dessa forma, nos objetivos de despertamento da pessoa que ora, de modo a evitar a posição passiva em que muita vez nos situamos. Senão vejamos: "- Inspirai-nos, pela voz dos nossos anjos guardiães e dos bons Espíritos, a vontade de corrigir-nos de nossas imperfeições, a fim de fecharmos nossa alma ao acesso dos Espíritos impuros." Outro texto: "- Preservai-nos do orgulho e da presunção, afastai de nós o ciúme, o ódio, a malevolência, e todos os sentimentos contrários à caridade, que são outras tantas portas abertas aos Espíritos maus." E ainda: Meus defeitos atuais são o resto das imperfeições que trouxe de minhas existências precedentes. São, pois, o meu pecado original, de que posso livrar-me pela minha vontade, com a assistência dos bons Espíritos." Quem, de um modo geral, se lembraria de abrir a sua própria alma e fazer dessa maneira, antes de mais nada, uma verdadeira confissão íntima de defeitos e de reconhecimento de suas origens? Quer isso dizer que tais enunciados, antes de se aplicarem ao petitório de graças, toma-se num esforço de auto-exame. Antes que pudesse tomar-se por fórmula mágica de poderes especiais, funciona como chave que nos abre a alma, a consciência aos deveres e ao imperativo do aperfeiçoamento. Impõe-nos com isso a implícita necessidade de agir com sinceridade. E Deus escuta a prece do arrependido. Só espera que não retome aos caminhos do erro. E vê, melhor do que nós, a sinceridade no íntimo de seus filhos. Vejamos agora a preciosidade que se segue na prece pelos desafetos: "- Desejo,

para experimentar a sinceridade de minhas palavras, que se apresente uma oportunidade de lhe ser útil. Mas, sobretudo, ó meu Deus, preservai-me de fazê-lo por orgulho ou sustentação, abatendo-o com uma generosidade humilhante, o que emularia os méritos de minha atitude." Quem orar desse jeito, com sinceridade, não só estará perdendo e pedindo a Deus pelo desafeto, como aceitando para si uma das provas mais difíceis de serem exercidas. Quem, perante Deus e a própria consciência, pronunciar essa prece, for capaz de sentir a extensão da súplica, simplesmente evoluiu um muito espiritualmente e tem condições de ser ouvido.

Não há uma só das formulações incluídas pelo mestre Lionês no estudo sobre a prece que seja um petitório vazio de ensinamentos. Esse é um sentido dinâmico que o Espiritismo pode proporcionar. Nesse caso a pessoa pede, mas inicialmente dá de si em compromisso solene de auto-aperfeiçoamento, em entendimento das leis divinas. E haveria de ser exatamente esse o verdadeiro sentido que o Cristo imprimiu à sua própria missão.

Um assunto delicado também é ali tratado e merece referência. É que podemos solicitar a Deus benefícios que sejam de natureza terrena e Ele poderá atender-nos quando tenham, isto sim, uma finalidade útil, séria, justa; nunca, é lógico, vantagens egoísticas ou primazias. E explica: "Como julgamos a utilidade das coisas segundo a nossa visão imediatista, limitada ao presente, geralmente não vemos o lado mau daquilo que desejamos. Deus, que vê melhor do que nós, e só deseja o nosso bem, pode recusar-nos o que pedimos, como um pai recusa ao filho aquilo que pode prejudicá-lo." Batei e abrir-se-vos-á. Pedi e obtereis. Contudo, sabeis apresentar-vos. E não coreis de vergonha ao oferecerdes o espelho dos vossos sentimentos no altar da consciência para o exame de Mais Alto.

Temos ouvido que se fazem por aí rogos aos Céus para que vença essa ou aquela equipe desportiva e outras tantas coisas desse jaez. Alguém, há já bastante tempo, pedia a Deus que morresse no leito de hospital algum paciente, contanto que abrisse vaga para o seu filho... Ensinamentos que faltam à elucidação tanto da grandeza de Deus em sua excelsitude como dos verdadeiros objetivos da prece.

Na Revista Espírita (Paris, **11/1861**), dissertan-, do sobre os efeitos da prece, um Espírito familiar assim se expressa: "A alma elevada para Deus por um desses gestos sublimes da prece, parece, desprendida de seu invólucro grosseiro, apresentar-se cheia de confiança perante Ele, certa de obter o que pede com humildade."

## A oração dominical

A Coletânea de Preces Espíritas constante do Capítulo XXVIII de "O Evangelho segundo o Espiritismo" começa pela recomendação: "Faça cada qual a sua prece de acordo com suas convicções e da maneira que mais lhe agrade." As fórmulas são apresentadas, entende-se, para ajudar os que sintam dificuldade de



se exprimirem em dadas circunstâncias. E como vimos de apreciar, há ali bem mais ensinamentos que propriamente um formulário prático. E diz ainda: "O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, desde que ditas de coração, não apenas maquinalmente."

Há, no entanto, um destaque que não deve passar despercebido. É a oração dominical, comumente chamada "o Pai Nosso". Síntese sublime do que é digno reconhecer quanto às nossas necessidades essenciais. Trata-se, como se sabe, da única prece ensinada pelo Cristo, modelo de simplicidade, de concisão, tão breve que muitos até acham necessário repetir um sem número de vezes como se a repetição - com risco de cairmos no automatismo - assegurasse maiores benefícios, intenção até certo ponto louvável dentro do ponto de vista em que se situe a sinceridade de cada um. Mas afinal de contas para nós outros dispensável sobretudo se nos colocarmos em doce meditação atentando para o entendimento de cada frase que a compõe.

Kardec também reconhece essa concisão, considerando mesmo que ela poderia a rigor substituir todas as outras. E nos apresenta, para desdobrá-la, belos textos explicativos que são, afinal, outras tantas preces. Não que sentisse necessário estendê-la por questão de tamanho, bem entendido. Após isso ainda nos sugere: "Podem ser feitos a seguir os agradecimentos a Deus pelas bênçãos concedidas e formulados pedidos para si mesmos e para os outros." Pedidos que naturalmente devem manter a nobreza e a espontaneidade daquela.

Talvez mesmo em função ainda da brevidade do texto bíblico vem o hábito, lá como cá, nos ambientes espíritas, de se acrescentar a prece da "Ave-Maria". E lá vai, pela própria repetição do que se ouve alhures, a expressão "Mãe de Deus"... Poucos a corrigem para "Mãe de Jesus". A prece, sendo sincera, é lógico que vale. Mas a Doutrina que abraçamos fica no mínimo arranhada, não há dúvida.

Preces não há "mais fortes" umas do que outras. A força não está em função propriamente das palavras, muitas ou poucas, mais bem escolhidas ou não, é o que temos procurado mostrar. O que pode acontecer, isto sim, é a pessoa que ora expender mais intensamente as energias mento- eletro-magnéticas disponíveis encorajada com os dizeres da prece que acredita "mais forte". A força será dele, daquele que ora, dos que o acompanham, de seu convencimento. E da ajuda dos companheiros da Vida Maior que se mobilizam na ajuda fraternal aos encarnados. A Oração Dominical, porque se sabe ditada por Jesus está nesse caso. Mas não é mágica. Dita dos lábios para fora é mero recitativo.

A partir do potencial energético que possam emitir os que oram, é comum também se decorarem e se acreditarem potencialmente mais poderosas outras preces muito conhecidas, como a Prece de Cáritas. Ditada por Cáritas (Charitas), um Espírito enobrecido e amável, é de extraordinária beleza, emocionante. Mas é preciso que se entenda sempre que dizer uma prece - qualquer delas - esperando algum milagre, ou seja, a derrogação das leis divinas, pode constituir uma posição

mística por excelência.

A graça divina é pródiga em bênçãos, mas resulta do esforço e decorre do merecimento. A prece é a porta que se abre, pela energia do pensamento e da vontade, para que o Amor de Deus se cumpra e se expresse, fortalecendo-nos o ânimo para as lutas da vida e para evitarmos as tentações. Lembrando-nos sempre de dizer: "Seja feita a Vossa vontade e não a nossa." De coração, com sentimento. Consagrada a expressão "dominical", nada nos impede de que a façamos em qualquer dia, e que a adaptemos a momentos e circunstâncias da vida de cada um. É uma síntese e espelha o comportamento ideal do cristão.

## Oração e serviço

Da parte de quantos lêem mas não assimilam bem a lição, há um questionamento até certo ponto curioso, qual seja o das consolações que a Doutrina oferece. Ensinara o Cristo que os aflitos serão consolados e a Doutrina se apresenta como no novo Consolador. Haveria aí, porventura, uma sugestão no sentido de que buscássemos o sofrimento intencionalmente ou dessa forma o intensificássemos, num procedimento um tanto sádico, quem sabe, na busca ansiosa da bem-aventurança prometida? Nada disso. Suportar resignadamente o sofrimento que não possa ser evitado, procurando superá-lo, arregimentar forças para atravessar a fase dolorosa com estoicismo, numa demonstração de fé e de coragem, de confiança em Deus como Pai amoroso e bom e nas palavras do Cristo, o sublime mensageiro, eis um procedimento consentâneo, e é exatamente aí que a Doutrina a todos oferece elementos de convicção através da mensagem efetiva consubstanciada nos princípios que espousa e na permanente comunicação dos Espíritos: "Eis-nos aqui."

Discorrendo sobre o bem sofrer e o mal sofrer, Lacordaire (1863) nos ensina (in "O Evangelho segundo o Espiritismo"): "A prece é o sustentáculo da alma, mas não é suficiente por si só: é necessário apoiar-se numa fé ardente na bondade de Deus." E mais: "Quando chegardes a dominar os impulsos da impaciência, da cólera, do desespero, dizei com satisfação: Eu fui o mais forte!"

A submissão à vontade de Deus não haveria de ser essa posição impávida de passividade ou indolência de quem se deixasse afogar no mar revolto das tribulações; nem a cega e mística de esperar por vias da conformação algum milagre sem esforço. Porque a vontade de Deus é aquela da nossa vitória e não da derrota diante das provações da vida. É a do triunfo da vontade e do esforço. Cumpre portanto testemunhar confiança em seus desígnios sábios e nos dispormos ao trabalho até onde as nossas forças o permitam. Daí também que o Espiritismo se posiciona em desacordo com os tormentos voluntários ainda que praticados em nome da fé, se a ninguém aproveita. A cada um de nós basta o peso de nossas próprias misérias. Martirizar o corpo voluntariamente não pode agradar o Pai, é

bem diferente de suportar as provas e sofrimentos remissores. E agora uma reflexão que decorre destes próprios raciocínios: Será lícito diminuir o peso da cruz que nosso semelhante tem sobre os ombros? A prova dele não terá sido escolhida, de alguma forma merecida, o teste afinal não lhe pertence de direito? Lícito sim, e como é gratificante fazê-lo, abençoado esse esforço, como o do cireneu que teve a oportunidade sublime de aliviar o martírio do Cristo. Sofrimento este que se insere no capítulo do holocausto, marcando fundo a história da Humanidade. A ajuda fraterna ao nosso próximo, diminuindo-lhe a intensidade dos sofrimentos ou em nos solidarizando com este, tornado-os mais suportáveis, já agora se enquadra na oportunidade do serviço prestado. Estaria certo abrandar o sofrimento alheio, é isso mesmo, se as alegrias prometidas são exatamente a bem-aventurança após a tempestade? Sim, certo, porque o apoio do irmão mais próximo suaviza os rigores do caminho sem lhe roubar os méritos. A indiferença constitui dureza de coração, insensibilidade essa que nem os irracionais superiores praticam.<sup>1</sup>

Por outro lado, seria de aplaudir-se a posição da criatura que fugisse ao contágio do mundo para não contemplar os quadros de desolação, seria piedoso ensimesmar-se em oração profunda e até em jejum, pretendendo dessa forma elevar-se espiritualmente? Sê-lo-ia se o egoísmo passasse de lado, tomando-se virtude. Sem vaidade e nenhuma ostentação, o certo há de ser tomarmos-nos dóceis instrumentos do Bem na medida das oportunidades que se nos apresentam. Auxílios esses que têm sempre virtuais limites - não se trata de limites ao Bem que se possa praticar, entendido - mas que não deveriam inviabilizar o esforço próprio de cada um, individualmente considerado, e sim criando oportunidades de estímulo ao esforço, complementando-o sempre que possível, nunca substituí-lo por completo, o que seria um desastre.

Cabe também àquele que passa pela provação, pelas vicissitudes da vida em menor ou em maior grau, se alicerçado na fé consoladora, a sua parte no serviço, através do exemplo. É de quem se espera o testemunho de resignação e o esforço nobre de superação, de extraordinário valor. E a oração nesse caso é fonte permanente e renovada de energias que se irradiam e que absorvemos, fator preponderante na sustentação daqueles que têm fé. Água pura que dessedenta, alimento da alma, perfume que trescala balsamizando o ambiente, inspirando pensamentos de equilíbrio, elevando o tônus vibratório daqueles que passam pela provação.

<sup>1</sup> (\*) *Note-se que falamos em abrandar e nunca encurtar o sofrimento por nenhum ato intempestivo porquanto desrespeitoso aos desígnios superiores.*

# Eficácia da prece

Inúmeras referências têm sido feitas sempre a respeito da eficácia da prece dentro da sentença evangélica do batei e abrir-se-vos-á.

Seria um absurdo pensarmos que todo e qualquer petitório devesse ser atendido para que se cumprisse a letra do texto, porque está escrito. Ainda mais que poderiam estes pedir uma coisa e aqueles o contrário. O egoísmo e o imediatismo que nos animam muitas vezes não nos permitem ver com exatidão os benefícios, a eficácia da prece quando se deseja o que é justo. Lembremo-nos de que os seus efeitos podem processar-se, segundo os desígnios divinos, a curto, a médio e a longo prazo. A curto prazo, quando sincera, razoável, cheia de fé, a prece consola, alivia os sofrimentos, reanima e encoraja a alma e, porque nos habitua a ter pensamentos sadios de ordem e de disciplina, também nos aperfeiçoa. Abramos uma vez mais "O L. dos Espíritos", questão 660- a: "- A prece toma o homem melhor?" Resposta:

"- Sim, aquele que a faz com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. Jamais é recusado o socorro, quando pedimos com sinceridade." E aí está: Jamais é recusado o socorro, as portas da ajuda espiritual abrem-se. A médio e a longo prazo teremos evoluído espiritualmente pelas boas companhias que nos sugerirão pensamentos de ordem e de equilíbrio. Teremos potencializado energias que se refletirão decisivamente a favor de nossos novos ideais, porque nobres. É evidente a assistência espiritual em razão da identificação que passamos a ter com as vibrações amorosas dos piemos superiores da vida imperecível. Quem invoca as forças do bem evoca generosas ligações espirituais. E sobrevém para aquele que ora, inegavelmente, um bem-estar virtual, uma certa sensação de alívio, revigoração de suas energias despendidas, ore ele por si ou por outrem, o efeito sobre si é o mesmo.

Aquele por quem se ora igualmente receberá, na medida em que se faça receptivo, assistência que restaure as energias ou possibilite despertar no sentido de suas tendências positivas, a doce consolação que muitas vezes nem sabe de pronto explicar, e isso ocorre com muita frequência com todos nós. Trabalhadores espirituais aproveitarão o campo energético formado aqui e ali pela oração, quantas vezes anônima, mobilizando fluidos vitais e intensificando as energias psíquicas. Têm eles na oração dos encarnados precioso ponto de apoio para atuarem por nós e conosco.

Ineficácia aparente ocorre por vezes quando, havendo uma proteção velada das forças do bem, não atinge exatamente o fim pretendido expresso na formulação. Daí mesmo que a prece dominical inclui: "... Seja feita a vossa vontade e não a nossa..."

Quantas vezes pedimos aquilo que em realidade não nos irá beneficiar, senão

antes prejudicar a nossa evolução espiritual. Nesse caso, não se trata, a rigor, de ineficácia do remédio mas da forma de aplicá-lo... Emmanuel recomenda: "Organizemos o socorro da oração junto a todos os que padecem mas, se a cura demora, jamais nos aflijamos: lesões e chagas, frustrações e defeitos em nossa forma externa são remédios da alma que nós mesmos pedimos à farmácia de Deus."

Na Revista Espírita de jan/1861 há uma longa poesia assinada por Joly e que diz, a certa altura: "- Orar em nada altera a lei do Eterno,/Sempre imutável; mas seu coração paterno/Espalha o fluxo divino sobre quem implora/E redobra o ardor do fogo que o devora." Naturalmente que o original estava em francês. Nós o colhemos da tradução vernácula.

Em "O L. dos Médiuns", Cap XIV, questão 176, se encontra: "- Podem se obter curas apenas pela prece?" Resposta: Sim, às vezes Deus o permite. Mas talvez o bem do doente esteja em continuar sofrendo, e então se pense que a prece não foi ouvida." E porque falemos em tradução, vem esta do alemão inicialmente para o francês e encontramos na Revista Espírita jan/1863; outro, o ângulo de visão abordado: "- Rodeai vossa alma pelo muro protetor de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, interno e externo, aí não possa penetrar." E esclarece quais são esses inimigos: "- Os inimigos interiores, isto é, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, os vícios do mundo, são impotentes para forçar os muros que o protegem."

Em "Escrínio de Luz" é agora Emmanuel quem diz: "- A oração não será um processo de fuga do caminho escuro que nos cabe percorrer, mas constituirá uma abençoada luz em nosso coração, clareando-nos a marcha. Não representará uma porta de escape ao sofrimento regenerativo de que ainda carecemos, mas expressará um bordão de arrimo, com auxílio do qual superamos a ventania da adversidade, no rumo da bonança. Não será um privilégio que nos exonere da enfermidade retificadora, ambientada em nosso próprio templo orgânico pela nossa incúria e pela nossa irreflexão, no abuso dos bens do mundo, entretanto, comparecerá por remédio balsamizante e salutar, que nos renove as energias, em favor de nossa própria cura." E mais adiante: ... cultiva a prece, com a mesma persistência que empregas na procura diária da água para a sede e do pão para a fome do corpo." E a comparação com as necessidades orgânicas nos lembra o que está em "Orações ocultas" (Ed. Pensamento): "- O ato de orar deve ser uma expressão tão natural na vida humana como o respirar, e até ambos têm uma íntima relação mútua."

## Ineficácia: quando e como

Se argumentamos a respeito da eficácia da prece, poderá parecer um contra-senso examinar a seguir a condição oposta, a sua ineficácia. Não a rigor a

ineficácia da prece em si, mas das pretensas condições que cerquem o ato de orar. Para que nos dediquemos à prece há condições mínimas que se fazem necessárias. Em primeiro lugar, o sentimento íntimo, sem o que estaremos simplesmente representando, como se fora no palco. Não haveria mobilização de energias propiciadoras. Dai a necessidade de higiene da mente, afastando deliberadamente pensamentos conducentes a baixas freqüências vibratórias. Não somos perfeitos, mas podemos policiar a nossa mente. Por isso se costuma pedir aos que oram juntos afastarem todo pensamento relacionado com as atividades costumeiras, mormente viciado no imediatismo da vida terrena. E como somos deseducados nesse particular! Apela-se comumente para o despertamento de uma idéia central eleva-da, começando a direcionar o pensamento no objetivo da oração. Pede-se ainda concisão nas palavras e objetividade.

Prejudicam os efeitos, por parte de quem ora: (a) a ociosidade (criaturas vazias de fé, mentes desocupadas); (b) círculos mentais invertidos (egocentrismo, monoideísmo); (c) desatenção (descontinuidade do pensamento, tantas vezes fugidio); (d) certas dificuldades orgânicas ou psíquicas que conduzam | desconcentração, ainda que passageiras.

Em "O L. dos Espíritos" ainda se diz: "- Não creias que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade." E este texto nos lembra bem o exemplo de Zaqueu, o seu gesto de grandeza moral.

Com respeito àquele por quem oramos, a capacidade de recepção é importante. Essa receptividade varia em multifárias circunstâncias em cada criatura. Referindo-se mais particularmente ao passe como transformação de energias revitalizadoras, podemos por extensão aproveitar aqui o pensamento de André Luiz em "Nos domínios da Mediunidade": "- A mente do receptor, do mesmo modo que pode favorecer-lhe a eficácia, é capaz de neutralizar-lhe os efeitos." E nem que tivéssemos disso a certeza, em determinado caso, seria justo abandonar os tentames.

Adverte Deolindo Amorim que "nem toda a prece é justa, ainda que seja fervorosa. Não se pode modificar as leis supremas nem o curso da natureza" ("Reflexões sobre a prece", in Desobsessão).

Em "O L. dos Espíritos" se reafirma que "a prece não oculta as faltas se não mudarmos a conduta. As boas ações serão a melhor prece. Os atos valem mais que as palavras." Nesse caso, ao pedirmos perdão por nossos erros, importa que mudemos a partir daí a nossa conduta: Ide, e não peques mais..."

É preciso também entender que nem toda imprecisão a Deus ou aos mensageiros de sua vontade constitui realmente uma prece, com os atributos que lhe são inerentes. Lemos em "Vinha de Luz" Emmanuel dizer que "a prece tecida com inquietação e angústia não pode distanciar-se dos gritos desordenados de quem prefere a aflição e se entrega à imprudência..."

Outra questão é a da direção em que é projetada. Se formulada na direção de alguém que não esteja nas condições ideais de realizar a intercessão pedida (voltamos ao tema de orar a Deus ou a quem orar), isto é, se por engano de julgamento, com fé e sinceridade, recorrermos a quem não tenha condição de nos escutar e atender, mesmo assim, Espíritos superiores ouvi-la-ão e o socorro que for permitido por

Deus será estabelecido. É a isto que André Luiz chama de prece refratada. A corrente sofre uma refração e se desvia na direção dos que podem ajudar. Ver "Entre a Terra e o Céu", pág 14. Uma rogativa meritória nunca ficará no olvido. Voltemos à obra "Vinha de Luz": "- A oração tecida de harmonia e confiança é força imprimindo direção à bússola da fé viva, recompondo a paisagem em que vivemos e traçando rumos novos para a vida superior."

E o doutor Carlos Imbassahy em "Religião": "Se a prece não é infalível em todos os atos de nossa vida, visto que não temos medida no pedir, não cabe a Deus fazer por nós o que só a nós compete fazer, nem por isso deixa de haver ocasiões em que nada realizamos sem o concurso da oração."

Finalmente Kardec (A Prece): Repelida só o é a prece do orgulhoso que, confiante na sua força e no seu merecimento, crê poder substituir-se à vontade do Eterno." Enquanto Neio Lucius em "Jesus no Lar": "O Pai ouve sempre as nossas rogativas, mas é preciso discernimento para compreender as respostas e aproveitá-las."

Vimos, faz muitos anos, um tópico humorístico em que a mãe surpreendia o filho ajoelhado diante de uma imagem devocional implorando: "Fazei que Maceió seja a capital da Bahia"; e inquirido, explicou: "Foi isso que eu coloquei na 130 minha prova de Geografia..." Não obstante o ar de humor também serve para compreender porque muitas vezes as preces não são atendidas.

## Pretenso poder mágico

A intenção é fundamental no caso das invocações. O poder é do pensamento e da vontade forte e seguramente dirigida. Já o dissemos.

Uma questão encontrada em "O L. dos Espíritos" tem dado preocupação a muita gente. Até mesmo certo opositor, procurando o que seriam erros da Codificação, tomando da tal questão 551, deitou e rolou, como se costuma dizer. A primeira vista, de fato, exatamente quando tomada isoladamente, a resposta confundiria o leitor desprevenido. E sempre necessário saber ler, no âmagô, o que está dito, como em certas sentenças do Cristo: odiar pai e mãe... não vim trazer a paz mas a espada...

Trata-se do seguinte: "- Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito, que lhe for obediente, pode fazer mal a seu próximo?" Resposta: Não, Deus não o permitiria." Ora, todos sabemos das obsessões espiritas, das invocações

barônticas, da atuação tanto dos bons como dos maus Espíritos em nossas vidas...

O que entendemos é que a resposta não fecha a questão generalizadamente, o que constituiria o suposto paradoxo. Está, pelo contrário, dentro de um contexto onde se encontram e se relacionam outras perguntas e respectivas respostas e onde, por conseguinte, faz sentido. Estudam-se ali Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza, Pactos, Poder oculto, Talismãs, Feiticeiros. E veja-se que Kardec esclarece logo antes que "a dependência em que o homem se encontra, algumas vezes, dos Espíritos inferiores, provém de sua entrega aos maus pensamentos que eles lhe sugerem, e não de qualquer espécie de estimulações feitas entre eles. O pacto, no sentido atribuído a essa palavra comumente, é uma alegoria que figura uma natureza má sintonizando com Espíritos malfazejos." E mais clara ainda a questão **552**: "- Que pensar na crença do poder de enfeitiçar que certas pessoas teriam?" Resposta: "- Algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso, poderão ser secundados por maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse pretensão poder mágico que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os fatos que citam são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos." Quer isto dizer, entende-se, que não será por via de mágicas, fórmulas e práticas materiais, sortilégios, ritualismos, feitiçarias, que alguém consegue prejudicar outrem com o auxílio de um mau Espírito. Os fatos que citam são fatos naturais mal observados, está dito. Mas vamos adiante (questão **557**, que é longa e assim termina: ... mais frequentemente se maldizem os maus e bendizem os bons. Â bênção e a maldição não podem jamais desviar a Providência da senda da Justiça: Esta não fere o amaldiçoado se ele não for mau, e sua proteção não cobre aquele que não a mereça." E aqui a chave: Deus não consentiria que se ferisse a lei de sua Justiça ao bel-prazer do homem em qualquer circunstância.

Se lermos em "A Gênese", Cap XIV, a longa e bela explicação de Kardec sobre os fluidos derivados do Fluido Cósmico Universal, encontraremos ali reflexões valiosas para o nosso entendimento, como estas: "... São as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos." E numa comparação bem simples: "As moscas aparecem onde há focos de deteriorização, que as atraem. Destruam-se estes focos e as moscas desaparecerão. Do mesmo modo, os maus Espíritos vão onde o mal os atrai. Destrua-se esse mal e eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm a temer da influência dos maus Espíritos." E aí acrescentaríamos então: Deus não o permitiria.

Lá ainda: "Desde que os fluidos são o veículo do pensamento, que o pensamento pode modificar-lhes as propriedades, é evidente que devem estar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os põem em vibração, modificadas pela pureza ou pela impureza dos sentimentos."

Dessa forma fica esclarecido que não existe o poder mágico desses ou daqueles



objetos ou ações sobre terceiros.

Num interessante conto de Neio Lúcio em "Jesus no Lar" há referências ao talismã divino, sobremaneira maravilhoso de posse do qual poderia Jesus operar cousas verdadeiramente assombrosas. E diante do espanto de todos os circunstâncias esclareceria Jesus: "- Esse bendito talismã é propriedade comum a todos. É a hora que estamos atravessando... Cada minuto de nossa alma permanece revestido de prodigioso poder oculto, quando sabemos usá-lo no Infinito Bem, porque toda a grandeza e toda decadência, toda vitória e toda ruína são iniciadas com a colaboração do dia. O tempo é o divino talismã que devemos aproveitar."

Enfim, não atribuímos, por princípio, capacidade de malefícios a objetos em si mesmos, carregados por um pretense poder mágico que retivessem, em detrimento da justiça, menos ainda com a colaboração dos Espíritos. Essa estaria, isto sim, na força do pensamento emissor, só influenciando função da sintonia estabelecida. Não estame entretanto, nos esquecendo de uma outra circunstância na verdade diferente, é oportuno considerar, a de que objetos de uso possam impregnar-se de vibrações energéticas das pessoas que de hábito os manipulem, virtualmente capazes de os identificar por parte de certos percipientes no fenômeno conhecido por psicometria. Um esclarecimento que nos parece oportuno.

## Do miraculoso à Farabiologia

É bom reafirmar que a Doutrina Espírita não aceita o conceito de sobrenatural, até porque coloca dentro da órbita dos fatos naturais todos aqueles que são considerados inabituais, porventura miraculosos: Mais longe ainda está o Espiritismo das crenças supersticiosas a partir de quando não institui a adoração de imagens ou de relíquias sagradas nem admite o exorcismo. Consta este, como se sabe, de um conjunto de imprecações e preceitos ritualísticos adotados desde o paganismo e hoje em dia por seitas fetichistas, também incorporados a seitas cristãs com o propósito de expulsão de Espíritos trevosos de pessoas ou de locais mal-assombrados. Atos dessa ordem, na prática, nenhuma força exerceriam sobre o objetivo em vista, a menos que atuassem sobre o ânimo de Espíritos fracos e assustadiços. E os chamados "demônios" não estão nesse caso... Em "O L. dos Médiuns", Cap XXV, se diz que "o nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos na boca de quem pode usá-lo com autoridade das suas próprias virtudes. Dá-se o mesmo com os objetos sagrados que lhes opõem." Pode alguém, pela força da prece, afastar maus Espíritos? - Sim, reconheçamos. O Cristo recomendara que assim o fizessem os seus seguidores. Os discípulos reclamaram com ele por causa de suas grandes dificuldades e o Mestre os argüiu chamando-os homens de fé vacilante (Mateus XVII **14-19**). E Kardec diz: "- A fé vacilante produz incerteza, hesitação, de que se aproveitam os adversários que devemos combater; ela nem sequer procura os meios de vencer, porque não crê na

possibilidade de vitória." (Evang. seg. o Espiritismo) O estudo da prece como meio de invocação dos bons Espíritos e obtenção de ajuda, de forças para o afastamento dos maus pensamentos que nos induzem ao mal, faz lembrar outros recursos comumente tentados fora da orientação espírita na intenção de obter proteção espiritual, "fechar o corpo", como dizem. É o caso dos amuletos, figas, bentinhos etc. Uma espécie de transferência. Que pensa a Doutrina Espírita a respeito? Que esse pretendo poder miraculoso só existe na imaginação das pessoas supersticiosas: "- Não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles são atraídos pelo pensamento e não pelas cousas materiais."

Se é verdade que o amuleto, como protetor, representa, como crença mística, pelo menos função catalítica, ação de presença no sentido de estimular a fé e dar confiança, ou de reunir poderes de imantação magnética, isso mostraria exatamente o quebrantamento da vontade, a insegurança pela qual alguém busca valer-se de tais expedientes, ou seja, como diz "O L. dos Espíritos", questão 554, "a fraqueza dos ideais". Poderiam objetar que, de nossa parte, também temos práticas ostensivas com os gestos estudados: é a imposição das mãos, o passe. É preciso então explicar que se trata aqui de uma outra estória, a doação de energias vitais, especialmente procedida sob a vibração intensiva da prece. E que essa prática não é privilégio do Espiritismo, que de há muito' o estuda e aplica, sendo hoje em dia objeto de experiências por parte de pesquisadores descompromissados conosco, catalogadas por eles entre valiosos recursos das terapias alternativas. Muito poderíamos aditar sobre ela. Aqui estaremos entrando, porém, em outro terreno, entrando pela Metabiose, ou seja, no campo de estudos da Parabiologia.

Antes que nos perguntem, o termo metabiose, de meta mais biosis, refere-se à produção de efeitos orgânicos ou biológicos em organismos vivos por meios que vão além dos tradicionais. A Ciência cria sempre os seus termos procurando dizer bem daquilo que hoje sabemos; no caso, trata-se da interferência paranormal na estrutura dos corpos orgânicos. Corresponde então, podemos assim considerar, à área dita alternativa em seus efeitos terapêuticos. Parabiologia é a outra face da Parapsicologia, o estudo dos processos paranormais desenvolvidos nos organismos vivos.

Estamos nos referindo a comprovações experimentais dos efeitos do pensamento e da vontade dirigidos no sentido das alterações órgano-fisio- lógicas, quer dizer, no sentido da melhoria da saúde, do bem-estar e mesmo da cura dos males. E são comprovações feitas em pesquisas científicas. Ora, está ocorrendo ultimamente uma generalização, em diferentes escolas religiosas, do que chamaremos uma abertura para o lado das manifestações que envolvem a fé e os respectivos benefícios; para o lado da saúde. A rigor, nada de muito novo, é verdade, sabemos disso. Mas porque se instituem práticas e estas deslumbram

auditórios, já aí é preciso que tenham muito cuidado para que a experiência, nova para muitos, não decaia em seriedade rumo ao puro misticismo, quem sabe ao absurdo. Que realizem o bem, sim, e não iludam a si mesmos e a terceiros.

Poderia parecer uma observação sectária se disséssemos da conveniência de se estudarem os assuntos pertinentes na literatura especializada que o Espiritismo oferece, pelo que já acumulou de experiências. E nem precisariam dizer que tivessem feito isso, bastaria a colheita dos resultados, o que é bom para todos. A preocupação com o aumento ou decréscimo do número de adeptos, através da nova forma de chamamento, passa necessariamente pelo êxito do método de aliciamento. Naturalmente, para quantos se preocupam também com esse aspecto do problema.

A idéia do miraculoso arregimenta. Mas o entendimento fortalece.

## Condições em que a prece é feita

Num esforço de síntese, vejamos as condições em que é feita geralmente uma prece (a) quanto às palavras enunciadas, (b) quanto à oportunidade, (c) quanto ao local, (d) quanto ao estado de espírito de quem ora.

Quanto às palavras, lembremos a advertência de Cristo, recomendando: "- Quando orardes, não faleis muito, como os gentios, pois pensam que pelo muito falar serão ouvidos." Teremos preces: sem que se pronunciem palavras (mentalização); em voz natural, ou sussurradas, por outro lado ditas em voz alta, para serem acompanhadas pela mentalização de outros; preces simples, claras ou pelo contrário rebuscadas; preces curtas ou longas (diferença entre orar bem e orar muito); ininteligíveis, por vezes feitas em idioma estrangeiro; decoradas, lidas simplesmente, repetitivas, mecânicas e até cantadas; finalmente os discursos paralelos.

Em "Conduta Espírita" André Luiz recomenda "controlar a modulação da voz nas preces públicas para fugir à teatralidade e à convenção. Há diferença fundamental entre orar e declamar."

Quanto à oportunidade podem ser espontâneas ou sugeridas por outrem, em qualquer hipótese válidas; habituais, em momentos estabelecidos, nem por isso menos preciosas; íntimas, muitas vezes silenciosas, em pequeno grupo afim ou então públicas; em momentos que surjam como de maior gravidade. Mas existem ainda aquelas encomendadas, geralmente cumprindo rituais convencionais e até mesmo muitas das vezes pagas, não discutimos aqui as razões que o justifiquem. E muito menos desmerecemos os sentimentos dos que assim procedem. Citamos apenas, para nosso próprio governo, como espíritas que somos, o que está em "O Evangelho segundo o Espiritismo": "- Deus não vende seus benefícios, mas

concede-os. A razão, o bom senso, a lógica, nos dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preços para a sua Justiça." Assim o entendemos, mas da parte dos que promovem os atos vale sempre a intenção e é imperioso respeitar-lhes os sentimentos.

Quanto ao local, uma prece é feita (a) nos lares, nesse caso na intimidade; (b) em lugares públicos (nos templos em geral, nas praças, na casa espírita, que é o nosso caso); e finalmente (c) onde quer que estejamos, pois que em toda parte se ergue o Templo da Natureza. A prece, portanto, pode ser feita em qualquer parte, insistimos, no aposento ou na multidão, na rua, nas igrejas, não importa, onde.

Segundo Mateus (6: 5 a 8) Jesus recomendou: Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que fingem orar, conservando-se em pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Quando quiserdes orar entrai em vosso quarto e, fechando a porta, orai a vosso Pai em segredo; e vosso Pai, que vê tudo que se passa em segredo, vos dará recompensa." Muita gente há de pensar, ao pé da letra, que houvera de buscar a interiorização física, o quarto da própria casa. Nada mal que o faça, é verdade. Pensamos todavia que uma pessoa possa isolar-se mentalmente e se achar sozinho mesmo estando cercado por uma multidão. Nesse caso, o quarto fechado poderá significar a intimidade de cada um. A posição de quem ora a nosso ver **1** pouco importa. Há quem ore ajoelhado, num transbordamento de humildade respeitável; de mãos postas; ou de pé. Outros se curvam até o chão. E assim por diante. Vale o sentimento íntimo. E é porque se faz importante o sentimento íntimo que lemos, em Marcos (XI-**25** é **26**): "- Quando vos puserdes em oração, se tendes alguma coisa contra vosso irmão, perdoai-lha, para que também vosso Pai vos perdoe os vossos pecados. Porque, se vós não perdoardes, também vosso Pai não vos há de perdoar vossos pecados."

Quanto ao estado de espírito de quem ora, fruto desse sentimento, lembraremos: (a) a prece do Justo, a prece sincera e ingênua; (b) a prece ungida de fé do convertido; (c) a prece do pecador, podemos dizer, do comum dos homens; (d) a prece do fariseu em contraste com a do publicano. A prece do Justo lembra-nos em primeiro lugar a do próprio Mestre, quando orava ao Pai. Mais um exemplo: conta-se que Bezerra de Menezes doutrinava um Espírito endurecido que obsidiava uma jovem em Niterói. Viera do Rio, especialmente procurado, e expunha ao vingador toda a temática espírita inutilmente. Em dado momento, parou de argumentar e orou. Orava e chorava aquela alma de arminho. Eis que o obsessivo exclama mais ou menos isto: "- Toda a sua ciência, por mais lógica, não me demoveu. Mas quem resiste diante de alguém que ora desse jeito? E retirou-se.

Vale como expressão de uma prece o que se narra de Paulus, e centurião. Só que a súplica fora feita diretamente ao Cristo ainda entre os nossos. Chegou-se ao Mestre o centurião dizendo: Meu criado jaz em casa doente e sofre muito. Naquele tempo, comover-se uma autoridade romana por simples criado já o destacava dos demais. Respon- deu-lhe

Jesus: Eu irei e o curarei. Ele, porém, compreendendo a distância que ia dos poderes humanos que possuía à majestade do Amor divino ali representado, reconheceu: Eu não sou digno de que entres em minha casa. Coloquemo-nos por um instante em seu lugar para medir a grandeza dessas palavras. E prosseguiu, com absoluta convicção: manda-o só com a tua palavra e o meu criado será salvo. E demonstrando que compreendia perfeitamente bem o alcance do poder espiritual, explicou: Tenho soldados às minhas ordens e digo a um: Vá lá, e ele vai; e a meu servo: Faze isto, e ele faz." Eis então que o Mestre exclama, Ele próprio admirado: "Ainda não achei tamanha fé em Israel. Vai e seja feito segundo tu creste."

É ainda dos Evangelhos o exemplo do fariseu: "Eu não sou igual a esses outros...; e batia no peito cheio de orgulho. E o do publicano que, conservando-se afastado, não ousava sequer erguer os olhos aos Céus: "Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador." Este, diz o texto, voltou justificado porque aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.

## A prece em seu desdobramento

A prece longe está de ser um ato mecânico. É antes de mais nada uma operação mental, não uma engrenagem mágica. Opera-se por um desdobramento próprio que se pode estudar em sua ação e em seus efeitos. Por isso estamos evitando falar em mecanismos de ação, para que não haja dubiedade de entendimento.

Quando realmente nos dispomos a orar, reduzimos as impressões do meio exterior e procuramos criar um certo estado de tensão específico. Dilatando o campo mental, amplia-se muitas vezes a percepção, havendo até mesmo aquilo que se chama hiperpercepção (Percepção Sensorial Extraordinária). Alheamo-nos um tanto do ambiente, projetamos o pensamento mais além, estabelecemos contato com o plano espiritual invocado. Exteriorizam-se energias vitais. Como força que é e que se desenvolve, a prece tem sua potencialidade, que decorre de: (a) impulsão da vontade; (b) emanção do fluido ódico ou seja, a força do pensamento exteriorizado; (c) irradiação de energias fluido-magnéticas algo fisiológicas, também chamadas de fluido ódico.

Começemos por esse impulso ou impulsão da vontade. Carrel nos diz que o mais leve impulso para a prece é reconhecido por Deus. Reconheçamos que o sentimento atua de perto sobre a vontade dando-lhe entono afetivo que a intensifica, possibilitando ligação mental sobremodo valiosa. Há ligação de nossa mente, quando oramos, com as fontes de todo o bem, de onde promanam todos os impulsos primaciais do Amor Universal. Esse poder fluídico-magnético desevolvido pela prece, pelo ato de orar, q complementado pelos Espíritos qual como se transformam as energias de uma fonte modesta em energias de novo e maior

potencial. Aqui incluímos em nosso conceito o trabalho de irradiação energética para os enfermos e bem assim a doação através da imposição das mãos comumente chamada de passe magnético. Com a transferência de fluido vital acionamos as forças da natureza a partir de nossa própria energia. É essa energia que se faz complementado pelos Espíritos bons, trabalhadores do bem, que agem como transformadores de frequência, estabelecendo alto circuito de forças. Observa-se essa liberação de energia da "aura" daqueles que oram em recolhimento profundo. Essa exteriorização possibilita maior con- 148 jugação de esforços intercessórios. Tão vigoroso que o Cristo asseverou: "Pedi e obtereis". E Alex Carrel afirma que a oração é força tão real como a gravidade terrestre. Laboriau em "A luz da Oração" comenta a importância do circuito de oração especialmente nos serviços de assistência medianímica, dizendo que os companheiros funcionam como eletroímãs, constituindo uma corrente alternada de alta frequência e então explica que há como que se fora um bombardeio nuclear de forças e idéias renovadoras do campo íntimo. E ainda nos adverte: "Sabeis que, para preservardes em círculo de oração equilibrado e seguro é imprescindível pagar os mais altos tributos de sacrifício, porque, na verdade, retendes convosco poderosa máquina de transmutação espiritual, restaurando almas enfermas e transviadas em núcleo de ação eficiente..."

## Energias em ação

Convidamos os leitores a estudar o assunto passando por Bozzano em "Pensamento e Vontade", por Michaelus em "Magnetismo Espiritual", por André Luiz em "Mecanismos da Mediunidade" e certamente por outros autores, buscando esclarecer a existência de uma energia mental que chamamos, com Baraduc, de tfbica, a do pensamento, capaz de agir manipulando, em perfeito sinergismo, uma outra forma de energia que chamamos eletromagnética, energia tfdica, se o quisermos, termo de Reichenbach, a bem dizer a sua própria matéria-prima, cuja somaçao denominamos forças mento-eletromagnéticas. São essas forças, denominadas no conjunto por Morceli de radioatividade biopsíquica humana, as responsáveis pelos fenômenos anímicos de Psicocinesia. Os russos e americanos desenvolveram grandes pesquisas a esse respeito, como se sabe. Ora, vejamos só, em "O Evangelho segundo o Espiritismo" se diz que o poder da fé participa das ações diretas e especiais do Magnetismo, em cujo fluido o homem age, dando-lhe impulso irresistível pela ação da vontade. A transferência de pessoa a pessoa dos fluidos ou das energias mento-eletromagnéticas potencializadas por sua vez pelos Espíritos que mobilizam o que Kardec chamou o Laboratório do Mundo Invisível, e que estão na própria Natureza, constituem os extraordinários recursos da Terapia Alternativa realizada através da prece, do passe (imposição das mãos), da irradiação à distância, da água "fluidificada\*.

Em um papiro da época de Ramsés encontrou-se esta significativa recomendação, que mostra a ancianidade dos recursos ditos alternativos: "Pousa a tua mão sobre o doente e acalma a dor, afirmando que ela desaparecerá."

A vontade é atributo do Espírito, do ser pensante que somos nós, fazendo-se sentir sobre a matéria e sobre o ânimo das pessoas. Sem embargo de que uma ação sugestiva seja capaz de influir, modificando o estado físico e psíquico, modificando mesmo a resposta a agentes terapêuticos, jamais concluiríamos que tudo não passasse de sugestão, por benéfica que fosse em si mesma. Basta citar experiências recentemente apresentadas em congresso nas quais a doutora Elizabeth Ranscher conseguiu por esse processo alterar o ritmo do crescimento e a motilidade de colônias de bactérias. Difícil seria impor-lhes alguma dose de sugestão. E essas experiências prosseguem. É bom lembrarmos ainda o fato de que absorvemos essas energias, venham dos Espíritos, venham de um encarnado como nós, por via do perispírito, que é um campo de forças de constituição e de atração magnética.

Consideremos agora que "O L. dos Espíritos", nas questões **484** e seguintes nos fala dos Espíritos que se afeiçoam a certas pessoas, dos parentes desencarnados, sensíveis às nossas afeições, dos protetores, numa ação nada ostensiva, advertindo-nos intuitivamente. Atraímos virtualmente Espíritos simpáticos à nossa maneira de ser, boa ou má. Dão-nos eles pressentimentos e sugestões, geralmente ocultos, aconselham-nos, mas não agem senão dentro das leis da Natureza. Há os levianos, brincalhões, há os maldosos, mas a sua influência é limitada pela nossa sintonia, vale dizer, pelos nossos pensamentos. Há de ser por isso que o Cristo não apenas nos recomendou que orássemos mas também vigiássemos para não cairmos em tentação. Em um momento, pelo menos, Jesus nos fala em jejum, recordando tradições mosaicas: "- Esta casta de demônios (logo, quer dizer, maus Espíritos) não se expulsa senão pela oração e pelo jejum" (Mateus **17:14**). Entendemos que o jejum a que se refere o Mestre tem basicamente o sentido de abstinência dos pensamentos invigilantes que possam assenhorear-se de nosso campo mental.

Poderão argumentar - e não será fora de sentido - que o indivíduo entregue à gula, à satisfação irrefreável do apetite, presa dos caprichos do estômago, não terá condições ideais para a doação de fluidos, de energias, como de resto não tem mesmo condições para um bom trabalho mediúnico se for o caso. Tomemos então, sempre que possível, os dois sentidos, o do pensamento, reclamo absoluto; e certa disciplina em termos de alimentação, se nos propomos, para logo, um trabalho de maior responsabilidade na casa espírita.

Voltando, de passagem, à assistência dos Espíritos bons, é de lembrar que o Espiritismo incorpora a doutrina dos chamados anjos de guarda, assim entendido o Espírito protetor, de ordem elevada. E é bom não confundir essa missão com as funções daquele muitas vezes chamado de "guia", ou seja o que se encarrega de

assistir o médium no exercício desse trabalho. Até porque comumente usa-se e se abusa dessa expressão...

Ouçamos uma vez mais Emmanuel em "Pensamento e Vida" quando nos diz que "a prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas Superiores, tocam as inteligências visíveis e invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do Plano Divino, porquanto o Pai Todo-Bondoso se manifesta igualmente pelos filhos que se fazem bons."

Preciosa ainda a afirmação de Kardec em "O L. dos Espíritos", tratando do móvel das ações humanas: "Não existem arrastamentos irresistíveis; o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que o solicita para o mal no seu foro Intimo, como os pode fechar à voz material de alguém que lhe fale; ele assim pode pela sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando para esse fim a assistência dos bons Espíritos."

## Ação direta dos Espíritos

Em "O L. dos Espíritos" - Parte II - Cap IX • Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal há uma série de considerações sobre como podem os Espíritos conhecer nossos pensamentos e influir sobre eles. Dai a necessidade de não deixarmos brechas para a germinação de idéias infelizes que nos afluem à mente. Fala-nos das afeições dos Espíritos pelos encarnados, dos anjos de guarda, dos Espíritos familiares e protetores. Habitualmente são discretos em suas influências e os bons Espíritos respeitam o nosso livre arbítrio. Por vezes a presença se faz evidente. Dentro dos propósitos de solidariedade entre os dois planos de vida isso é compreensível. Naturalmente, o leitor lerá por inteiro o respectivo capítulo. E estamos aqui nos referindo à atuação benfazeja, que é o objetivo em vista.

Conta-nos a Revista Espirita de fev/1859, tratando dos agêneres, o caso de uma pobre mulher que entra numa igreja e pede a Deus que a auxilie na sua aflição. Logo à saída encontra alguém que a chama e pergunta: "- Ficaria contente se arranjasse trabalho?" Responde ela: Ah, meu senhor, peço a Deus que me faça essa esmola. Estou muito necessitada." Prossegue o diálogo: "- Vá, então, à rua tal número tanto. Procure a senhora T..." Pois bem, a pobre senhora vai ao endereço indicado enquanto o tal senhor continua o seu caminho. Bate ela à porta e a senhora T... confirma: "- Tenho trabalho, mas não disse a ninguém isso. Não sei como pôde procurar-me." A essa altura a candidata vê um retrato na parede da sala, reconhece-o e esclarece resoluta: "- Foi aquele cavalheiro quem me mandou aqui." Em seu assombro, a senhora exclama: "Impossível, este é meu filho, morto faz três anos!" E na sua humildade a pobre



senhora confirma: "- Eu o encontrei ao sair da igreja, onde tinha ido pedir a Deus auxílio. Ele me abordou e me mandou aqui."

Acreditamos que muita gente tenha sabido de fatos, senão iguais, pelo menos um pouco parecidos com esse em seus efeitos, o "pedi e dar-se-vos- á". Não foi como figura de retórica que o Cristo afirmou: "A Fé remove montanhas". Naturalmente, as montanhas ou as dificuldades da caminhada.

Não é propósito nosso discutir aqui o processo de formação dos agêneres, mas o de considerar a importância do fato ocorrido pelo lado da Providência quando ela se patenteia a olhos vistos. Muitos consideram a prece como um transbordamento de queixas, um desabafo dirigido ao ignoto, uma forma de a criatura conseguir dentro de si mesma novo alento, renovação de esperanças, até aí nada mal. É fácil atribuir ao acaso, a uma simples coincidência alguma coisa de bom que nos aconteça quando estávamos orando com fé. Ou se dirá que o estado de ânimo de quem ora favorece o relaxamento e permite à pessoa boas lembranças, quiçá soluções que ele mesmo não encontrava. De alguma forma, a oração permitiria ampliar- se-nos o campo intuitivo, de onde quer que nos venha a intuição. Muitos até mesmo festejam a boa idéia que tiraram da cabeça, ou a boa sorte que lhes sorriu, quem sabe gratuitamente. E o curioso é que, no exemplo em causa, todas essas aventações ruem por terra. E nem se sabe de alguma alucinação visual e auditiva que dê endereço certo, conhecendo particularidades certas. Nem milagre, que nenhum santo desceu do trono ou dos altares para uma façanha dessas. Antes de mais nada o relato confirma o valor da prece, a sua eficácia, e ao mesmo tempo a intervenção dos Espíritos nos acontecimentos da vida terrena. Poderia ter ocorrido uma forma velada, o que é mais comum acontecer. Vamos dizer, alguma criatura encarnada mesmo, por sugestão de algum Espírito, ter feito a abordagem. Alguém que escutasse os rogos e se lembrasse de um modo de ajudar. Apenas não haveria o impacto. Teria ele sido necessário por alguma razão. Ou foi impossível evitá-lo pelo desejo do Espírito de ajudar. E de demonstrar à mãe a própria sobrevivência.

O pedido era justo, ainda que de âmbito das necessidades da vida material. Não pedia o supérfluo, pedia o pão de cada dia, como o Cristo nos ensinou a fazer.

Na verdade, a atuação de Deus se processa através de suas Leis soberanamente boas e justas, sem quebra ou derrogação das mesmas, por meio dos instrumentos de sua Vontade. E são eles os seres inteligentes, nos diversos níveis de evolução, agindo até mesmo sobre os elementos e fenômenos da Natureza. O exercício do Bem não é privilégio dos chamados "Santos", dos Espíritos evolidos, chamemo-los como quisermos. As boas ações têm início nos esforços que constituem os nossos primeiros tímidos passos no rumo da Perfeição. Nem é preciso que estejamos desencarnados pára que adquiramos a capacidade de ajudar, de transmitir boas idéias, de nos sensibilizar diante das necessidades do próximo. Façamos nossas rogativas sinceras, mas não fiquemos somente nelas,

transferindo aos bons Espíritos tarefas sistematicamente, adiando de nossa parte algo que nos caiba fazer de nós mesmos.

Desde os tempos do paganismo que os romanos oravam aos seus numes tutelares. Todos os povos, em todos os tempos, oravam aos seus mortos pedindo ajuda. Fatos ditos extraordinários enchem as páginas de livros considerados sagrados pelos respectivos adoradores. Em suma, todos dizem dessa solidariedade entre encarnados e desencarnados. O Espiritismo sistematiza o estudo do assunto e evidencia os fatos. Dá-nos o sentido de responsabilidade de nossos atos e aponta o caminho do aperfeiçoamento. Sem mistérios. Com simplicidade.

## Efeitos positivos da prece

Já vimos e até sentimos que a prece alivia, consola, encoraja, aperfeiçoa. É preciso falar também de seus efeitos de uma forma mais objetiva para os que só encaram o lado positivo com dados palpáveis. Que diríamos se alguém afirmasse que a prece tem funções **1.** profilática, **2.** imunológica, **3.** antissética, **4.** saneadora e **5.** terapêutica, além daquelas acima citadas? É o que afirma em "Desobsessão" (jan **1977**) o Dr Cícero Marcos Teixeira, estudioso do assunto. A imposição das mãos, uma forma de irradiação do pensamento em estado de intensa vibração psíquica, provou, em experiências recentes, divulgadas quando de um congresso havido em São Paulo sobre Terapias Alternativas, o poder bactericida do processo empregado. Mas o Dr Cícero diz mais, que, na função profilática, a prece neutraliza as influências deletérias de agentes patogênicos graças aos raios emitidos, influenciando na psicofera; ao mesmo tempo estimula a capacidade de defesa imunológica do organismo; os raios mentais, pelo poder psicocinético (mento-eletromagnético) exercem ação bactericida. Foi o que citamos logo acima, quanto à imposição das mãos, o passe, na linguagem mais comum. As barreiras vibratórias estabelecidas, por outro lado, impedem a ação das formas-pensamento antagônicas, daí prejudiciais. Finalmente, a ação terapêutica da prece ocorre pelas condições de maior receptividade aos fluidos restauradores da saúde física e mental. E não se trata aqui de simples hipótese. Sobre os efeitos da prece, da concentração, da força psicocinética, das formas-pensamento e sua objetividade não cessam as pesquisas. E não são pessoas de formação religiosa que as estão fazendo.

A propósito, lemos há já algum tempo, certo pesquisador norte-americano, o médico pediatra Dr. Collit, relacionou dois grupos de crianças internadas sob seus cuidados, com prognósticos sombrios e enviou os nomes dos que integravam um só desses grupos a casas de oração diversas, para que fossem incluídas nos pedidos habituais, isso lá nos EE UU. E as observou estatisticamente. Resultado surpreendente. Aquelas por quem se orou tiveram maior índice de sobrevivência que as outras para as quais propositadamente não solicitou orações. Aí também

encontramos razão forte para entender que a prece em conjunto, pela conjugação de esforços unidirecionais enriquece os valores mentais e fisiológicos mobilizados no ensejo. No caso em apreço, sem desconsiderar a pesquisa, tanto que a trouxemos à baila, começamos por entender que a assistência espiritual, por sua vez, não se faria à base de seleções aleatórias. Pode perfeitamente ter sido a pesquisa inspirada no sentido de que se facultassem elementos de vitalização àquelas que devessem receber essa ajuda, resistir por mais tempo, por soberanas e imperscrutáveis razões, quem o dirá? Receberam energias vitais através de doações, ao ensejo das preces. Mas tudo isso - e somos nós a pensar - sem prejuízo de ações benfazejas indiscriminadas da Providência a toda a comunidade, pois que ninguém é deserdado do Amor de Deus. Se alguém tem de passar por determinadas situações isso não traduz desamparo, o amparo se apresenta sob circunstâncias diferentes. As que não receberam reabastecimento de bases digamos, físicas, fisiológicas, não terão sido esquecidas por parte do Plano Superior. Nas dores, nas provações, a Espiritualidade Maior está conosco sustentando-nos e se não nos pode retirar o cálice amargo das provas, abrandará os sofrimentos, de certa maneira. E a extinção da vida física, ocorrendo naturalmente, ainda que em tenra idade, não é uma agressão à Lei.

O fato é que a doação de elementos terapêuticos de sustentação da vida orgânica, esta sim, ficou apurada.

Já de há muito recomendava Tiago (V: 16): "Orai uns pelos outros, a fim de que sareis, porque a prece da alma justa muito pode em seus efeitos."

Manoel Philomeno de Miranda, em "Loucura e Obsessão" (Divaldo P. Franco), Cap 14, pág 171, considera que "a oração, de forma alguma, evita o sofrimento ou anula as dividas. Não obstante, propicia os meios para que se possa suportar a conjuntura, tomando-a menos penosa, em face do robustecimento do ânimo e das resistências morais." Refere-se objetivamente às provas e às expiações que nos cumpre suportar.

Entendemos que nem precisaríamos dizer que os recursos da prece e de toda ajuda espiritual são perfeitamente compatíveis com a busca dos recursos humanos através da ciência, da técnica e da prática médica e psicoterápica. Completam-se, não se excluem.

Mensagem incluída no opúsculo "A Prece", edição FEB, médium Frederico Júnior, Espirito A. Kardec, sobre desobsessão afirma que se deve tentar a cura, nada obstante estarmos cômnicos de nossas deficiências, mas adverte: "Em todos os casos de obsessão há sempre um estado mórbido a combater, estado esse que é causa ou efeito. É uma necessidade o exame patológico do enfermo por isso que há sempre um estado mórbido a combater (...)."

# A prece em momentos supremos

Contam-se fatos ocorridos nos mais diferentes pontos do Globo, em diferentes épocas, testemunhando a intercessão de um poder mais alto mediante os recursos da oração. Certo que não se trata de milagres na acepção usual do termo, isto é, a derrogação das Leis Divinas, das Leis naturais. Não se desgastam as determinações estatuídas. Elas se cumprem, e a principal delas é a Lei do Amor. As ações beneméritas se fazem sentir sempre de forma que melhor atendam aos reclamos da ascensão espiritual, muitas vezes dando-nos força e resignação. Bem entendido. Nos casos em que o inesperado acontece é quando há o que contar. Também não diremos sobrenatural simplesmente porque está sempre na natureza mesma.

Um exemplo algumas vezes citado e que de nossa parte tiramos de Percy Waxman (RIE) é o do que se passou com uma fortaleza voadora pilotada pelo major Allen Lidberg quando, a caminho da Austrália, caiu no mar. Embora salva **164**do impacto, à superfície das águas, o que muito já significava, toda a tripulação se mostrava inquieta. Toda ela sim, menos um dos rapazes, o sargento Albert Hernandez, que se pôs a orar e dentro de algum tempo tranqüilizou os demais informando com segurança saber que Deus ouvira as preces e que o socorro não tardaria. Efetivamente apareceram pescadores. Tinham decidido regressar do trabalho quando um estranho impulso, não saberiam porque, os levou a mudar de direção em seus barcos e irem até ali...

Flammarion ("A Morte e seus mistérios") conta o relato de um jovem seminarista que tomou o trem não parador por engano e tendo imperiosa necessidade de descer na estação certa, resolveu orar. O trem parou onde ele precisava saltar, embora não estivesse isso previsto, e ele naturalmente desceu... Coincidência? Acaso? Acontece que o maquinista tinha também ele a sua história. Contou que viu três vultos femininos aparecerem no leito da via férrea e não lhe restou outra alternativa. Só estranhou não os ver mais...

Conta-se também que certos experimentadores realizavam desdobramento psíquico com um percipiente que, atingindo a fase estática, o êxtase falante, informou em dado momento aos experimentadores que não voltaria mais a animar o corpo. Redobraram-se os cuidados, tentada toda a sorte de magnetização e, quando os laços estavam prestes a se romperem resolveram eles - os cientistas, experimentadores - colocar de lado toda a melhor técnica sugestiva ou de magnetização. Resolveram orar. Diante do insólito, oraram com tal fervor que mobilizaram recursos e efeitos que não se fizeram esperar. Contrariada embora, a criatura volveu ao corpo. Estava salva a experiência. Com ela o bom nome dos que a realizavam.

Também os Espíritos trabalhadores do bem passam seus momentos de apreensão. Ranieri, em "Forças Libertadoras", narra o caso da desmaterialização acidental de uma perna do médium Fábio Machado, durante um trabalho de ectoplasmia (Cap 15), o segundo caso registrado na literatura psíquica - o primeiro é objeto de uma obra de Aksakof. Eis quando nossa querida irmã Scheilla, através de ardente súplica dirigida aos Planos Superiores, mobilizou enorme potencial de energias e conseguiu assim a recomposição da perna evanescida. Ranieri exclama: "- Que súplica, que prece!"

Aureliano Alves Netto narra para nós em belo trabalho mais de uma vez publicado, pela excelência da redação e do conteúdo, o que ele chama "a prece do ateu". É em resumo a estória de um farmacêutico ateu que errara ao preparar uma poção e, não encontrando outro meio de corrigir o erro, exclamou: "- Deus! Se realmente existes, perdoa meu ceticismo, mas faz que algo 166 aconteça, seja lá o que for, contanto que aquele veneno não seja usado." Instantes depois a compradora, uma menina, retoma chorosa e pede: "- Dei uma queda e quebrei o vidro de remédio da mamãezinha. Tenha pena de mim, prepare outra vez a receita."

Da revista brasileira "O Espirita" (jan/86) destacamos: "O poder da oração pode garantir o sucesso de uma cirurgia na atmosfera tensa de uma sala de operações." E continua: "Quem diz isso é o cirurgião Dr. Willim Reed, presidente da Fundação Médica Cristã. Quando uma enfermeira me passa um instrumento - explica ele - faço sempre uma prece. Peço a Deus que me guie, de acordo com os seus desejos. A oração cria o clima necessário para o trabalho." Outro cirurgião, o Dr. Roger Youmanas, ora durante trinta segundos quando diante de algum caso mais difícil, declarando: "- Acredito que a prece em favor de um doente pode ajudar. E que um cirurgião possa fazer melhor uma operação se tiver inspiração divina."

Talvez se pudessem reunir tantos outros exemplos que se recolheriam de nossas vidas. Uma pesquisa maior de fatos na literatura, quem sabe. Mas o importante é a conscientização que desejamos deixar na abordagem feita.

## A casa espírita

Falar sobre a prece conforme o Espiritismo sem abordar ainda que de passagem o trabalho da casa espírita, especialmente no que tange à assistência espiritual desejada ficaria incompleto. Menos talvez pelo interesse de conhecer a Doutrina no que ela representa em termos de entendimento das leis divinas, dos porquês da vida, até mesmo das consolações que oferece como fruto do estudo doutrinário, muita gente procura a casa espírita no interesse do alívio imediato de sofrimentos, ou de soluções para certos problemas. Ou anseia pela oportunidade de falar aos Espíritos e ouvir-lhes a palavra, um bom conselho, notícias de

familiares situados na nova vida extrafísica. Cabe à equipe orientadora agir então com prudência, oferecendo as oportunidades que se façam viáveis dentro das condições da casa, da própria equipe, dentro do que indica a experiência à luz dos ensinamentos doutrinários. Mas deve ficar esclarecido que o Espiritismo não promete milagres, coisas que aconteçam, digamos, num passe de mágica, como se poderia supor justamente por falta dos conhecimentos básicos. E esses conhecimentos devem ser a pedra fundamental de um programa de educação.

É também grande a expectativa do passe. O termo está consagrado pelo uso, embora não seja muito feliz por implicar outras acepções. Passe, em nosso conceito, é a perfusão de energias vitais essencialmente magnéticas e tem por objetivo melhorar as condições de saúde e do bem-estar do paciente. E nem é preciso que alguém seja um médium atuante no explícito sentido do termo para aplicar passes, bastando disposição e boa-vontade. Por outro lado, não há nenhum compromisso de todas as pessoas presentes à reunião tomarem passe, mas somente aquelas que sentirem essa necessidade. Nem inconveniente, propriamente. Mas o passe, embora importante, não é nenhuma panacéia nem deve confundir-se com ritualismos. Também não há, normalmente, nesse trabalho, necessidade de transe mediúnico nem da parte do passista nem do paciente; este, principalmente, deve evitar a chamada "incorporação". Receptividade sim, ao passe, através de breve prece mental, criando-se desse modo um estado de ânimo adequado aos bons resultados, mantidos quanto possível os pensamentos em prece para o clima de doação e recepção, favorecendo com isso a cota de participação dos Espíritos, ampliando-lhe os efeitos. A atenção, a tranquilidade, a vontade direcionada no sentido do ato sem descontinuidade do pensamento, sem a pretensão de que ocorram fenômenos que excitem a curiosidade. Educação da vontade. E evitar o aplicador de entrar em fadiga. Os gestos serão os mínimos indicados e muitos se guiam pela intuição. Nem há necessidade de o passista, na maior parte das vezes, tocar o paciente. A simplicidade e a humildade são requisitos de todo e qualquer posicionamento cristão.

A imposição das mãos sobre o paciente, que hoje em dia se chama passe, termo que nos parece ter sido implantado pelos magnetizadores e assimilado na prática espírita, é algo que vem da Antigüidade, no mínimo dos velhos tempos egípcios, e aparece até mesmo no Velho Testamento, já com Moisés. Diz-se que na Codificação não há referências ao passe. Vamos mostrar onde se encontra: Em "O L. dos Médiuns". Lá está, na questão **131**, Cap VIII: "A vontade é atributo do Espírito encarnado ou errante. Daí o poder dos magnetizadores, que sabemos estar na razão da força de vontade. O Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar e portanto modificar as propriedades das cousas dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de curar pelo contato e a imposição das mãos que algumas pessoas possuem num elevado grau. Relei-as: Imposição das mãos. Fala depois mais propriamente nos médiuns curadores, isto é, no dom de

curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação. No caso, explica, em certas circunstâncias, há intervenção de uma potência oculta, assim se caracterizando a mediunidade. Sobretudo quando essas pessoas recorrem à prece, que é uma verdadeira evocação (resumo do texto). Insiste na ação magnética e na influência dos Espíritos. No Cap IV do mesmo livro, embora tratando do assunto concernente a manifestações físicas, referindo-se porém já ai aos magnetizadores, há um esclarecimento que vem a propósito e que por extensão se ajusta ao raciocínio: Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção dos fenômenos e podem agir sem o auxílio dos Espíritos. Não são propriamente médiuns no sentido exato da palavra. Mas pode ser também que um Espírito os assista e aproveite as suas disposições naturais." Aqui se evidencia uma harmonia de visão dos fatos anímicos e mediúnicos num encadeamento expressivo.

O que se disse sobre os efeitos do passe magnético pode, de certo modo, dizer-se da "fluidificação" da água. Mantemos aqui a expressão consagrada pelo uso, como mantivemos a palavra "passe", certo de que nos entenderão. Não desconhecemos que a água já é, por sua natureza, um fluido. Também se fala em água mineral e outra não é a sua condição entre os reinos da Natureza.

## Cerimonial e oração

Cerimonial é o conjunto de regras ou formalidades que normalmente são seguidas tanto na vida social, diplomática ou religiosa. Neste último caso, os atos exteriores de fato institucionalizados pelas religiões, com os seus simbolismos, mais precisamente chamados litúrgicos. Na vida social há cerimônias civis, como de posse, de casamento, de formaturas, de inaugurações, comemorativas de eventos e assim por diante. O que não está convencionado no movimento espírita, compondo tradições ou guardando simbolismos, é a liturgia. Como toda sociedade civil, a casa espírita comporta atos como de composição da sociedade, posse de uma diretoria.

Diferentemente das chamadas religiões constituídas, a casa espírita, em sua feição religiosa, na prática habitual, não estabelece liturgias, não adota sacramentos, tais o do batismo, da confirmação, da comunhão ou da excomunhão, o cerimonial do casamento religioso, da extrema-unção, da encomendação do corpo e outras que tais. Não tem altares, não se adoram imagens, não se queimam defumadores, não se convencionam gestos sacramentais nem rosários. Não vivenciamos o Cristo como se permanecesse na cruz pelos séculos dos séculos. Respeitamos, contudo, o sentimento com que outros cristãos, em suas igrejas, entendem e cumprem seus atos devocionais.

Pois bem, com os zelos nascidos do propósito de não confundir as cousas, confrades há que se negam à oração em dadas circunstâncias. Negar-se-iam à oração, por exemplo, a benefício daquele companheiro que chega, para não ser

confundido com o ato do batismo. Ou por aquele que retome à vida extracorpórea, para que se não confunda com a encomendação do corpo. Ou em regozijo, agradecendo a Deus por algum acontecimento marcante em suas vidas. Enquanto isso, outros são aqueles que, pelo contrário, cumprem ritualismos da igreja dominante tão-só para satisfazer os costumes, imperativo social, fica feio não fazer assim. Ora, o sentimento, a intenção, devem estar presentes em todos aqueles que oram, e isso é básico. Quando em sua missa ou no batismo o proficiente católico, é de crer-se, depõe toda a sua fé. A partir de quando predomine a preocupação de ordem convencional não nos caberia julgar. Quando, porém, como espírita, convencido dos princípios doutrinários, atendamos aos cerimoniais estranhos ao próprio convencimento, fica a questão da sinceridade dos atos em aberto, e cada um que se julgue a si mesmo.

Até certo ponto, porém, aquele escrúpulo de que falamos mais acima nos parece especioso. É onde queremos chegar. Privarmo-nos da oportunidade da prece quando o sentimento íntimo nos está solicitando, não seria o melhor proceder. E é simples: evitar todo o aparato, todos os comemorativos que se revistam de formalidades. Orar, não pela beleza das palavras, mas pelo sentimento, pelo coração. E todos que nos ouvirem compreenderão que é a alma que fala a Deus, não uma formalidade que se cumpre. Importa muito a espontaneidade.

Não nos furtemos à prece, ato de fé a brotar de nossas almas, paradoxalmente em pretensão testemunho de nossa fé, de nosso modo de crer... Orar mesmo, orar sim, é sempre oportuno. Elevar nosso pensamento às fontes de todo o bem. Com simplicidade. Do fundo da alma. Sem preocupação de estarmos imitando o que outros fazem ou de como poderão interpretar-nos. Orar porque é bom orar. Louvar a Deus porque é grato fazê-lo. Pedir a Deus porque Ele é poder. Todos devemos orar, independentemente das diferenças de crença, até mesmo orarmos juntos, desde que juntos evoquemos as mesmas forças. Pode acontecer que sejamos levados à oração em conjunto com proficientes de outros credos religiosos. Respeitaremos os cerimoniais que eles cumpram tanto quanto eles respeitarem a simplicidade e espontaneidade com que nos comportamos, reservando-nos intimamente à oração em sintonia com os demais tendo em vista o objetivo da mesma, portanto comum. Todo pensamento sincero é válido. Com tranquilidade, de nossa parte nos alharemos mentalmente ao que nos parece a nós desnecessário, mas sem menoscabar o zelo de nossos companheiros. Não os decepcionaremos com o mais leve gesto de impaciência ou desatenção. Com a menor expressão de estranheza. Em verdade, não somos em nada melhores, em nada superiores àqueles que oram de forma diferente por nenhuma razão especial. Eles sentirão necessidade de cumprir determinadas regras que lhes ditaram preceptores e a que dão sentido de sacramento. E assim se condicionaram. Têm para cada gesto uma explicação sagrada. Na realidade, embora sem esse sentido sacramental ou ritualístico, temos nossos próprios modos de proceder os quais,



sendo apenas hábitos, poderiam ser tomados a tal conta. Aliás, na vida social ou privada todos temos hábitos, muitos deles salutares, de cortesia, de relacionamento, de comunicação, como o de levantar-nos diante de uma visita que chega, e isso não é liturgia, é educação, é sinal de respeito. Acontece apenas que, para nos comunicarmos com Deus e com os delegados de seu Amor, não nos eximimos do respeito mas vale a expressão viva do sentimento, a força do pensamento e da vontade. Enfim, o Espiritismo "reconhece como boas as preces de todos os cultos, uma vez que sejam formuladas de coração, isto é, com sentimento profundo, e não apenas pronunciadas com os lábios", como está dito em "O Evangelho segundo o Espiritismo".

## Haverá falsos Cristos e falsos Profetas"?

"- Sabe, estou com vontade de fundar um centro." Mal nos refazíamos do susto, por quem fora, ele mesmo completou: "Tenho um amigo que fracassou na profissão e agora está rico. Montou uma casinha afastada, arranjou uma criatura para dar "consultas" e agora são até pessoas da alta sociedade que vão lá..." Isso também acontece!

As célebres "consultas" - nada a ver com o atendimento fraterno da casa espírita -, aquelas ao pé do ouvido sobre negócios e noivados, adivinhações, leitura de mãos, jogos de pedras, cristais, baralhos, coisas dessa ordem não podem ser levadas a sério, nem que fossem de graça.

"Vidente e cartomante espírita desvenda o passado e o futuro por preço módico. Serviço garantido". Embrulhadas dessa ordem acontecem por aí a fora.

O princípio constitucional que estatui liberdade de culto, de manifestação do pensamento e de associação, fundamental numa democracia como a nossa, tem esse lance curioso: É que não podemos impedir que falsos "centros" se instalem e vivam da exploração da boa-fé de pessoas despreparadas, sugestionáveis. Nem que se use o designativo "espírita" indevidamente, sem nenhuma cerimônia, com o mais deslavado desplante. Até mesmo que utilizem dons mediúnicos porventura autênticos mas de forma torpe, num comércio infeliz. Que amedrontem as pessoas frágeis e subservientes com o risco de serem perseguidas pelos "guias" da casa se os deixarem. Que explorem a bolsa e a credence alheias. Que façam promessas falazes. Que mobilizem energias psíquicas de baixo teor vibratório. E até mesmo que a própria Imprensa misture tudo nos noticiários.

Não só os arraiais espíritas sofrem desse mal, dessa confusão, é bem verdade. Não estamos sozinhos. Fora de nossas fronteiras também há os que enriquecem até da noite para o dia explorando a índole dócil das massas, induzidas por vezes a uma posição de intolerância religiosa e à agressividade que as distancia do

"Amai-vos uns aos outros."

"- Haverá falsos Cristos e falsos profetas" - anunciara Jesus. Enquanto isso, verdadeiros trabalhadores do Bem de todas as igrejas, tanto quanto os verdadeiros espíritas - sem igreja nenhuma - lutam por ideais engrandecedores, pelo Amor de Deus e pelo Amor do próximo. E tudo fazem com supremo esforço e desprendimento. Nesse caso, a oração sincera não realiza milagres que abalem incrédulos, mas prodígios de confiança e de inspiração superior num abençoado intercâmbio entre as luzes de Mais Alto e o plano dos testemunhos.

Divulgam-se preciosas recomendações a serem atendidas na casa espírita com o sadio propósito de evitar dolorosas confusões. Assim, o de se evitarem tómbolas e outros recursos durante a reunião, prática que pode levar algumas pessoas a confundir o expediente com a cobrança de eventuais serviços. Que se evitem ataques a outras correntes de pensamento filosófico-religioso. Que se evitem manifestações político-partidárias. Que se afastem todos do profissionalismo religioso e do proselitismo. Já se disse que o Espiritismo não adota exorcismos, rituais, sacrifícios, despachos, paramentos, cerimoniais de caráter litúrgico, bentinhos, amuletos, apetrechos e objetos mágicos, danças, promessas, pontos, cruces, altares, andores, imagens de santos ou personagens de devoção, uso de alcoólicos, de fumo, de velas com intenções ritualísticas, de horóscopos, de cartomancia, de similares, de batizados e outros sacramentos, e assim por diante. As vezes se vêem imagens em nichos, com luzes e até flores e ornamentações, e isso realmente foge aos princípios espíritas. Mas pessoalmente entendemos que isso é bem diferente de termos simplesmente retratos, como lembranças caras, sem prática litúrgica, lembranças simplesmente. Há também quem condene homenagens de qualquer natureza na casa espírita. Ora, é um sentimento espontâneo, quer nos parecer, e desde que expresso com sinceridade e sem procedimentos inadequados, sem arroubos e exageros, consideramos até natural. Nesses termos, bem entendido.

Certas preocupações são justas e sadias as orientações. Na verdade o que é preciso é alcançarmos até onde nos deve levar o espírito da Doutrina para sermos simples e espontâneos em tudo que fazemos, sem os atavismos de práticas convencionais.

E é bom que esclareçamos mais uma vez, em termos de Espiritismo essas práticas não têm cabimento, mas não as condenamos em absoluto nos outros, sempre que animados das melhores disposições, na forma de suas crenças. Bem entendido. Por exemplo, temos o maior respeito por nossos irmãos umbandistas como por todos os espiritualistas não espíritas. Em termos de trabalho na Seara do Bem todos nos encontramos.

# A oração e o Templo

Não nos venhamos a desentender por uma questão de palavras, mas procuremos conversar sobre algumas delas; é sempre bom.

Abramos algum dicionário e vamos encontrar: "Templo - Igreja. Edifício público destinado ao culto religioso. Lugar de celebrações maçónicas. Lugar respeitável." Há, então, de comum, a extensão do sentido de certas palavras: todo lugar respeitável é um templo. A escola é o templo do saber. A Natureza é o vasto altar indelimitável do culto à Beleza, já disse alguém.

Seria a casa espírita um templo? Que acha o leitor? Ora, se formos atentar para a definição estrita do termo (local de culto) partindo da idéia de práticas e manifestações místicas, litúrgicas, simbólicas, convencionais, aí não haveria como aceitar esse designativo justamente porque o culto do espírita deve ser interior, recôndito, fruto de suas relações com a Divindade, não havendo prescrição de manifestações públicas porque não há fórmulas adrede estabelecidas para isso. Nem paramentos, nem sacramentos, nem oficiantes. Estaria porventura na prece, quando formulada em conjunto, especialmente na casa espírita, esse culto, já que se costumam tomar determinadas posições para tanto? Pensamos que não, porque o ato da prece não se vincula a tradições convencionais, não comportando gestos sacramentais que expressem celebração ritualística. Certas posições espontâneas, quando tomadas, ainda que costumeiras, entendemos devam ser aquelas que facilitem a concentração, a par do natural respeito que civilizadamente se tem ao se adentrar pelos recintos públicos ou particulares. Comportamento e ritualismos são termos de sentido diferente.

A palavra "igreja" adquiriu através dos anos sentido específico. Significava assembléia. Hoje não se convoca uma igreja (assembléia) mas reúnem-se nela (casa, templo) seus adeptos. Não se deve falar nem se usa mesmo a expressão igreja espírita ainda que existam "igrejas" ditas espiritualistas nos EUA. A questão é que o qualificativo de templo puro e simples e ainda mais o de templo religioso traz no comum das vezes associação de idéias, confundindo um pouco, dando a impressão de que a criatura vai encontrar na casa espírita liturgias e sacramentos, batizados, casamentos, bênçãos etc. Não é bem o termo que esteja errado porque ele se presta ao local como uma luva: lugar de respeito. É a associação de idéias que precisa ser revista, reconsiderada. Se falarmos, como às vezes se ouve, em templo de oração - e a oração, objetivo de nosso humilde trabalho, é fundamental, é constante na casa espírita, podemos estar também, sem o desejar, limitando para algumas pessoas as finalidades da instituição, caindo novamente no lugar comum de muitas religiões, e elas são respeitáveis - todas aquelas que nos levam ao sentimento de Deus e de elevação moral - mas quem sabe evocando o miraculoso, sendo como é essa a tendência das massas populares, com isso o crescimento rápido de muitas seitas místicas, exatamente exploradas nesse

ponto, o que não desejaríamos acontecesse em termos de Espiritismo. Não se vai ou não se deve ir à casa espírita em atitude devocional para orar como se fora à missa. O sentido do ato é outro, ainda que aquele nos mereça pessoalmente todo o respeito, valendo sobremodo o sentimento de quem o faz.

Publicaram a planta baixa sumária de um centro espírita e a de uma igreja pretendendo mostrar que a primeira é cópia da segunda. Na frente do auditório o altar ou a mesa dos trabalhos. Ora, não são assim as salas de aula ou todo local público onde pessoas se dirigem a numerosos ouvintes, não são assim outros auditórios? Se um arquiteto puder dar outras disposições à sala das reuniões públicas isso será bem recebido, cremos, a questão não está aí. É que realmente muitos transferem para o meio espírita condicionamentos que trouxeram de fora. Precisam ser esclarecidos. Mas em nenhum momento o Espiritismo aboliu a prece ou desmereceu o aspecto religioso de sua mensagem. O vínculo de "O Evangelho segundo o Espiritismo" com a primeira das obras da Codificação ali está no capítulo que estuda as Leis Morais e sobretudo que se inicia com a da Adoração. Orar é bem uma conduta espírita. Mas temos de entender que a casa espírita não se propõe apenas a isso. Não podemos simplificar as cousas para que não percam a importância que têm. A oração é importante e podemos fazê-la onde estivermos. Os objetivos da instituição espírita são mais completos. Instruir e Servir, diríamos. "- Amai-vos, eis o primeiro ensino; instruí-vos, eis o segundo." O Espiritismo não é simplesmente fenômeno - no caso, lógico, o trabalho mediúnico, tão importante que é; não é ato contemplativo, beatitude, êxtase, manifestação de culto, em absoluto; nem mesmo se limita à prática do Bem e à dispensação de sublimes consolações ao coração aflito, o que por si só o justificaria plenamente, quem dera estejamos sempre dispostos e à altura dessa tarefa. É mais ainda. É conscientização das verdades que se encontram explicitadas nas mensagens que nos traz e que a Ciência vem aos poucos redescobrendo, mau grado seu. É a revelação que prepara a criatura para o entendimento das Leis do Universo e da sua própria destinação e que inclui o princípio da responsabilidade na construção do futuro.

Lembrar, finalmente, que o Cristo, em sua sabedoria, usou a expressão templo em sentido específico como templo do Espírito ao prometer reconstruí-lo em três dias...

Dando a necessária atenção ao sentido das palavras, podemos considerar válida a expressão templo para a casa espírita, como vimos de considerar, como para o templo do lar. Sem vincular o termo ao sentido místico que se lhe agrega de hábito. Usa-se como ênfase em oratórias dando-lhe certa conotação poética. O respeito que se deve ter aos momentos de oração é aquele mesmo que se tem na convivência das pessoas que nos honram com a obsequiosidade de sua presença. Se evocamos a presença dos bons Espíritos, comportamo-nos como se, pessoas físicas, nos viessem visitar. Mas isso não reclama um êxtase beatífico. Esse clima seria

porventura, quando muito, um estado particular das pessoas, não necessário e não condicionado pelo que ensina a Doutrina em si mesma.

Se penetramos em hospital, em escola, em todo o lugar onde se trabalha para o Bem, e aqui se incluem templos religiosos, é assim que pensamos normalmente, no respeito que o local nos merece pela ambiência psíquica criada pelos trabalhadores encarnados e desencarnados. O Bem é sempre o Bem, onde quer que se realize.

Resumindo, as expressões aqui trazidas serão válidas em princípio, resguardados os sentidos que se adotem. Templo de oração, templo religioso? Não, como local do culto. É um templo (casa que merece respeito) de oração e de serviço. O que se ensina ali pretende unir a criatura ao Criador Supremo por via do entendimento, não através de unções beatíficas. Sabe-se que não basta orar no pressuposto de uma fé sem obras, de quem espera a graça da salvação sem esforços e sem méritos.

Logicamente os locais de reuniões e de palestras devem ser preservados para esses fins específicos, evitando-se ali tudo que não edifique, mantendo-se uma certa imantação que preserve as melhores vibrações ambientes. A elevação dos pensamentos deve ser uma constante, mesmo fora dos horários estabelecidos. Por uma questão de impregnação, de higiene das mentes dos encarnados e dos desencarnados, e há nisso uma explicação que tem cabimento e boa lógica, não necessariamente um cuidado nascido do comportamento místico, devocional. Higiene também de ordem material, porque a sujeira material concorre negativamente em termos de bem-estar e o desleixo nada constrói.

## Entre o medo e a religiosidade

Todas as religiões de um modo geral se devem a revelações, onde rigorosamente falando interfere o fato mediúnico. O Espiritismo é a Doutrina dos Espíritos e portanto coube-lhe estudar o assunto, porque eles no-lo trouxeram para o conhecimento e a sua sistematização. Exercita essa prática para tirar das mensagens uma compreensão mais grandiosa da vida em sua expressão de Eternidade. Mas não registrou patente, não é dono da prática mediúnica. E a tanto não se circunscreve. Entre os muitos fenômenos que investiga estão os anímicos e os espíritos ou mediúnicos, onde outros viram a intervenção diabólica, a bruxaria, e outros tantos a graça divina. A índole fenomênica é a mesma. Assim a imposição das mãos, prática arqui milenar, assim os dons da cura. Estamos vendo de repente uma febre de curar em diversos setores, e é bom que o façam, dando de graça energias potenciais, sem cobrança de ágio pelo bem repartido. Que- **188** rem naturalmente diminuir os sofrimentos. O curioso é que sempre se quis atribuir ao Espiritismo tudo que se refere ao mediunismo, das práticas mais abjetas e grosseiras até, quem sabe, às mais nobres, como se tudo isso se verificasse na casa espírita e como rotina. Há já algum tempo, certo cidadão fotografou bizarras

figuras no interior de uma loja do ramo e tudo de mais exótico que por lá encontrou, anunciando que tirara a fotografia numa instituição espírita. Tão patente, que foi de pronto desmascarado. Teria então se queixado: "- Quereriam que eu fotografasse uma sessão verdadeira?" Ora, seu objetivo era amedrontar as pessoas para que não procurassem o Espiritismo... Acontece ainda de superveniente que não existe lei proibindo as pessoas de constituírem sociedades dando-lhes o nome que represente ou não esses ou aqueles pensamentos e sistemas. Assim, muitas são chamadas espíritas sem que o sejam. E dessa forma é justo colhermos informações que não nos decepcionem. E a instituição verdadeiramente espírita deve preocupar-se não apenas em difundir a Doutrina mas em dar permanentemente, por seus representantes, o melhor testemunho da legitimidade de seus propósitos. Ademais, lembremos de passagem que há muita sociedade de fato despreocupada de se constituir de direito. Embora prestando relevantes serviços à boa causa.

O espírita é tido como um supersticioso. Nada mais falso. A menos que não tenha formado uma base segura de entendimento da mensagem da Codificação. Mas o espírita militante de consciência formada à luz da Doutrina é um religioso, isto sim. Sem beatice, naturalmente. Entendam a diferença de posição. Preocupam-no as conseqüências morais tiradas dos princípios que adota. Sem deixar de viver o mundo, de atender às contingências da vida social, sem viver fora da sociedade, preocupa-se em se melhorar. E atento aos aspectos científicos que envolvem o Espiritismo, não se acastela no academicismo anacrônico. Há diferença em crer e ter certeza. O espírita pode mediar entre uma e outra condição, quem sabe, mas o estudo e o seu aprofundamento levam-no naturalmente àquela condição de certeza. E é aí que muita gente pretende discutir a sua religiosidade. Entendemos que ela não fica por isso prejudicada. A índole religiosa só se fortalece. Mas há ainda uma diferença que pode ser feita. Entre o religioso porque espírita e o místico por excelência. Que exista muito misticismo por aí é bem verdade, mas a Doutrina não tem culpa disso. Trata-se, assim pensamos, de um condicionamento atávico que diz respeito à maneira de ser das pessoas por uma predisposição natural. Há muita gente que tem facilidade de crer em tudo que se lhe diga. E não foi esse o comportamento de Kardec ao codificar a Doutrina, abrindo na Seara Cristã lugar para a Fé racional.

Esses e outros questionamentos afastam algumas pessoas do campo de trabalho espírita. Um certo medo. Mais do que isso, um certo preconceito. Mas há também um medo que se embasa na suposição que se formou de que todo espírita sofre muito. Todos sofremos, qualquer que seja o princípio filosófico esposado. O sofrimento guarda relação direta com o estágio de inferioridade em que a humanidade se encontra. O Espiritismo encara o assunto de frente, explicando que as aflições têm causas atuais e anteriores. E não diz em lugar nenhum que o cidadão venha a ser espírita porque é melhor que os outros. Lá isso não diz. Fala,

sim, em termos de maior responsabilidade, pelo entendimento que a Doutrina proporciona. O que é diferente. O Espiritismo leva a uma convicção racional e então, diante do sofrimento que não possa evitar-se, traz, isto é verdade, uma resignação ativa pelas perspectivas de redenção pela reconciliação com a Lei, que é de Justiça mas também de Amor e Caridade. Quem muito sofre encontra nele lenitivo, conforto. Muitos o buscam pelo caminho da dor. E quem já o encontrara em sua vida por isso mesmo nele se fortalece. Não é uma sina que o Espiritismo traga a quem a tenha aceitado, a do sofrimento. Confusão que deve desfazer-se. Quando um médium de certa notoriedade passa por maus momentos há também quem pergunte por que razão os seus guias não o livraram deles. Acontece que ajudam sempre, mas as provocações da vida fazem parte do roteiro de todos e a mediunidade não é privilégio, é tarefa. Não santifica, beneficia.

Isso tudo tem muito a ver com a oração.

O sofrimento, quando bate à nossa porta ou chega ao vizinho, ao próximo, desperta naturalmente, porque não, o desejo de orar. De refletir. De meditar. Quantos nunca pensamos, antes, que certas e determinadas dores possam chegar de repente, de chofre, e acontecer quando menos se espera. Nesse caso, será bom que não reservemos apenas para essas horas incertas o compromisso com a oração, o compromisso para com Deus. Mas é exatamente nessas horas incertas que muitas pessoas se dispõem a orar. E ainda bem que o façam.

Aqui a oração não é a que sai dos lábios, decorada, ditada pelo automatismo. É a buscada ligação com as fontes superiores dispensadoras do bem. Não depende de acessórios, de amuletos, de contas, da posição assumida pelo corpo, mas da ascensão da alma nas asas do pensamento, fortalecida pela vontade, rumo aos planos superiores da vida universal. Facilitando pela humildade o intercâmbio que se estabelece, sem obrigatoriedade de manifestação ostensiva.

O medo dos assuntos espíritas é educação mal orientada.

Negar o aspecto religioso do Espiritismo é deixar de ser sensível a tudo isso. A Moral nos dita o compromisso na pauta dos atos de cada dia. Mas não fica aí o Espiritismo, ultrapassa essa fronteira, toca-nos o sentimento do dever e nos religa à Causa primária dos seres e da vida.

O difícil tem sido entenderem muitos dos nossos confrades que a Fé racional escoimada de todo misticismo e de todo convencionalismo também ela nos aproxima de Deus. Religião, sim, a Religião por excelência, não um credo, não uma seita, não um sistema, um organismo religioso. É onde nem todos conseguem chegar.

# Reflexões sobre a mediunidade

Muitas vezes nos esquecemos de orar pelos médiuns, de um modo geral, até mesmo por aqueles que se tomam notáveis, comentados, bem conhecidos como tais. Pelo contrário, gostaríamos de que eles, sim, orassem por nós no intuito de que conseguíssemos dessa forma intercessões valiosas de seus guias. Começamos por dizer que os médiuns não são seres à parte, não são pessoas privilegiadas, não estarão, por decorrência de sua faculdade, mais perto dos bons Espíritos do que as outras pessoas. Faculdade mediúnica não é sinônimo de elevação I nem de poderes, mas uma oportunidade e uma experiência que implicam em grande responsabilidade. Ora, recebemos sempre na medida de nossos esforços, embora valiosas sempre as orações de pessoas amigas, e as nossas próprias, prodigalizando-nos reconforto e ampliando-nos a resistência moral diante das provas e das vicissitudes da vida.

Muitos desejariam tomar-se médiuns, ou elastecer o campo de suas atividades mediúnicas, no afã de servir mais ou melhor, num testemunho de boa vontade, numa prestação de serviço específico em que as suas faculdades se demonstrassem férteis e úteis por excelência. Nisso, a boa intenção, nada reprovável. Estariam, todavia, eis a questão, preparados não apenas para SERVIR, o que é muito agradável, mas fundamentalmente para suportar os pesados encargos que defluem do missionato? Isso é que é preciso pensar a essa altura. Sobretudo manter-se, em qualquer circunstância, ao abrigo das suscetibilidades, tão comuns, e avessos aos destaques em que o meio espírita os coloca... Já percebemos, por outro lado nós mesmos, quanto lhes cobramos ao tomá-los erradamente como modelos de perfeição ou como criaturas privilegiadas, nada em compensação lhes tolerando, tudo exigindo deles? Pensemos: - Em razão de ser a Mediunidade um instrumento de aperfeiçoamento, o médium não é um ser diferente dos demais, por mais notórios os fatos que sejam por seu intermédio evidenciados. Se exemplos existem de criaturas que além de médiuns sejam modelos de comportamento, tanto melhor. Porque de fato existiram e existem medianeiros perfeitamente afinizados com os planos superiores - e não se está falando ainda em que sejam perfeitos; nem por isso estarão eles indenes do assédio de forças negativas e isso constitui para eles um permanente teste de vigilância. A respeito ainda nos fala Joanna de Ângelis .em "Alerta" o seguinte: "- Embora hoje sejam recordados com respeito muitos daqueles abnegados instrumentos das mensagens espirituais sofreram incompreensões e diatribes, acusações e imputações injustas." E mais sério ainda: "Outros tombaram em armadilhas cruéis, preparadas por terceiros ou engendradas pela própria incúria." Uma verdade.



Mediunidade, sabemos, não é uma faculdade peculiar aos espíritas, é universal. Uma obra póstuma de Clóvis Tavares, "Mediunidade dos Santos", muito interessante, é precioso acervo documentário, fruto de pesquisas bio-bibliográficas onde se descrevem inumeráveis fenômenos psíquicos ocorridos no seio da Igreja Católica através dos séculos. Inúmeras pessoas ali citadas, em que pese terem levado uma vida virtuosa, porque médiuns, tiveram dolorosos testemunhos; a tanto não se furtaram, como até mesmo do assédio dos inimigos do Bem, que eles qualificaram de demônios, no seu linguajar, que não muda as cousas. Seriam visitantes incômodos, nada obstante a proteção a que faziam jus. Naturalmente, beneficiaram-se pela exemplificação que aquelas almas iluminadas lhes proporcionaram.

Destarte, nada de mais recomendar que não nos esqueçamos de orar sistematicamente pelos médiuns, tanto quanto gostaríamos de que alguém orasse por nós. Pelos médiuns anônimos, pelos pouco e pelos muito conhecidos, por todos eles em geral. Para que se mantenham muito especialmente fiéis ao compromisso que terão virtualmente assumido. E se tivermos de lamentar o fracasso de algum companheiro que desertou

- porque alguns abandonam a tarefa - e são tantas as sugestões da vaidade e do personalismo, façamo-lo com humildade e piedade cristã. A Mediunidade com Jesus não será nunca um dom gracioso. Exigirá sempre decisão, permanente renovação de forças, vigilância e dedicação a nível de renúncia. Não foi por outra razão que Ele mesmo disse: "- Toma a tua cruz e segue-me."

Referindo-se ao exercício da mediunidade gratuita (dai de graça o que de graça recebestes - Mateus, 10:8) - e isso é assunto inquestionável no Espiritismo - "O Evangelho segundo o Espiritismo" acrescenta: "- A mediunidade" - refere-se à mediunidade como exercício cristão por excelência

- "é uma coisa santa, que deve ser exercida santamente, religiosamente."

## Moisés e a mensagem mediúnica

Argumenta-se por aí que Moisés proibira o uso dos dons mediúnicos; ou, pelo menos, que proibira a evocação dos Espíritos, o que já é um pouco diferente. Entendemos que o velho legislador, na verdade, proibira a seu povo, e sabiamente, abusos desse recurso ou faculdade natural, abusos esses que nós ainda hoje profligamos, baseados na Codificação: "Mediunidade é coisa santa, que deve ser exercida santamente" - afirma Kardec. Nunca é demais repetir.

Tanto assim que iremos ler, a seguir, afirmações e relatos ao encontro de nossas observações. Lá está em "Provérbios" 29:18: "- Não havendo profecia (mediunidade, intercâmbio) o povo se corrompe." Quer dizer, não nos chegando a

palavra do Alto como elemento de fé e de aconselhamento dos homens, estarão esquecidas as superiores recomendações no sentido do justo e do belo, enfim, da razão.

Advertido pelos discípulos de que alguém, que não eles, estaria curando em nome do Cristo, já aqui o nosso Mestre que não Moisés, imediatamente redarguiu no sentido de indicar que não haveria privilegiados para a obra do Bem. Pois, semelhantemente está em "Números" **11-27 e 29**: "Correu um moço e anunciou a Moisés: Eldad e Meldad profetizam (exercem a mediunidade, diríamos hoje) no arraial." E Josué, filho de Nun, servidor de Moisés desde a mocidade, exclamou: "- Senhor meu, proíbe-lho!" Moisés, porém, respondeu-lhe: "- Tens tu ciúmes de mim? Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse sobre ele o seu Espírito!" Mais explícito não poderia ter sido. Estes pontos os recolhemos de uma obra curiosa que tivemos em mãos, de empréstimo, e é de autoria do Professor Leoni Kasseff, editora "Atelier de Artes Edições", intitulada "O fim das Igrejas. Os últimos **45** anos". Escusado é dizer que não se trata de obra espírita, é bom que se lembrem. Mas uma fonte de informações de quem foi lá e viu. De quem pesquisou. E porque encontramos o manjar pronto, vamos a mais algumas fatias para saborear a presença evidente do fato espírita em testemunhos claros do mosaísmo puro.

Moisés apascentava o rebanho de Jetro, indo ao monte Oreb, quando lhe apareceu um anjo do Senhor (um mensageiro, é a tradução exata da palavra) em uma chama de fogo no meio de uma sarça que ardia e não se consumia (efeitos físicos luminosos). Êxodo, **3:2**. Sarça, moita, matagal.

E falava o Senhor (Espírito de elevada hierarquia, em nome do Senhor) e Moisés face a face como um homem fala com um seu amigo... (Aparição, provavelmente tangível). Êxodo 33:11.

"E aconteceu que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem e punha-se à porta da tenda; o Senhor falava a Moisés" (descrições correspondentes às formações ectoplasmáticas). Êxodo 33:9.

"E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele e dele, como uma fornalha, se elevava fumo e todo o monte tremia grandemente (...) e o somido da buzina ia crescendo em grande modo" (fenômeno da trombeta, claro). "Moisés falava e (o mensageiro de ) Deus lhe respondia em voz alta (voz direta?). Êxodo 19:17 e 18. O fenômeno é genuinamente de comunicação interplanos, logo, mediúnico. E para que não paire nenhuma dúvida disso, leiamos o que está em Samuel 10:7: "E o Espírito do Senhor (aquele que traz a palavra do Senhor) se apoderará de ti (ação magnética entre o comunicante e o medianeiro) e profetizarás (trará a mensagem ao conhecimento das pessoas) e te mudarás em outro homem (estará evidenciada a personalidade do comunicante, a personalidade intrusa, dizem às vezes). O talento expresso é do comunicante e não do médium, não é dele que vem a mensagem.

Vejamos agora com a maior atenção: "Então o Senhor desceu na nuvem e lhe falou; e tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciões; e aconteceu que, quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram (foram intérpretes da mensagem do Espírito), mas depois nunca mais..." Números **11:25**. Naturalmente que, sem a presença do mensageiro, não há mensagem. A descrição feita de alguma forma nos faz lembrar o episódio do Pentecostes, quando na versão oficial das Igrejas o Espírito Santo desceu sobre todos, isto é, inúmeros Espíritos benevolentes comunicaram-se em diferentes idiomas, ao alcance daquela assembléia cosmopolita, nesse caso, xenoglossia. As interpretações, ao saber dos interesses das correntes religiosas essas ou aquelas não mudam, em substância, a índole do fenômeno.

Há evidente caso de pneumatofonia aqui, por exemplo: "E quando Moisés entrava na tenda da congregação para falar com Ele, então, a voz que lhe falava do cume do propiciatório..." Números **7:89**.

Houve, pois, por todo esse tempo, fenômenos expressivos iguais aos descritos com médiuns notáveis das novas safras, como Douglas Home e tantos outros, numa evidência que se fazia necessária para uma função importante a ser cumprida. O médium tinha diferentes dons e grande potencial de realização de fenômenos. Assim é que se dizia que "a nuvem cobria a tenda da congregação e a glória do Senhor enchia o tabernáculo." Êxodo **40:34**. E mais: "Assim era de continuo, a nuvem o cobria de dia (condensação ectoplasmática) e à noite havia aparência de fogo" (materializações luminosas). Números **9:15** e **16**.

Ao citarmos aqui as presenças de um mensageiro (um anjo), de um Espírito de elevada categoria falando a Moisés em nome do Senhor, entendendo que não se pode atribuir forma humana ao Supremo Criador ("como um homem fala ao seu amigo") lembramo-nos também do que está em João **1:18**, ou seja, "Deus nunca foi visto por ninguém." E nem por isso tiramos a autoridade, com esta explicação, do mensageiro superior que nos trouxe a seu tempo, e como pôde, aquela que é considerada a Primeira Revelação dentro da seqüenciação que de mais perto nos interessa considerar.

Voltando ao objetivo de nossas exposições, se em verdade Moisés tivesse porventura condenado o exercício da mediunidade, como apressadas conclusões de má-fé que procuram ver em suas palavras uma ordem de se deixar os "mortos" em paz, de início seria exatamente por ser isso possível, pois não se condena o impossível. Além disso, restaria saber se os convocamos de fato, e muitas vezes o fazemos até pelo pensamento, pela saudade, pelas recordações, ou se de outro lado são eles que nos querem falar, atestando que na realidade estão vivos e de que não nos esquecem, que precisam de nossas orações ou têm condições de nos ajudar. Do contrário, Moisés é que estaria em contradição consigo mesmo (faça o que eu digo...). Além do mais, se tivéssemos que obedecer a líderes de outros princípios além dos nossos, além de percorrer os meandros da Bíblia, tentando

reconhecer a diferença entre a letra que mata e o espírito que vivifica, como se diz, quem sabe teríamos que conhecer o Alcorão e mandar perguntar aos iatolás como agir... Entendamos, o Senhor de Israel defendia ainda os seus exércitos, tais são as narrativas, e o Supremo Senhor dos Mundos não poderia fazê-lo em detrimento dos outros filhos. Contudo, o grande médium e legislador hebreu não condenou a mediunidade, viveu cercado dos fenômenos mediúnicos, reconheceu a necessidade do intercâmbio ("Não havendo isso o povo se corrompe, oxalá todo o povo fosse profeta..."). Também o Cristo no Tabor nos dá a revelação de Moisés e de Elias materializados diante dos olhares atônitos dos apóstolos.

A fenomenologia espírita está evidenciada, dêem-se-lhe o nome que quiserem, inventem-se explicações que se desejar. Proibir fatos naturais é como proibir a chuva de cair ou o Sol de nos trazer os seus raios vivificantes.

## O passe e o impasse

Há relatos que são por si só instrutivos. Há equívocos que precisam ser esclarecidos. Contaram-nos isso há já algum tempo.

Certo cidadão novato nas lides espíritas começou por onde muitos começam, ou seja, na abençoada tarefa do passe, a que se afeiçoara. Tudo ia bem, mas de certo faltavam-lhe, ver-se-á, o conhecimento que advém do estudo e de um maior amadurecimento, fruto da experiência vivida. E vejam no que deu. Adquirira um sentimento de auto-suficiência e, diga-se, em princípio tal sentimento será até positivo na medida em que se conheça bem o que se diz e, nos devidos limites, o que se faz. Vamos à ocorrência.

Uma família não espírita estava às voltas com um doente grave ao qual dispensava todos os recursos possíveis. Em momento extremo resolveu abdicar de seus preconceitos e apelar para a presença de um espírita, na esperança de que um passe ministrado devolvesse ao enfermo a saúde.

O termo é pouco feliz, mas consagrado, é a perfusão de energia vital pela imposição das mãos. Pois bem, ocorreu ao lar exatamente o entusiasmado cidadão para a ministração do posse. Não sabemos se foi só, talvez não houvesse formado uma pequena equipe, de sustentação e apoio. Não sabemos se dedicara alguns instantes à preparação íntima e à harmonização do ambiente. Propôs-se de boa-fé ao trabalho com a melhor intenção, queremos crer. E tão seguro se achava que asseverou, já então muito por conta própria, fiel ao que habitualmente acontecia, que o doente haveria de curar-se. "- Dessa ele não vai -" teria assegurado. Imediatamente após o passe, porém, o doente expirou...

Teria sido benéfico para o doente - aventuramos nós - a doação de energias, senão reparadoras, mas que o ajudariam a desprender-se. A prece, a expectativa dos familiares teriam criado condições favoráveis à atuação de Espíritos benévolos, ajudando-o no desprendimento. Vá alguém dizer isso a uma família que o

deseja reter a qualquer custo ainda que em sofrimento e se verá o que acontece. Mas nem isso lhe teria ocorrido à lembrança provavelmente. Nem tempo teria tido para explicações. Foi expulso da casa sumariamente. E a família, daí em diante, passou a detestar o Espiritismo e todos os espíritas, responsáveis, a partir daí, pelo insucesso irreparável, incapazes todos sem dúvida do decantado milagre com que contava como última tentativa. Sobretudo pela esperança que parecia renascer nas apressadas palavras que a prudência deveria guardar, assinalada nas afirmativas do Cristo, na prece dominical: "Seja feita a vossa vontade e não a nossa, assim na Terra como nos Céus".

Desse fato se podem tirar lições e é isso o que desejamos. A de que nunca operamos em frontal desacordo com a Lei Natural. A de que acima das nossas expectativas estará a vontade superior que rege os destinos humanos. Nem sempre a Misericórdia Divina, porque sábia, opera conforme a nossa vontade. A de que não podemos nos julgar infalíveis, afiançando algo que não depende de nós. E isso não constitui falta de fé, mas de observação. A humildade e a submissão à vontade de Deus são pontos básicos que não podemos esquecer.

Digamos, já agora especulando por nossa conta - e isso é também importante de considerar - que o referido confrade tivesse mesmo recebido de seus assistentes, com os quais houvera sintonizado, o que às vezes acontece, a informação mente a mente de que o paciente para logo estaria curado. E isso precipitasse a sua afirmação à família. Estamos formulando uma hipótese. Note-se que é comum os Espíritos empregarem figuras para dizerem uma verdade diferente daquela pela qual esperamos. E que realmente, livre das mazelas de um corpo doente, uma vez libertado, viesse a estar muito em breve curado. Nessa hipótese, faltar-lhe-ia também capacidade de interpretação a que a experiência o deverá conduzir. Quem estuda a Doutrina chega a um descortínio diferente em relação àquele que apenas ouviu falar de Espiritismo e pensa que sabe o suficiente. Não basta nem mesmo comparecer à casa espírita e se dizer espírita, familiarizando-se simplesmente com o que vê, adquirindo uma certa prática. Quem estuda o fenômeno de transmissão energética através da imposição das mãos, que não é privilégio do Espiritismo mas que adotamos de hábito em nossas casas por eficiente e compatível, sabe que não se operam milagres. Mas que benefícios ocorrem consoante a necessidade e a possibilidade de recepção por parte do paciente. Ora, nesse caso, se a necessidade eventualmente é a da libertação, muito provavelmente esta será facilitada, o que ocorreu no evento. Nenhuma novidade.

Um dado pelo menos curioso: Por diversas vezes um confrade muito amigo nosso ministrou passe a doentes graves que logo a seguir partiram com tranqüilidade. Alguém, até mesmo, por brincadeira, recomendou que, se adoecesse, não o chamassem à beira do leito... Uma peculiaridade? Não, não cre-mos. Coincidência de proximidade de casos registrados em nosso meio. Tratar-se-ia de uma forma especial de eutanásia? Não, simplesmente porque

nenhuma ação ou intenção haveria nesse sentido. Sempre se pede que seja feita a vontade de Deus e não a nossa, já o dissemos. E nós sabemos que, dentro dessa vontade superior, alguns Espíritos se incumbem dessa tarefa, sem detrimento de nossa ajuda, bem como, por outro lado, da recepção dos recém-chegados à outra vida.

Lembremo-nos, a propósito, de pelo menos três importantes fatores que se constituem em dificuldades para o desenlace iminente: o apego aos bens; o pavor do desconhecido; e a rede retentora formada pelos pensamentos dos circunstantes, em geral os familiares. Recordamo-nos de certa manifestação mediúmica de vivo, desdobrado pela tenuidade dos laços, face a longa enfermidade, pedindo que orássemos por ele, já que a família o retinha ao corpo desgastado e pelo contrário ele estava ansioso pela libertação. Isso também acontece. Afeto, mas também um certo grau de incompreensão.

Ainda uma outra eventualidade: uma existência pode ser prolongada além da expectativa que formamos, por desígnios superiores, o que é um outro caso, e aí a melhora sobrevém. Por isso, a contribuição das energias vitais pode ser aproveitada. Um dia que seja, uma semana, podem representar muito para alguns de nós em momentos decisivos. Esse prolongamento, seja pelo tempo que for, é o que costumamos chamar de moratória.

Enfim, a morte física, como impositivo de renovação, é uma fatalidade em si a que todos estamos submetidos a partir do instante em que renascemos. Mas a vida esplende sempre. E os laços que firmamos na Terra como nos Céus, harmônicos ou desarmônicos, não se desfazem como por encanto. Os seres amados continuarão ligados entre si por vínculos indissolúveis do afeto e todo o bem que aqui construirmos se refletirá na vida espírita, infinita e progressiva.

## O círculo da oração

Não importa a religião, a forma de culto, o idioma falado, o hemisfério, o continente, a cultura, a hora, a classe social. Vale o sentimento. Nem que nos dirijamos em nossa invocação aos Céus, a Deus diretamente, a Jesus, a Maria, aos santos, aos bons Espíritos, às forças superiores sem as personalizar. Vale a intenção. Nem mesmo que designemos o fulcro de nossas orações de Supremo Arquiteto, de Deus, de Pai, de Criador, de Eloin, de Jeová, de Alah, de Tupan e assim por diante. Nem que cumpramos ou deixemos de cumprir ritualismos aqui e ali instituídos e convencionados. Vale a ligação que possamos estabelecer com as fontes de todo o bem. Importa tenhamos acionado forças recônditas interiores através de nosso campo mental e que o façamos com fé, com sentimento, com alma e coração, como se costuma dizer. Que sejamos sinceros, quer usemos gestos ou não, pronunciemos determinadas palavras ou os invoquemos sem as pronunciar, em dadas circunstâncias. Se pudermos falar em circuito de forças é justo reconhecer

o valor da oração em conjunto, o valor do círculo de orações. Recomenda Eustáquio em "À Luz da Oração": "Se nos sentimos fracos, peçamos o concurso de um companheiro, de dois companheiros ou mais irmãos porque as forças reunidas multiplicam-se..." E ainda Mateus (18:20): "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome estou Eu no meio deles."

Eis que chegamos às preces coletivas. E assim à oração em família. A oração e ao trato do Evangelho, que nos estimula, propiciando o clima psicológico ideal para a prece em conjunto. E o lar é onde estão aqueles que têm compromissos de reencontro sob a bênção do mesmo teto. "- Quando o Evangelho penetra o lar" - diz Atura Celeste na pena de Divaldo em "Crestomatia" - "o crime bate em retirada. Com a mensagem clara da Boa Nova a alegria renova os corações e alimenta as almas."

Fala-se em "culto no lar" ou "culto do Evangelho no Lar" e há muita gente que se aborrece com essas expressões. Implicaria, dizem, teoricamente numa formalização. Estaríamos beirando um ato litúrgico... Mas culto é ato de adoração e está nas leis naturais. Prestamos ou não nosso culto a Deus? Ora, as criaturas se reúnem em casa, habitualmente em uma sala, podendo ou não colocar-se em tomo de uma mesa, momento em que abrem livros e lêem páginas de conteúdo moral e evangélico, meditando sobre elas, comentando o que se leu, buscando orar em conjunto. Para isso se escolhe dia e hora, para se formar uma predisposição e acomodação de todos. André Luiz em "Missionários da Luz" (pág 129) explica: "- A mesa familiar é sempre um receptáculo de influências de natureza invisível. Valendo-se dela, medite o homem no bem, e os trabalhadores espirituais, nas vizinhanças do pensador, virão partilhar-lhe o serviço no campo abençoado dos bons pensamentos; conserve-se a família em plano superior, rendendo culto às experiências elevadas da vida, e os orientadores da iluminação espiritual aproximar-se-ão, lançando no terreno da palestra construtiva as sementes das idéias novas, que então se movimentam com a beleza sublime da espontaneidade." E Neio Lúcio, na pequena e singela obra "Jesus no Lar" explicita um diálogo em que o Mestre teria dito a Pedro: "- Acendamos aqui, em tomo de quantos nos procuram a assistência fraterna, uma claridade nova. A mesa de tua casa é o lar de teu pão. Nela, recebes do Senhor o alimento para cada dia. Por que não instalar, ao redor dela, a sementeira da felicidade e da paz na consciência e no pensamento? O Pai, que nos dá o trigo para o celeiro, através do solo, envia-nos a luz através do Céu."

Sente-se aí a simplicidade do apelo. A oportunidade que se cria. Orar em conjunto, na intimidade do lar. Para outras mentes, quem sabe desavisadas ou que porventura guardem um certo preconceito, radicais contra o formalismo, haveria aí um pragmatismo igrejeiro que trouxesse os ingredientes disfarçados do ritualismo à semelhança de muitos cultos religiosos tradicionais. E o ritualismo não se compadece de nossos propósitos. Todavia, o que nos parece é diferente. A

menos que por saudosismo, por cristalização de velhas práticas, venha alguém a instituir ritualismos esses e aqueles. Do contrário, a espontaneidade de um encontro de corações no doce aconchego do lar, a simplicidade com que seja encarada a reunião, a desconcentração dos familiares, a ausência de preocupações de eloqüência e cultura, a ausência de gestos convencionais, tudo isso serão uma constante segurança de não transformarmos a prece íntima do círculo doméstico em rito formal. E isso é importante que se considere. Analisando o valor da prece como vimos de fazer, o significado, para os moradores, de um círculo de orações, como objetar no caso? Então, porque marquemos dia e hora, porque nos disciplinemos para tanto, estaríamos tão-só por isso transformando o ato de uma prece em formalidade? Porque nos preparemos em termos de ambientação? Sê-lo-ia porventura se rios esquecêssemos dos fundamentos do próprio ato. Também aos Espíritos Superiores agrada a disciplina e se a disciplina for algum dia condenada não haverá de sê-lo pelo Espiritismo. Sobraria apenas a desculpa dos que não assumem a responsabilidade do trabalho. E de que trabalho - o da oração, do encontro com Deus.

Há quem use uma outra maneira de expressar-se com relação ao chamado culto do lar: há muita gente que se refere à igreja doméstica, talvez recordando os primeiros cristãos na casa do caminho. Sem a chancela de muitos adeptos radicais. As primeiras reuniões eram assembléias populares dos homens do caminho, mesmo antes de se chamarem cristãos. Igreja vem do latim Ecclesia e significa isso mesmo, assembléia.<sup>2</sup> Mas é evidente que hoje em dia toma conotações específicas. Pode não ser, por isso, a melhor opção. Mantenhamos, contudo, o nosso simples e desprezioso círculo de orações. Ele é mais importante do que muitas vezes possamos imaginar à primeira vista.

Recentemente tomamos conhecimento de uma resolução de congresso na Venezuela que declara errônea a expressão "culto do Evangelho no lar", já que o Espiritismo não possui cultos de nenhuma espécie. Mas reconhece que "tanto no fundo como na forma devem estimular-se as reuniões espíritas no lar." O que o Espiritismo não tem de nenhuma espécie é culto exterior. As questões 649 e seguintes de "O Livro dos Espíritos" são claras demais a respeito. E uma questão de termos ou de não termos formalismos que redundem em ritos sistematizados, caindo na liturgia que se viesse a formar. Mas as reuniões espíritas no lar ficaram salvas do preconceito, e isso é mais importante.

Na obra "Luz no Lar" é Scheilla quem nos diz: "Sustentemos em casa a chama de nossa esperança, estudando a Revelação Divina, praticando a fraternidade e crescendo em amor e sabedoria, porque, segundo a promessa do Evangelho Redentor, onde estiverem dois ou três corações reunidos em Seu nome, aí estará Jesus, amparando-nos para a ascensão à Luz Celestial, hoje, amanhã e sempre.

<sup>2</sup> Também "sinédrio", que vem do grego, significa assembléia, reunião.



# "Oração e idolatria

Por muitos séculos ninguém que se dissesse cristão poderia fazê-lo sem que isso implicasse em ser católico, quer romano ou ortodoxo. Era o que existia. Muitos que tentaram renovar conceitos estatuídos, que contestaram dogmas conciliares eram chamados de hereges e condenados à morte em nome daquele que ensinou o "amai-vos". Muitas mortes, foi o preço da Reforma luterana. Mas isso é cousa do passado.

No Brasil coube aos jesuítas a catequese dos índios e todo o esforço de colonização se processou sob o signo da Cruz. Na Monarquia o Catolicismo era a religião oficial do Estado. Natural que essa influência se mantivesse através dos tempos, como por exemplo nos cultos afro- católicos tão acentuados na Bahia. E na Toponímia. As cidades brasileiras quase todas surgiram em torno do adro de uma igreja. Liberdade de crença e de sua manifestação haveria de virem com o tempo.

Mas a evolução desses fatos é bem mais profunda e haveria de ser até mesmo um tanto natural. Quando da Codificação do Espiritismo, vindo como o Consolador, o Espírito de Verdade, que Jesus prometera (João, XIV: **15 a 17 e 26**), cercou-se de uma plêiade de Espíritos luminosos encarregados de uma importante missão coletiva. E dela fizeram parte vários deles que haviam exercido na Terra destacadas tarefas no labor cristão. Ora, na Terra, quando estiveram conosco, o único caminho a palmilhar era obrigatoriamente aquela estrada aberta que o Cristianismo oferecia ao mundo, a Igreja, cujo papel na História da Civilização não pode ser menosprezado. Nem vamos aqui considerar equívocos registrados ao longo da História mesma, porém reconhecer que, dessa forma, já então puderam reformular conceitos, porque na condição de Espíritos retomados dos labores terrenos. É por isso que se vêem ao lado do Codificador, no momento preciso, São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís de França... ("O L. dos Espíritos" - Prolegômenos). Pergunta-se às vezes por que Kardec conservou nas obras a designação de santos referentes à instituição do hagiológico. Naturalmente para que não os confundíssemos com homônimos quaisquer. Não daria o mesmo com Sócrates nem com Swedenborg.

Mas vamos encontrar pelos brasis a fora as casas espíritas tendo como patronos a São Luís Gonzaga, São João Batista, São Francisco de Assis, ou mesmo sem esse designativo, Grupo João Batista, Grupo Antônio de Pádua, Grupo Teresa de Jesus. Até mesmo "Santíssimo Espírito Santo"... Ou o Grupo Confúcio, fugindo aos signos da Igreja. E aqui é importante reconhecer que as justas homenagens patronímicas são frutos de um fato bem claro, o ecumenismo, assim o classificaremos. Os Espíritos muito elevados não estarão beatificamente prostrados, inertes, diante do Pai, em contemplação indefinida e adoração incessante. Tenham ou não tenham sido reconhecidos como santos, quer dizer, canonizados ou beatificados. Pelo contrário, justamente porque elevados, e a

estes é que nos referimos, integram falanges de trabalho para o amparo providencial onde seja possível, acolhendo corações sinceros em suas orações. Evocados pelos devotos, por que não; mas não se limitando exclusivamente a estes. "- Meu Pai trabalha, disse o Cristo; e Eu também trabalho." O estado contemplativo não se compadece dos ensinamentos do Cristo.

O que não é de entender-se é que além da prece, da manifestação de fé, do reconhecimento do amparo espiritual, excedamo-nos, com manifestações de culto exterior como nos casos de santinhos no peito, velas no pedestal ou atitudes dessa ordem. Isso poderia parecer expediente de certo primarismo ou infantilidade ainda no final do século XX... para os espíritas, é claro. Cada seita com os seus costumes; e, dentro do seu contexto, nada a criticar em absoluto. Se a criatura se diz espírita e ainda sente necessidade dessas coisas, apenas estranhamos. E tem mais, uma questão bem séria. Não homenageamos apenas Espíritos bons que a Igreja perfilhou, não invocamos tão-só a eles. Oramos também comumente para Benfeitores - e são muitos - que se afinizam conosco, como seria natural. E é justo e bom que o façamos. Mas é importante que não transformemos essa manifestação compreensível em idolatria, como se tivéssemos o nosso hagiológico próprio, os "santos" de casa... Isso, não! Um posicionamento é muito diferente do outro. Já vimos preces em formato de cruz, preces louvaminheiras, preces impressas guardadas como amuleto na carteira, efígie de Bezerra de Menezes para dar sorte e assim por diante. A Doutrina não tem culpa disso. Bastaria estudá-la!

Merece nosso destaque este trecho da obra "O Homem Integral", de Joanna de Ângelis, médium Divaldo Franco: "A religiosidade é uma conquista que ultrapassa a adoção de uma religião; uma realização interior lúcida, que independe do formalismo, mas que apenas se consegue através da coragem de o homem emergir da rotina e encontrar a própria identidade."

## Oração e silêncio

Absorvemos por vezes frases feitas e nem sempre as examinamos em profundidade. Há uma sentença corrente que diz: "O silêncio é uma prece". Lembra o dito popular: "O silêncio é de ouro".

O silêncio é uma prece... Sê-lo-á? Em termos. Sim, o silêncio é uma prece quando silenciemos as nossas mágoas procurando esquecê-las. Quando trocamos pelo silêncio a palavra ferina prestes a espoucar de nossos lábios. Quando silenciemos diante da falta alheia evitando a divulgação descaridosa. Quando em silêncio, às ocultas, damos o óbulo da viúva ao irmão que precisa de ajuda. Quando elevamos o nosso pensamento em súplica justa sem articular palavras ou dirigimos o olhar de compaixão diante do próximo em desespero. Nesses casos a oração é a voz da alma falando com Deus no grande silêncio. Se mentalizamos as forças do bem, lágrimas à flor dos olhos, sensíveis e sentidas, nossa linguagem chega aos

Páramos da Luz. Nem sempre, contudo, o silêncio que nos cerca é o mesmo silêncio interior, nem sempre... Turbilham os pensamentos e, quem dirá, estamos até mesmo alheios, distantes, ansiosos, silenciosos. E esse silêncio não é prece!

Nem sempre o silêncio consente, como quer fazer crer o ditado popular. Nem sempre acordamos com ele aos desejos dos circunstantes.

Deseducados que somos, a absoluta maioria de nós, o que em geral ocorre conosco é isso, a dificuldade de concentração, a deseducação da mente. O mínimo que pode acontecer é o nosso silêncio não atrapalhar os outros em termos de ruído ambiente. Se não controlarmos bem a mente, com o silêncio dos outros, aí é que acontece darmos lugar a pensamentos fugidios, divagantes, por vezes incontroláveis, até sem registros edificantes, sem homogeneidade, desarmonicos. Prejuízo para nós mesmos, prejuízo para formação de uma psicofera salutar. Também, é claro, não teria nem mesmo cabimento algum durante reuniões em geral o vozerio, o falatório, o sussurro, até por mezinhos princípios de educação, bem lógico. Há momentos em que se pede silêncio e todos entendem bem isso. Referimo-nos aqui ao silêncio forçado de caráter sacramental, evidentemente de feições místicas, com aquele ar de beatitude, constrangedor, coercitivo, quando imposto pela rigidez de umas tantas normas de pieguismo, além, toda vida, do natural respeito que o ambiente da casa está a indicar. Talvez queiram alguns institucionalizar uma educação mental sistematizante. Isso é possível de ser feito. Seria, entretanto, um exercício metodizado que se esteja implantando para um grupo de trabalho determinado, um trabalho de mentalização, o que é bem diferente. O comum de nós, sem um exercitamento da vontade, normalmente não conseguimos permanecer por mais de uns dois ou três minutos em silêncio sem divagar, a menos que tenhamos forte motivação. Pode-se então pedir que todos permaneçam em oração silenciosa por algum tempo, renovar o pedido mais adiante, sugerir idéias que facilitem a condução dos pensamentos, tudo isso enquanto se preparam os trabalhos. Podemos apelar também aos favores da música ambiente adrede selecionada, ou sugerir que todos ou alguns cantem em conjunto como recurso de preparação para o desenvolvimento dos trabalhos da casa espírita e das preces feitas nesse ensejo. Diríamos que no primeiro caso criaríamos uma espécie de silêncio dirigido. Não o silêncio-repressão. E no segundo evitaríamos de certo modo a dispersão dos pensamentos, pelo envolvimento musical. E não se vá dizer que a música e o canto incorporam a liturgia de outras instituições de natureza religiosa. Porque a música é universal. Universal e ecumênica. É uma expressão do Belo. E o Belo está em Deus.

Por tudo isso que dissemos, que nos desculpem a sinceridade e não nos levem a mal. Dizer pura e simplesmente que o silêncio é uma prece nos parece um tanto impróprio ou apressado. Seria esperar muito de nós mesmos. Que podemos fazer prece em silêncio ou que devamos silenciar acompanhando mentalmente a prece que esteja sendo feita, concentrando-nos no seu objetivo, isto sim. Até mesmo é

recomendável que ela não se estenda porque não serão as muitas palavras que importam e até mesmo porque seria difícil mantermo-nos por muito tempo em intensa concentração. Podemos silenciar enquanto em prece. Muito bem. Mas nem sempre o silêncio é uma **prece**. Nem todo silêncio. Senão, no mínimo, os mudos seriam ascetas... Vale, e vem muito a propósito - mas vejam a diferença de situação - o que nos fala ainda uma vez Emmanuel, aqui na obra "Palavras de Vida Eterna", nº **145**: "Às vezes o ambiente surge tão perturbado que o único meio de auxiliar é fazer silêncio com a luz íntima da prece." Ou ele mesmo em "Vinha de Luz", cap **98**: "A oração é divina voz do Espírito no grande silêncio."

## Orar e vigiar

Desde que constituída, sofre a Doutrina inúmeras invectivas que tentam obstar não só a sua divulgação como a compreensão exata dos propósitos a que veio, ou seja: (a) desenvolver o sentimento de religiosidade; (b) estimular a resignação diante das vicissitudes que não possam ser vencidas; (c) levar as criaturas à indulgência para com os semelhantes; (d) permitir um maior entendimento das leis de Deus e de sua Justiça. Tudo isso dentro do "amai-vos e instruí-vos".

Ainda ao tempo do Codificador inventaram que seria ela um partido político disfarçado. De tempos em tempos desejam vinculá-la a interesses ou a práticas inferiores. Até mesmo envolvê-la com certas correntes ideológicas do socialismo ateu, por uma inversão total de suas propostas, contra o que temos as palavras de Léon Denis ("Socialismo e Espiritismo") e Deolindo Amorim ("O Espiritismo e os Problemas Humanos"). Advogam outros uma pretensa necessidade de atualizar a Codificação como se ela estivesse ultrapassada, superada por novos avanços da Ciência. Pelo contrário, esta é que marcha ao encontro das verdades espíritas, embora se abstendo de reconhecê-lo e usando nomenclatura própria.

Outra tentativa de atingi-la é a de negar-lhe os fundamentos religiosos. Com isso, consideram a prece como dispensável, ranço de velhos costumes das religiões. Seria uma prática inútil, puramente mística, formalidade inoperante. Choca-se essa suposta inoperância com a realidade dos fatos, que vimos de considerar nos capítulos precedentes. E haveria de ser um escritor de nomeada, consagrado no meio cultural espírita, autor de muitos livros de embasamento científico, refutando cientistas, o inolvidável Dr. Carlos Imbassahy, quem haveria de nos oferecer toda uma obra - "Religião" - terminando-a com um longo capítulo sobre o valor da prece.

Muitos definem religião como sendo a prática de atos devocionais onde situar as manifestações da fé. Se é verdade que a fé sem obras é nula, não será nula porém por faltarem os ingredientes das manifestações exteriores do culto. Nada teríamos em absoluto contra religiões organizadas e reconhecemos até mesmo que exercem elas relevante papel, até porque a grande maioria das pessoas se deixa

estimular pelo que vê, isto é, pelas pompas, pelos paramentos, pelos cerimoniais, pela majestade dos atos, enquanto que a simplicidade dos tempos apostólicos não impressionaria tanto. E os líderes religiosos sabem disso. Mas temos o direito ao nosso culto íntimo e nos convencemos de que nisso depositamos a fé pequenina do grão de mostarda.

Os argumentos contra o que seria o aspecto religioso começam pelo que muitos consideram essencial em qualquer religião, a crença no sobrenatural. Afinal, o milagre. Só o milagre canoniza os santos... Se, em nosso entender, nada há de sobrenatural que mostrasse a predileção da Providência Divina pelo crente dessa ou daquela religião em detrimento das outras, em prejuízo da ordem que preside a tudo no Universo, então, querem dizer-nos, não haveria aí religião. Os religiosos, de um modo geral, cada um deles, considera a sua religião a eleita de Deus. Parece até que Deus os ama somente a eles. Os demais estão "no pecado". Já o espírita esclarecido sabe ou deve saber antes de mais nada que não cabem privilégios diante da Lei de Deus. Nem fatalismo, nem acaso, nem graça imerecida. Ora e pede as bênçãos da Misericórdia que cabe indistintamente a todos os filhos do mesmo Pai. E recebe-a sim, a que é dada a todos que têm fé e fazem por merecê-la. E não estão aí as evidências da crença?! Não é a Doutrina que nos esclarece e leva a criatura a entender assim? A entender a Justiça Divina imparcial e serena, em harmonia plena com a Bondade Infinita?

Ora, ao tempo de Kardec, com o descrédito que as religiões sofriam nos meios intelectuais, a ascensão do positivismo, o poder remanescente do Romanismo ainda impondo o autos-de-fé, com os cismas, a radicalização e as guerras religiosas, com o conceito ainda vivo de que estruturas sacerdotais eram imprescindíveis à constituição de religiões, era mais do que natural e intuitivo que o Codificador reservasse para uma fase ulterior, concluído o monumento do Consolador, o anúncio de que, do ponto de vista filosófico, o Espiritismo é uma religião. Pela metodologia, pela experimentação, pelas implicações do ternário - uma Ciência; pelas respostas às indagações da alma humana sobre os grandes problemas transcendentais da vida - uma Filosofia; pelo que preenche em nosso foro íntimo o espaço ideal das religiões e dos credos, robustecendo a fé e reformulando moralmente a criatura - a Religião por excelência. Continuemos, por tudo isso, a amar e a intruir- nos. A orar e a vigiar.

## Em tomo da prece

Sem maiores pretensões repassamos o que se encontra escrito a respeito da prece em diferentes obras espíritas, colhendo pensamentos de encarnados e desencarnados e de tudo resulta que se trata de precioso instrumento de que dispomos e que devemos conhecer bem para saber manejá-lo com proveito. Provavelmente, haverá quem saiba dizer mais e melhor tudo isso, ou que de melhor

forma recolha quanto há de esparso na literatura espírita sobre o assunto. Aqui, no entanto, a nossa contribuição. Mas não queremos finalizar estes apontamentos antes de transcrever na íntegra o que disse Joanna de Ângelis em "Messe de Amor", médium Divaldo Pereira Franco:

"A maioria dos crentes espera encontrar na prece um instrumento de libertação do sofrimento, por processo de superação impossível.

"Ora como se alimenta: para viver bem.

"Todavia, a prece, diferindo do alimento físico, é estímulo que ajuda o homem a bem viver. Veículo de luz e pão da vida.

"Quando a alma consegue manter o estado oracional, não pede: doa-se.

"Não roga liberação do sofrimento, pois nele encontra a lição corretiva da vida, regularizando os compromissos nos quais fracassou. A prece toma-se, então, racional, objetiva (grifo nosso). Conduz a alma confiante às nascentes da vida, oferecendo-lhe a força de sustentação para suportar o fardo que deve carregar.

"A prece constrói a ponte ou o telefônio que faculta a conversação com o Senhor, ao invés de somente proporcionar inspiração para liberar o pedinte do fardo do Senhor.

"A oração pode ser comparada à enxada laboriosamente movimentada no solo, onde se vai semear. É necessário saber conduzi-la bem.

"Inutilmente rogará o agricultor ao solo que abra seu ventre, para que ali se coloquem sementes produtivas. Também será improfícuo solicitar à Madre Divina que se dilate em bênçãos, sem o laborioso esforço que granjeia o mérito.

"Busca, assim, o coração de Jesus - o solo sublime - atingindo-O com a enxada abençoada da tua prece. Movimenta teus esforços, e as sementes do Céu, através Dele, se transformarão, oferecendo-te o pão necessário para uma vida feliz em teu roteiro de lutas.

"Ora e suporta as dores.

"Ora e aceita as correções necessárias.

"Ora e busca haurir forças para continuar. "Orando, chegarás ao Senhor, que te deu, na prece, um meio seguro de comunicação com a Infinita Bondade de Deus, em cujo seio dessedentarás o espírito aflito..."

Dentro desse sentido em que se deva orar, tão diferente da lamúria ou da revolta, da instabilidade emocional ou da queixa, há um sem número de preces que poderiam ser trazidas aqui, mas que o leitor encontrará facilmente se necessário recorrer a textos que facilitem esse objetivo, se em algum momento sentir mais segurança nesses. "O Evangelho segundo o Espiritismo", ou a separata "A Prece", de Allan Kardec, por exemplo. Mas seria válido lembrar a assinatura de Emmanuel nesta em que fica bem expresso o imperativo de reformulação da vida por parte daquele que ora:

**ORAÇÃO NOSSA**

"Senhor, ensina-nos: a orar sem esquecer o trabalho; a dar sem olhar a quem; a

servir sem perguntar até quando; a sofrer sem magoar seja a quem for; a progredir sem perder a simplicidade; a semear o bem sem pensar nos resultados; a desculpar sem condições; a marchar para a frente sem contar os obstáculos; a ver sem malícia; a escutar sem corromper os assuntos; a falar sem ferir; a compreender o próximo sem exigir entendimento; a respeitar os semelhantes, sem reclamar consideração; a dar o melhor de nós, além da execução do próprio dever, sem cobrar taxas de reconhecimento;

"Senhor, fortalece em nós a paciência para as dificuldades dos outros, assim como precisamos da paciência dos outros para com as nossas dificuldades.

"Ajuda-nos para que a ninguém façamos aquilo que não desejamos para nós.

"Auxilia-nos, sobretudo, a reconhecer que a nossa felicidade mais alta será, invariavelmente, aquela de cumprir-Te os desígnios onde e como queiras, hoje, agora e sempre."

Médium: Francisco Cândido Xavier.

Se, neste esboço bibliográfico, alguém encontrar estímulo ao cultivo da prece ou elementos para uma pesquisa mais aprofundada do assunto, estaremos recompensados.

## Bibliografia

Salvo omissões involuntárias, foram consultadas as seguintes obras:

Amorim - Deolindo

"O Espiritismo e os Problemas Humanos" "Reflexões sobre a Prece in

"Desobsessão" 07/76 Ângelis - Joanna de (D. P. Franco)

"O homem integral"

"Messe de Amor"

Bozzano - Ernesto "Pensamento e Vontade"

Branco - Camilo Castelo (I A Pereira) "Memórias de um Suicida"

Brito - Thereza (J R Teixeira)

"Vereda Familiar"

Carrel - Alex

"A Prece é força" in RIE 01/77 Campos - Humberto de (F C Xavier)

"Boa Nova"

Celeste - Aura (D. P. Franco)

"Crestomatia da Imortalidade"

Cerinto (F C Xavier) in "Vozes do Grande Além"

Denis - Léon "Depois da Morte"

"Socialismo e Espiritismo"  
"Síntese doutrinária e prática do Espiritismo" Emmanuel (F C Xavier)  
"À Luz da Oração" - antologia "Palavras de Vida Eterna"  
"Escrínio de Luz"  
"O Consolador"  
"Mãos Marcadas"  
"Pensamento e Vida"  
"Vinha de Luz"  
Espírita - O redação, jan/86 Eurfpedes (F C Xavier) in "Seareiros de Volta"  
Flammarion - Camille "A Morte e seus Mistérios"  
Imbassahy - Carlos "A Missão de Allan Kardec"  
"Religião"  
Jacinto · Roque "Passe e passista"  
João de Deus (F C Xavier) in "Parnaso de Além-Túmulo"  
Kardec - Allan "O Livro dos Espíritos"  
"O Livro dos Médiuns"  
"O Céu e o Inferno"  
"O Evangelho segundo o Espiritismo"  
"A Prece" - separata  
"Revista Espírita" anos 59/61/62/79 Lúcio - Neio (F C Xavier)  
"Jesus no Lar"  
Luiz - André (F C Xavier)  
"Ação e Reação"  
"Entre a Terra e o Céu"  
"Nos domínios da Mediunidade"  
"Os Mensageiros"  
"Mecanismos da Mediunidade"  
"Missionários da Luz"  
Luiz - André (W Vieira)  
"Conduta Espírita"  
Mattos - J Simões  
"O Espiritismo e a Prece", in "O Clarim" 04/78 Michaelus .  
"Magnetismo Espiritual"  
Miguel - Alfredo "Apologia da Prece"  
Miranda - Manoel Philomeno (D. P. Franco) "Loucura e Obsessão"  
Netto - Aureliano Alves  
"A prece do ateu" e outras, jornais diversos  
Pensamento (Editora) "Orações Ocultas"  
Peralva - Martins  
"O pensamento de Emmanuel"  
Prisco - Marco (D. P. Franco)



"Momentos de Decisão"

Ranieri - Rafael

"Forças Libertadoras"

Rodrigues - Amélia (D. P. Franco) in "Crestomatia da Imortalidade"

Serrano - Geraldo

"A prece segundo o Espiritismo"

Scheilla in "Luz no Lar"

Teixeira - Cícero

"Psicosfera e Oração, in "Desobsessão" 06/77 Vinícius

"Em tomo do Mestre"

Waxman - Perry in RIE

João, Marcos e Tiago in "Novo Testamento"

' > CARO LEITOR

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

☆ -A A A A

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal.

ít A ☆☆☆

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

à A ☆ A ☆